

Retratos de uma Educação com Surdos: Boas Práticas no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras

Vanessa Regina de Oliveira Martins
Regina Célia Torres
Clarissa Bengtson
(Orgs.)



3º campeonato artístico-literário
para alunos surdos

#casalibras



EDESP-UFSCar

**Retratos de uma Educação com
Surdos: Boas Práticas no 3º
Campeonato Artístico-Literário do
#CasaLibras**



EDESP-UFSCar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar

REITORA
Ana Beatriz de Oliveira

VICE-REITORA
Maria de Jesus Dutra dos Reis

Realização:



Apoio:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Esta publicação foi financiada com o apoio do Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI) e, no âmbito desta, pela Diretoria de Políticas de Educação Bilingue de Surdos (DIPEBS), em parceria com a PROEX/UFSCar (Processo nº 23112.004320/2021-18) e com apoio da FAPESP (Processo nº 2023/12886-5).

Vanessa Regina de Oliveira Martins
Regina Célia Torres
Clarissa Bengtson
(Orgs.)

**Retratos de uma Educação com
Surdos: Boas Práticas no 3º
Campeonato Artístico-Literário do
#CasaLibras**



EDESP-UFSCar

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

R437 Retratos de uma educação com surdos: boas práticas no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras / organizadoras Vanessa Regina de Oliveira Martins, Regina Célia Torres, Clarissa Bengtson. – Documento eletrônico. – São Carlos: EDESP-UFSCar, 2025.

408 p.

Modo de acesso:

ISBN – 978-65-89874-84-3

1. Educação de surdos. 2. Arte surda. 3. Literatura surda. 4. Literatura em Libras.
I. Título

CDD: 371.91

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar
Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

Capa: Regina Célia Torres

Projeto Gráfico: Regina Célia Torres

Diagramação: Regina Célia Torres

Editores Executivos: Adriana Garcia Gonçalves, Clarissa Bengtson, Douglas Pino e Rosimeire Maria Orlando.

Conselho Editorial

Adriana Garcia Gonçalves (UFSCar); Carolina Severino Lopes da Costa (UFSCar); Clarissa Bengtson (UFSCar); Christianne Thatiana Ramos de Souza (UFPA); Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (UFSCar); Cristina Cinto Araújo Pedroso (USP); Gerusa Ferreira Lourenço (UFSCar); Jacylene Melo de Oliveira Araújo (UFRN); Jáima Pinheiro de Oliveira (UFMG); Juliane Ap. De Paula Perez Campos (UFSCar); Marcia Duarte Galvani (UFSCar); Maria Josep Jarque (Universidad de Barcelona); Mariana Cristina Pedrino (UFSCar); Nassim Chamel Elias (UFSCar) – Presidente; Otávio Santos Costa (UFMA); Rosimeire Maria Orlando (UFSCar); Valéria Peres Asnis (UFU); Vanessa Cristina Paulino (UFSP); Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCar)



EDESP-UFSCar

SUMÁRIO

Apresentação - Vanessa Regina de Oliveira Martins, Regina Célia Torres e Clarissa Bengtsonpág. 10

Prefácio - Patrícia Rezende-Curione, Bianca Pontin e Marisa Lima ...pág. 14

PARTE 1 – Entre teorias e estrutura: retratos do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras

O Campo de Girassóis: a sinalização menor na poesia de Cláudio Mourão inspirada em Van Gogh

[Guilherme Nichols, Vanessa Regina de Oliveira Martins e Lilian Cristine Ribeirão Nascimento]pág. 21

Poesia em Libras de Cláudio Mourão: releitura dos Girassóis de Van Gogh

[Vanessa Regina de Oliveira Martins e Cláudio Henrique Nunes Mourão]pág. 49

Processos de tradução e edição da poesia *Campo de Girassóis* de Cacau Mourão, inspirada em Van Gogh

[Anderson Marques da Silva, Anne Caroline Santana Iriarte, Rodrigo Vecchio Fornari e Tatiane Cristina Cardoso]pág. 82

Quem sou eu? Van Gogh: processos de criação do vídeo em Libras

[Ityara Aguiar da Silva Pinto Girke, Rodrigo Vecchio Fornari e César Augusto Girke]pág. 113

Literatura infantil, arte e inclusão na Educação Infantil: entre questionamentos e o esperar

[Aline Pinto]pág. 147

Dos encontros, das experiências e dos afetamentos: Campeonato Artístico-Literário para crianças surdas

[Márcia Lise Lunardi-Lazzarin e Tatiana Lebedeff]pág. 170

PARTE 2 – Dos Retratos de boas práticas educativas de professores vencedores do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras

Vivência e aprendizagem na Educação Infantil: o protagonismo surdo e uma jornada criativa com Van Gogh e a Libras

[Silvia Ventura Ortiz e Larissa de Oliveira Santos]pág. 192

Libras e Arte: o olhar poético no Sensível dos sentidos

[Laura Luiza Almeida da Silva Costa e Marcia Alves de Souza]pág. 220

Experiência exitosa de produção literária em língua brasileira de sinais com alunos surdos e ouvintes da EMTI Educação Bilingue Francisco Suderland Bastos Mota

[Maria Euzimar Nunes Rodrigues, Tania Vilero da Silva e Marfisa Bernardino Nascimento]pág. 250

A arte de Van Gogh na educação bilíngue de surdos: a releitura sob a perspectiva de alunos surdos do Ensino Fundamental II

[Lourdes Fátima Basilio e Diego da Silva Vaz]pág. 264

Relato de Experiência no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras

[Pedro Henrique Lopes Ribeiro]pág. 286

Transcrição artística Surda: Van Gogh, língua de sinais e poesia Surda

[Jailza dos Santos Martins e Róger Albernaz de Araujo]pág. 295

Releitura surda de obra inspirada em Van Gogh

[Gabriella Coelho Motta Pizzani, Danusa Cristina Duarte Ferreira e Freitas e Leandro Bruno da Silva]pág. 322

A releitura artística como modo de sociabilidade entre alunos surdos e ouvintes na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

[Edinéia de Fatima da Silva e Nicolas Alves Henriques]pág. 346

Sobre os Vencedores pág. 372

Últimas Palavras pág. 390

Considerações Finais pág. 391

Posfácio pág. 397

Sobre as Organizadoras pág. 400

Apresentação

O livro *Retratos de uma Educação com Surdos: Boas Práticas no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras* nasce da tessitura sensível entre arte, literatura e educação de surdos, entrelaçando mãos, gestos e olhares que transformam o cotidiano escolar em potência criativa e poética. Esta obra é, antes de tudo, um testemunho coletivo de que a educação bilíngue, em língua brasileira de sinais (Libras) e com surdos, quando vivida com arte, com afeto e com respeito à singularidade da experiência surda, é capaz de reinventar o mundo com as mãos.

Neste livro, vemos a presença de muitas mãos – mãos que narram, que pintam, que escrevem, que sinalizam – como as mãos de *Vincent van Gogh*, que por volta de 1880, aos 27 anos, iniciou sua trajetória artística, brindando a humanidade com sua paleta em tons de amarelo e sua intensidade expressiva, especialmente representada pelos girassóis vibrantes que se tornaram ícones de sua obra. Girassóis que não apenas florescem nas telas, mas que reverberam sensações e se tornam disparadores de novas criações.

Entre essas novas criações, estão as mãos de *Cláudio Mourão*, poeta, educador e surdo, que recria em Libras a paisagem aberta dos campos de girassóis de Van Gogh, produzindo uma poética visual em sinais – um quadro em movimento, uma pintura

sinalizada que atravessa a tela e chega ao corpo. Mãos que descrevem, sentem e interpretam a arte em outra língua, compondo uma releitura singular das obras do pintor holandês. A produção poética em Libras criada por Cláudio Mourão ganhou vida em português pela doce e potente voz de *Anne Iriarte*, integrante da equipe do #CasaLibras.

Também compõem esta rede as mãos de *Aline Pinto*, autora da delicada obra infantil sobre a vida de Van Gogh que inspirou a equipe do #CasaLibras a produzir uma versão videoliterária sinalizada, com a brilhante versão em Libras de *Ityara Girke*, também integrante do #CasaLibras. Todas essas produções em Libras ganharam vida própria ao serem difundidas nacionalmente como obras disparadoras do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, promovido entre agosto e outubro de 2024, com apoio da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

E estão presentes ainda as mãos de centenas de educadores de todo o Brasil que, atendendo ao chamado do #CasaLibras, se mobilizaram em suas escolas para construir, junto a seus alunos surdos e ouvintes, releituras artísticas a partir de obras de Van Gogh. Mas não pararam aí: integraram à produção artística elementos da cultura surda, inspirando-se também nas cores e nas formas de *Nancy Rourke*, artista surda contemporânea, cujo trabalho foi apresentado como referência estética bilíngue no

campeonato. Um campeonato, muitas vidas entrelaçadas: multiplicidade de trajetórias entre arte, literatura e educação de surdos.

Essas experiências culminaram nas produções sensíveis e potentes realizadas por crianças, adolescentes e adultos surdos das diferentes etapas da Educação Básica. Foram essas mãos que deram forma e beleza ao 3º Campeonato – mãos que desenharam, sinalizaram, colaram, moldaram e narraram novos mundos possíveis. A elas, o nosso profundo agradecimento.

Assim, este livro é feito de mãos – e por isso, nele vocês encontrarão muitas: mãos que pintam, que escrevem, que avaliam, que organizam, que traduzem, que produzem e que sustentam coletivamente a proposta do #CasaLibras. Estão aqui as mãos da equipe do programa, dos educadores da UFSCar, dos avaliadores, dos apoiadores institucionais, das agências de fomento, como a Fapesp, e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC), por meio da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (Dipebs).

Dividimos esta obra em duas partes. Na Parte I, apresentamos capítulos teóricos que contextualizam a construção do 3º Campeonato, os fundamentos pedagógicos, estéticos e políticos da proposta, além de uma análise dos resultados obtidos a partir da participação nacional. Na Parte II, damos voz às experiências docentes dos educadores vencedores em primeiro lugar nas cinco categorias: Educação Infantil, Ensino Fundamental I,

Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA)/Outros. São relatos que revelam os caminhos trilhados na criação das obras, os encontros pedagógicos promovidos com os estudantes e a relevância da conquista na trajetória de cada profissional.

Desejamos que esta leitura seja, para você, leitora e leitor, um deleite artístico e uma experiência sensível, que desperte novas ideias, que inspire práticas e que convide outras mãos a se juntarem a nós. Que a arte de Van Gogh, recriada e ressignificada pelos marcadores culturais surdos, continue a florescer em Libras nas variadas escolas de nosso país, em imagens e em palavras, com mãos, olhos e muita língua de sinais.

Vanessa Regina de Oliveira Martins

Regina Célia Torres

Clarissa Bengtson

Prefácio

A Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (Dipebs), que atua com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi) do Ministério da Educação, tem a honra de ser convidada para prefaciar esta obra, que é produto de um desdobramento do projeto de extensão universitária #CasaLibras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Esse projeto surgiu da urgência em garantir acesso à informação e entretenimento para crianças e jovens surdos durante a pandemia da Covid-19 e continua promovendo ações para a Educação Bilíngue de surdos, mais especificamente para os estudantes surdos.

O livro *Retratos de uma Educação com Surdos: Boas Práticas no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras* é resultado do trabalho desenvolvido no 3º Campeonato Artístico-Literário para alunos surdos, ocorrido no ano de 2024. Tivemos a honra de acompanhar esse evento, que foi o primeiro trabalho que contou com o apoio da Dipebs/Secadi/MEC no que tange à efetividade de boas práticas por meio das ações e intermediações junto às escolas de educação bilíngue de surdos do Brasil a fim de expandir o número de participantes nas diferentes categorias da Educação

Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, ao promover o protagonismo linguístico, artístico e pedagógico dos estudantes surdos matriculados na Educação Básica, criou possibilidades de ação para fomentar a integração entre escolas que já atuam na perspectiva da educação bilíngue de surdos. Tais contribuições fortalecem e enriquecem o repertório artístico e literário da comunidade surda brasileira, cultivando as práticas pedagógicas voltadas à diferença e, ainda, buscando destacar o papel dos professores bilíngues na promoção da cultura surda nas escolas. A obra apresenta um campo de experimentação em que diferentes mãos, vozes, práticas e pensamentos se encontram para promover práticas em língua de sinais que a colocam em lugar de protagonismo, enriquecendo aprendizados e vivências para com o desenvolvimento dos estudantes PAEBS (público-alvo da Educação Bilíngue de Surdos).

A presente obra está dividida em duas partes: a **Parte 1** reúne textos teóricos que analisam o 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, e a **Parte 2** apresenta relatos de experiências dos professores premiados e seus estudantes surdos. Os textos organizados e dispostos contam com a participação dos mais diversos atores/autores, na elaboração de cada capítulo, na apresentação das análises, nos registros de vivências que reforçam a essencialidade da arte, assim como a importância de compreendê-

Além de evidenciar e descrever os processos de tradução, elaboração e aplicação prática das produções em língua de sinais, os resultados do projeto #CasaLibras, aqui registrados e sentidos, foram tecidos e organizados cuidadosamente para ressaltar a grandeza da língua brasileira de sinais e das vivências artísticas proporcionadas por esse projeto.

Por meio de seus preciosos relatos e compartilhamento de experiências, a obra demonstra como as práticas pedagógicas pensadas a partir da Pedagogia Surda e/ou Pedagogia Visual (práticas que têm a Libras como língua de instrução e sua maior aliada no processo de ensino e aprendizagem), quando explorados recursos linguísticos como expressões faciais, corporais e o uso do espaço no letramento visual, possibilitam aos alunos uma leitura e interpretação do mundo. Mundo este que é pensado, elaborado e posto em prática a partir das especificidades linguísticas, identitárias e culturais da comunidade surda, cuja experiência visual é manifestada com potência nas obras em língua de sinais.

Com o desejo de conduzir quem o lê – sejam professores, interessados ou estudantes –, nós, da diretoria da Dipebs, desejamos que este livro sirva como inspiração aos gestores, professores, profissionais da educação e demais, visando à construção de novos materiais, como os que foram aplicados na condução do campeonato, aperfeiçoando e qualificando a educação bilíngue de surdos numa abordagem interseccional entre arte e cultura surda, reforçando, assim, a importância da extensão,

aproximando universidade e sociedade, promovendo dentro da arte a inclusão em todos os níveis, desde a Educação Infantil até a EJA. Ao longo dos capítulos, acompanhamos experiências que rompem com os modelos tradicionais de percepção e escuta de si. Cada texto nos conduz a pensar a educação como ato estético, como compositor e regente de mundos, como expressividade também emocional. Essas práticas representam novas formas de ver e de ser visto, rompendo com os territórios fixos da representação e afirmando a multiplicidade dos corpos e das linguagens.

A arte, neste contexto, é abordada em sua expressão, em suas singularidades e plena importância, representada na sinalização dos corpos surdos e ouvintes aqui por ela transpassados. Arte esta que irrompe no cotidiano e o desestabiliza, abrindo caminhos para novas possibilidades e olhares. A educação, por sua vez, é entendida e vivida aqui como um campo de criação, em que o saber pode também emergir do cotidiano, da vida secular e em que o ensinar e o aprender se tornam práticas de escuta, cuidado e elaboração artística.

Em presença dessa potência surda, convidamos você a conhecer este material, que lança para nós novos olhares artísticos e pedagógicos com o ensejo de enriquecer a educação de surdos em diferentes espaços sociais e educacionais. O #CasaLibras, ao reunir estudantes, professores e pesquisadores em torno da arte e da língua de sinais, firma-se como experiência concreta de a escola

de Educação Básica. Sua relevância não está nos resultados apresentados, mas sobretudo na capacidade de sustentar práticas pedagógicas que afirmam a Libras como língua de criação, de conhecimento e de cultura. Este livro, fruto desse percurso, reafirma que a política educacional se fortalece quando nasce também do chão da escola, da experiência coletiva e da partilha de saberes surdos!

Patrícia Rezende-Curione
Diretora Dipebs/Secadi/MEC

Bianca Pontin
Coordenadora Geral Dipebs/Secadi/MEC

Marisa Lima
Coordenadora Geral Dipebs/Secadi/MEC



**Entre teorias e
estrutura: retratos
do 3º Campeonato
Artístico-Literário
do #CasaLibras**

PARTE 1

O Campo de Girassóis: a sinalização menor na poesia de Cláudio Mourão inspirada em Van Gogh

Prof. Dr. Guilherme Nichols¹

(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins²

(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Profa. Dra. Lilian Cristine Ribeirão Nascimento³

(Universidade Estadual de Campinas – Unicamp)

Introdução

Deleuze e Guattari (2006, 2011) propõem uma reflexão sobre a noção de “língua menor” como potência de criação que se inscreve no interior do uso e funcionamento de uma “língua maior” – esta última entendida como aquela que opera pela norma, pelas regras e convenções sociais hegemônicas. Os estudos desses

¹ Doutor em Educação (2025) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (DPsi/UFSCar) no curso Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: vanessamartins@ufscar.br.

³ Doutora em Educação (2007) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da Unicamp.

autores vinculam-se ao campo das Filosofias da Diferença, e, nas obras *Kafka: por uma literatura menor* (2006) e *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (2011), abordam os processos de invenção de uma linguagem que, embora inserida numa estrutura dominante, opera por deslocamentos, rupturas e intensidades políticas a partir do campo literário. A busca por elementos constitutivos da língua menor, conforme Nichols (2025), segue os postulados de Deleuze e Guattari (2011), que identificam sua presença em práticas enunciativas marcadas por processos de desterritorialização da linguagem, com valor coletivo e implicações políticas. Como destacam Souza e Gallo (2007), há dois tipos de línguas – as “maiores” e as “menores” – não definidas por critérios demográficos ou linguísticos formais, mas pelos modos como se produzem e se tornam forças expressivas e políticas no seio de uma dada língua. Trata-se

de dois usos ou de duas funções para uma mesma língua. Uso maior e uso menor da língua se opõem e, às vezes, entram em conflito, no jogo político; mas não são excludentes. Uma língua só pode ser maior quando se cristaliza em regras e gramaticalidades, mas o faz justamente para regular e tentar impedir seus usos menores (Souza; Gallo, 2007, p. 130).

No contexto brasileiro, compreendido como um país monolíngue pela lei que estabelece o português como língua oficial, a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, escapa à língua maior e aos padrões pré-estabelecidos

pelos cânones. “O ‘menor’ quebra este modo de escrita e abre um leque de possibilidades que se estruturam no deslocamento do espaço, da língua e da cultura, ou seja, elementos que revelam o seu contexto de produção” (Gama; Pedro, 2019, p. 7). Desde sua forma híbrida (romance, diário e reportagem), o texto apresenta uma tensão entre correção e invenção. Essa obra foi relevante para a literatura brasileira por carregar a marca da voz marginal, assumindo a narração de sua própria experiência diante da violenta exclusão: dos pobres, dos que sofrem, dos que têm fome, dos pretos.

Segundo Fernandez (2010, p. 132), “um texto como o dessa escritora aponta para a subversão de um padrão de escrita em que se fala do marginalizado”, de modo que a narrativa de Carolina Maria de Jesus representa um trabalho de escrita como língua menor. Nichols (2025, p. 69), a partir das concepções filosóficas deleuze-guattarianas, aponta que pelo processo criativo em uma língua se observa “um movimento de minoração, uma expressão que está fora das principais estruturas literárias de culturas dominantes também associado a grupos marginalizados, minorias étnicas, culturas subalternas que não se encaixam nas normas estabelecidas”. Praticamente, a desterritorialização da linguagem torna-se uma ação natural, desafiando e subvertendo a língua maior.

Nichols (2025) esclarece que a sinalização menor na Literatura Surda se constitui como uma prática de desterritorialização da linguagem, ao subverter o território dominante da literatura institucionalizada e dar voz às experiências

visuais e narrativas sinalizadas por pessoas surdas. Ao adotar essa língua menor, os sujeitos surdos ampliam o campo de significação literária, rompendo com padrões normativos e propondo novas formas de expressão baseadas no deslocamento do corpo e da linguagem. Esses deslocamentos nômades destacam a multiplicidade, a diversidade e os agenciamentos rizomáticos, sem um centro fixo, em oposição às estruturas hierárquicas. Nesse processo, a Libras, enquanto língua menor, revela seu potencial criativo ao representar vozes do povo surdo e experiências subalternas, reafirmando a potência política e estética da minoração no campo da Literatura Surda.

Este capítulo está dividido em cinco subtítulos, além do resumo e da introdução. No primeiro subtítulo, apresenta-se a biografia de Van Gogh, e, no seguinte, a trajetória do poeta Cláudio Mourão. No terceiro, são oferecidas algumas considerações sobre a sinalização menor como expressão da língua menor, com base em estudiosos como Nichols (2025), Martins, Lopes e Nichols (2024) e Deleuze e Guattari (2011). Em seguida, analisa-se a poesia de Cláudio Mourão, inspirada em Van Gogh, sob o viés dos encontros afectivos – a partir do conceito de *afecto*, em Deleuze e Guattari (2011), como resultado de agenciamentos que instauram processos criativos, como a sinalização menor, conforme definimos no título deste trabalho. Por fim, no quinto subtítulo, são apresentadas as conclusões a partir das reflexões acerca da

sinalização menor no contexto da educação de surdos, desenvolvidas ao longo do capítulo.

Ressalta-se que o projeto #CasaLibras, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob coordenação da Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins e sua equipe, teve como objetivo incentivar o desenvolvimento de práticas pedagógicas em Libras por docentes bilíngues, contando com a realização do 3º Campeonato Artístico-Literário voltado a estudantes surdos. Este trabalho apresenta resultados que evidenciam a possibilidade de dialogar com o contexto de produção de uma obra e com seus elementos de sinalização menor, os quais produzem efeitos do processo de minoração na Literatura Surda, especialmente no âmbito da educação de surdos.

No próximo subtítulo, será apresentada a biografia de Van Gogh, em quem o poeta Cláudio Mourão se inspira, o que pode revelar diversas linhas rizomáticas, pluralizando os sentidos e mobilizando estruturas textuais de forma diferenciada na língua de sinais.

Van Gogh: vida e arte

*Em vez de reproduzir
exatamente o que tenho
diante dos olhos, uso a cor
de forma mais arbitrária
para me expressar com
mais força (Van Gogh,
1888, tradução nossa).*

Vincent Willem Van Gogh, de nacionalidade holandesa, nasceu em 30 de março de 1853, na cidade de Zundert, uma pequena aldeia dos Países Baixos. Teria herdado sua veia artística de sua mãe, Anna Cornelia Carbentus, que costumava preencher cadernos com desenhos de plantas e flores e que estudou pintura com Hendrik van de Sande Bakhuyzen.

Segundo Aquino (2011), a partir de 1872, Vincent Van Gogh e seu irmão Theo iniciaram uma troca intensa de correspondências após se separarem fisicamente. A epígrafe deste subtítulo é um trecho de uma das cartas escritas por Vincent. Essa comunicação constante fortaleceu ainda mais os laços afetivos entre os dois, tornando-se um elemento central na vida de Vincent. Theo não apenas atuava como irmão e admirador, mas também como seu protetor, oferecendo apoio emocional e sustentando-o financeiramente, o que possibilitou a dedicação de Vincent à pintura.

“O período escolhido para ser trabalhado nesta pesquisa foi o de 1888 a 1890, por ser este um dos mais produtivos do referido artista. Van Gogh esteve internado em um asilo para loucos e, ironicamente, esse foi o período mais produtivo de sua carreira” (Aquino, 2011, p. 4). Nesse período, Van Gogh mudou-se para Paris, onde encontrou os pintores pós-impressionistas Émile Bernard e Paulo Gauguin e se inspirou em Claude Monet, em sua sensibilidade impressionista, sendo também influenciado por estampas japonesas e pela natureza.

Durante sua vida, ampliou seus temas, que passaram a incluir oliveiras, ciprestes, campos de trigo e girassóis. Seu estilo foi marcado principalmente pelo uso de cores vibrantes e contrastantes, intensas, visíveis e expressivas, evidenciando um uso emocional da cor para transmitir, por meio da pintura, sentimentos e experiências interiores. Entre suas obras, as pinturas mais famosas de sua carreira são: *A Noite Estrelada* (1889), *Doze Girassóis numa Jarra* (1888), *O Quarto em Arles* (1888), *Os Comedores de Batata* (1885) e *Campo de Trigo com Corvos* (1890). Pintou mais de 800 quadros em apenas 10 anos, período durante o qual enfrentou sérios problemas mentais.

A obra escolhida para o 3º Campeonato foi inspirada em Van Gogh, chamada *Campo de Girassóis* e foi elaborada por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes do #CasaLibras. Ela apresenta um campo de girassóis que remete diretamente às séries florais de Van Gogh (Gombrich, 2000), especialmente à atmosfera emocional construída por meio do movimento do céu, inspirado na composição de *A Noite Estrelada* (1889).

Figura 1 – *Campo de Girassóis*, obra inspirada em Van Gogh.



Fonte: acervo #CasaLibras.

No próximo subtítulo, será apresentado Cláudio Mourão, autor de grande relevância para a área da Literatura Surda, cuja produção incorpora a sinalização menor como ato criativo e expressão da potência de minoração.

Arte de sinalização: Cláudio Mourão

Cláudio Henrique Nunes Mourão é poeta surdo e artista. Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de Estudos Culturais em Educação, e graduado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como em Educação Física pelo Centro Universitário Metodista (IPA). Atualmente, é professor adjunto no Instituto de Letras, no Departamento de Línguas Modernas, atuando no curso de Letras, Tradutor e Intérprete de Libras-Português/Português-Libras da UFRGS.

Nasceu em São Luís-MA, terra do bumba meu boi, manifestação cultural central da região, cuja festa típica, marcada por dança, música e teatro, influenciou fortemente sua formação artística. Atuou profissionalmente nas áreas da dança, do teatro e da coreografia, exercendo as funções de bailarino e ator entre os anos de 1997 e 2005, período em que participou de diversos grupos e espetáculos no Brasil e no exterior. De acordo com o blog do próprio Cacau (Mourão, 2009a):

Certa época, Cacau ganhou bolsa de estudos para dança de jazz, essa foi primeira experiência de dança, apaixonado e acabou ficando durante um bom tempo. Mais tarde, ele ganhou várias bolsas de dança popular, balé clássico, balé contemporâneo, em melhores academias de dança em São Luís-MA. Até chegou que fazia parte em melhores companhias de danças do maranhão como bailarino profissional. Em 24 anos de idade, recebeu convite para morar no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo em que ganhou outras bolsas de estudos de dança como dança de salão, balé clássico, dança de jazz.

O artista Cláudio Mourão, acompanhado da dançarina Tracy Freitas, foi responsável pela abertura do evento de premiação de celebridades artísticas na área da dança. Na ocasião, o diretor Nadir Pereira da Silva – representante do jornal *A Região* e da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (Apada) – realizou a entrega oficial do Troféu Personalidade Regional a Cláudio Mourão, conhecido artisticamente como “Cacau”, conforme registrado durante o evento.

Figura 2 – Troféu Personalidade Regional, em Erechim-RS, 2009.



Fonte: Blog de Cacau (Mourão, 2009b).

A Literatura Surda sempre esteve presente na trajetória de Mourão, que já no início teve contato com um grupo de professores pioneiros – entre eles Lodenir Karnopp – que incentivaram os participantes a criar um livro de literatura infantil, pois “livros de literatura infantil produzidos a partir de 2000, cuja temática esteja relacionada com surdo ou com a língua de sinais são escassos” (Karnopp; Hessel, 2009, p. 4).

Em 2006, ingressou no curso de Letras/Libras, tendo Lodenir Karnopp como professora da disciplina Literatura Surda. Nesse contexto, aprofundou-se nos estudos de Literatura Surda e Metodologia da Literatura Surda, o que despertou seu interesse acadêmico e o conduziu à pós-graduação (mestrado e doutorado), tendo como orientadora a própria Lodenir, com ênfase contínua na temática da Literatura Surda. Segundo Corrêa, Freire e Reis (2021, p. 330), em entrevista com Mourão, este afirma que “a arte é um mundo e dentro dele está a língua, o corpo, as expressões. A

língua, nesse sentido, se manifesta em muitos gêneros e de muitas maneiras”.

Sua dedicação reflete-se na autoria de livros de Literatura Surda infantil, tais como *As Luvras Mágicas do Papai Noel* (2012) e *A Fábula da Arca de Noé* (2013), além da participação no projeto Arte de Sinalizar, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.

Assim, o artista e sua trajetória formativa em diversos campos, como Arte, Literatura e Educação, evidenciam habilidades pouco comuns na comunidade surda. Cláudio Mourão é reconhecido como uma referência significativa no campo da Literatura Surda, destacando-se por sua potência criativa.

No próximo subtítulo, será apresentado o referencial teórico da Filosofia da Diferença, com ênfase no conceito de sinalização menor como ato de criação e expressão da potência de minoração.

Sinalização menor: como ato de criação e potência de minoração

Por meio do registro de videogravação poética em Libras da obra de Cláudio Mourão, propomos apresentar a sinalização menor como forma de criação, bem como as linhas de fuga e os afectos¹/afectações que constituem uma potência de minoração no

¹ Na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o afecto não se confunde com a emoção ou o sentimento subjetivo; são potências que promovem uma ação nova, um processo de criação.

contexto da educação de surdos. Interessa-nos examinar uma cartografia que articule pintura, poética e filosofia, a partir dos encontros afectivos com uma “Sinalização Menor”, compreendida como deslocamento da norma, resistência estética, invenção da linguagem, entre outras manifestações criativas.

Nesse contexto, Deleuze e Guattari (2011, 2006) explicam que o conceito de *afecto* expressa a variação intensiva das forças que atravessam um corpo, marcando sua potência de transformação e a criação de novas formas de vida. Complementarmente, Nichols (2025, p. 123) afirma que o “afecto” se configura como um efeito de ação e reação, influenciado por diversidades e simbolizando as trocas emocionais, as intensidades e as interações afectivas envolvidas tanto na criação literária quanto em sua análise e recepção. “O encontro, ao provocar o deslocamento do pensamento, aciona processos criativos” (Deleuze, 2006, p. 199).

O encontro afectivo, sobretudo na língua menor e/ou sinalização menor, constitui uma forma de desterritorialização da língua, criando uma nova fuga da norma linguística. A língua menor concentra-se na desterritorialização da linguagem, da política e do valor coletivo. Cada um desses movimentos será apresentado, considerando que “podem provocar desestabilizações e processos de minoração, assim como os encontros e agenciamentos, que criam multiplicidades de linhas de fuga” (Nichols, 2025, p. 95).

A desterritorialização da linguagem refere-se ao uso de uma língua majoritária de maneira inovadora, distanciando-a de seu contexto habitual para expressar as experiências de um grupo marginalizado. Na tese de Nichols (2025), o autor argumenta que, a partir da literatura, a linguagem se torna um campo de experimentação lúdica, inventiva e intensiva, cujo movimento visa romper com os estratos da gramática normativa. Tal deslocamento opera como uma linha de fuga que desarticula os regimes de significação hegemônicos e engendra léxicos outros, molecularizando a linguagem e instaurando devires no próprio corpo da língua.

Segundo Gallo (2002, p. 63), a literatura menor constitui “um ato político; o próprio ato de existir é um ato político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído”. Nesse sentido, a dimensão política da literatura menor está intrinsecamente ligada às forças políticas, econômicas e sociais que se disseminam em múltiplas direções, atravessando e afetando diversas esferas da vida. Como observa Nichols (2025, p. 92), essa dinâmica articula-se ao “segundo platô”, entendido como um dispositivo de agenciamento – isto é, uma ferramenta capaz de ultrapassar as concepções tradicionais e instaurar novas formas de pensar, dizer e existir.

A última característica da língua menor é o seu valor coletivo. Gallo (2002) discorre sobre esse aspecto ao destacar que os valores comuns deixam de pertencer exclusivamente ao artista para se expandirem e afetarem toda uma comunidade. No

contexto da identidade surda, isso se manifesta também como resistência, cultura e empoderamento político – um agenciamento coletivo de enunciação em que sujeitos se agrupam e, juntos, produzem novos olhares e modos de existir.

Para Deleuze e Guattari (1992, 2011), o valor coletivo da literatura menor manifesta-se na sua capacidade de conectar-se às experiências, vozes e identidades de grupos minoritários. Trata-se de um agenciamento coletivo de enunciação que transcende a expressão individual, inscrevendo-se nas dimensões política, estética e existencial de uma comunidade. Assim, a literatura menor não fala por si só, mas faz falar uma multiplicidade, produzindo sentidos que emergem do comum e da resistência. Para Deleuze e Guattari (2011, p. 50), “língua menor que se encontra afetada por uma zona de variação propriamente dialetal”.

Uma língua menor é um esgotamento e um empobrecimento: esgotamento das formalizações sintáticas, léxico-gramaticais; pobreza enquanto vazio que impossibilita o engajamento em uma constante; potência do agramatical que de tanto fazer a estrutura da língua padrão tremer e gaguejar, acaba por criar um modo menor mais intensivo (Silva, 2011, p. 94).

A criação de uma língua menor configura-se como a manifestação do desejo de escapar à norma da gramaticalização, que, a partir da desterritorialização da linguagem, da política e do valor coletivo, cria, no interior da língua dominante, uma espécie

de potência no processo de minoração e instaura subsistemas de minorias linguísticas desterritorializadas.

No próximo subtítulo, apresentamos nossa aproximação afectiva com a obra de Cláudio Mourão, a partir da análise de sua produção poética que serviu de base para o 3º Campeonato. Essa leitura ancora-se nos conceitos de Deleuze e Guattari e desenvolve-se por meio de uma cartografia analítica, evidenciando que as sensações e os sentidos se agenciam de forma múltipla, sem entradas ou saídas fixas. Tais movimentos articulam-se com a arte, estabelecendo conexões entre a poesia de Cláudio Mourão e a pintura de Van Gogh, em uma composição intensiva de afetos e devires.

O Terceiro Campeonato do #CasaLibras e seu afectos

Realizaremos uma análise cartográfica das ações da língua menor na poesia da obra de Cláudio Mourão, compreendida como um ato de criação inspirado nas pinturas de Vincent Van Gogh. Objetiva-se apresentar o encontro afectivo da sinalização menor nos deslocamentos da norma, na resistência estética e na invenção da linguagem, produzida na e pela língua de sinais, reconhecida como uma língua menor.

Desse modo, os afectos constituem movimentos que intensificam ou reduzem a potência daquele que os vivencia. Por essa razão, Deleuze e Guattari (2011) argumentam que a arte é uma criação que se manifesta por meio de sentimentos, energias

ou situações, expressos de forma intensa, visível e singular em cada experiência individual.

Optamos, para a realização do exercício, pela leitura cartográfica e pela análise das sensações provocadas pela poesia de Cláudio Mourão, registrada em vídeo no canal #CasaLibras no YouTube, com o objetivo de compreender a relação entre a pintura de Van Gogh e a obra poética de Mourão. Buscou-se, nesse processo, a qualidade das informações como elemento essencial para assegurar a efetiva transmissão da mensagem ao público leitor.

A obra *Campo de Girassóis*, produzida no âmbito do 3º Campeonato do #CasaLibras e apresentada na Figura 1, configura-se como uma releitura artística inspirada em duas composições muito reconhecidas de Van Gogh: *A Noite Estrelada* (1889) e *Doze Girassóis numa Jarra* (1888-1889). Algumas dessas pinturas encontram-se atualmente em acervos de instituições renomadas, como o The Museum of Modern Art (MoMA), em Nova Iorque, o Van Gogh Museum, em Amsterdã, e a National Gallery, em Londres. Propõe-se, a seguir, uma análise descritiva e visual dessas duas obras de significativa relevância no conjunto da produção de Van Gogh.

Figura 3 – À esquerda, *A Noite Estrelada* (1889), representação noturna marcada por espirais e intensas cores em azul. À direita, *Doze Girassóis numa Jarra* (1888), natureza-morta que destaca tons quentes e textura espessa na composição floral.



Fonte: imagens disponíveis, respectivamente, em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Noite_Estrelada#/media/Ficheiro:Van_Gogh_-_Starry_Night_-_Google_Art_Project.jpg e https://pt.wikipedia.org/wiki/Doze_Girass%C3%B3is_numa_Jarra#/media/Ficheiro:Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg.

A Noite Estrelada (1889) encontra-se atualmente no MoMA, em Nova Iorque, Estados Unidos, e possui dimensões aproximadas de 73,7 cm por 92,1 cm. A obra foi produzida no Asilo de Saint-Rémy-de-Provence, na França, durante o período em que Van Gogh esteve internado voluntariamente, enfrentando intenso sofrimento emocional. Em carta endereçada a seu irmão Theo, escreveu: “Esta manhã observei a paisagem da minha janela por um

longo tempo antes de pintar, com a única estrela matutina muito grande” (Van Gogh, 1889, tradução nossa).

Doze Girassóis numa Jarra (1888) encontra-se atualmente exposto na Neue Pinakothek, em Munique, com dimensões de 91 cm por 72 cm. Van Gogh planejou decorar a casa que preparava para receber seu amigo, o pintor Paul Gauguin. A obra foi criada na “Casa Amarela”, residência onde viveu em Arles, localizada no sul da França. Atualmente, a “Casa Amarela” já não existe, pois foi destruída por bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial, em 1944.

O encontro afectivo de Cláudio Mourão com as obras de Van Gogh desencadeou uma experiência intensiva, na qual a pintura se revela como força sensível que atravessa e inspira a criação poética. A escolha recorrente de cores vibrantes, a aplicação de espessas camadas de tinta e os movimentos vigorosos do pincel, característicos da obra de Van Gogh, produzem uma carga afetiva que incide diretamente sobre o olhar. Essa força se faz presente na edição da poesia produzida por Cláudio, configurando um atravessamento entre imagem e palavra, gesto pictórico e enunciação poética. Essa relação estética é percebida na imagem a seguir.

Figura 4 – Detalhe ampliado da obra *A Noite Estrelada* (1889), de Vincent van Gogh, com destaque para o movimento espiralado no céu.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Noite_Estrelada.

As cores, a textura da tinta e o movimento do pincel compõem uma força que pode intensificar a potência de existir daquele que observa, produzindo sensações de vida nos encontros com o afeto. Segundo Deleuze e Guattari (2011), o afecto é compreendido como força, uma potência de variação do corpo e como criação de novas formas de existência. Nesse sentido, o encontro afectivo de Mourão, inspirado na pintura, manifesta-se por meio do afecto traduzido na forma e no movimento da sinalização.

Conforme afirmam Martins, Lopes e Nichols (2024, p. 39), a literatura numa prática menor “se produz em afecções distintas, mobilizando novas conexões no ser e, sobretudo, em seu pensar”. No trecho extraído do vídeo-poesia de Mourão, apresentado na figura a seguir, evidencia-se o uso da sinalização menor como potência, expressando a variação do corpo e a criação de uma nova dimensão sensível. A relação entre a pintura e a poesia pode, assim,

ser compreendida como um encontro afetivo, perceptível na imagem a seguir.

Figura 5 – Imagens de referência ao campo de girassóis.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube.

A sinalização menor, relevante na poesia, manifesta-se na forma como o campo de girassóis é representado, utilizando o mesmo movimento da mão que se percebe no gesto de pinceladas na pintura, constituindo-se como uma potência, uma nova linha de fuga capaz de romper com as normas da língua de sinais. Ao combinar gestos amplos com configurações de mãos abertas, não voltadas à tradução literal, realiza-se uma criação autônoma que reinventa a experiência no plano visual, no corpo e na língua de sinais, originando uma obra nova, sensível e afetiva.

Esse afecto está presente na sinalização menor, na variação do ritmo, na expressividade que atravessa quem observa, provocando emoções, memórias e deslocamentos. Trata-se também de uma forma de desterritorialização da linguagem, que se constitui de modo não linear e escapa das estruturas normativas da

literatura. A mesma relação anteriormente evidenciada se atualiza também na imagem que se segue.

Figura 6 – Trecho da poesia de Mourão.



A.



B.



C.



D.

Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://youtu.be/cZwZWwEdmCs>).

Na Figura 6, observa-se a imagem A: a mão direita está em configuração de “O”, utilizando o espaço neutro com um movimento giratório, enquanto a mão esquerda permanece estendida na horizontal, sugerindo a ideia de passagem do tempo. Esse gesto é compreendido como uma representação do “sol”. Nessa poesia inspirada em Van Gogh, o sol simboliza a força vital, a possibilidade de intensidade e o peso da existência que o artista carregava. Em suas cartas ao irmão Theo, Van Gogh expressava a

relação intensa entre o sol e sua prática artística, associando a luz solar ao impulso criativo, ainda que marcado por certo sofrimento físico e emocional. Assim, compreende-se a relação entre o sol e os girassóis: as flores, símbolo de alegria e da luz solar, também evocam fragilidade; o sol, por sua vez, representa o limite do visível, daí o risco de queimar-se ao tentar tocá-lo.

Nas imagens B e C, as mãos dirigem-se em movimento contínuo à região dos olhos, acompanhadas por uma expressão facial que remete à evocação de uma memória. Esse gesto pode ser relacionado a uma emoção intensa, a uma sensação de profundidade ou à contemplação de um lugar como um ato de ver em profundidade, de absorver uma cena ou de reconhecer uma imagem marcada afectivamente.

Na imagem D, a representação de uma lágrima remete à interpretação de uma memória afectiva. Pode simbolizar o ato de refletir sobre a arte, associando sentimento à vida de Van Gogh por meio da pintura e ao encontro afectivo promovido pela obra de Mourão.

Nesta análise de uma narrativa sinalizada, observa-se uma inspiração na pintura que incorpora elementos da obra de Van Gogh. Trata-se de uma criação literária em Libras, dotada de potência estética, na qual a estrutura da língua de sinais atua como movimento que cria uma força sensível e direta na experiência do observador. Essa relação com a poesia de Mourão pode ser compreendida como uma manifestação da sinalização menor.

Compreende-se que essa sequência de sinalização inspirada em Van Gogh não constitui uma simples tradução, mas um processo de minoração, um movimento estético, político e ético que emerge no interior de uma linguagem dominante, como a Libras, desestabilizando-a a partir de dentro. A criação de Mourão não se submete à norma; ao contrário, desloca seus usos, desvia-se por meio dos movimentos da sinalização, inventando outras formas de dizer, formas que não estão submetidas à lexicalização ou à gramaticalização.

Conclusão

Neste momento, apresentamos algumas reflexões sobre a proposta do 3º Campeonato do #CasaLibras e a produção poética de Cláudio Mourão, compreendida como expressão de uma literatura política, atravessada por elementos de resistência inscritos na posição discursiva de seu corpo e de seus gestos, em interlocução com a obra de Van Gogh.

A proposta mostrou-se relevante e significativa tanto para o campo da Literatura Surda em Libras quanto para os estudos em educação de surdos articulados à Filosofia da Diferença, especialmente no que se refere à noção de língua menor ou sinalização menor. Considera-se que a produção alcançou êxito na construção de uma poética menor de caráter impressionista, uma vez que foram descritos os elementos da sinalização menor

utilizados por Cláudio Mourão na criação da poesia em Libras apresentada no canal #CasaLibras, no YouTube. Do mesmo modo, os objetivos específicos foram plenamente contemplados ao se identificarem e descreverem os traços dessa sinalização menor presentes na obra, assim como ao se analisarem os afectos e os sujeitos afetados na experiência estética produzida por essa forma de criação poética, à luz da Filosofia da Diferença.

A análise cartográfica realizada indicou que o leitor está diretamente implicado na forma como a narrativa em Libras se atualiza, expressando beleza, prazer e múltiplas dimensões sensíveis, despertadas especialmente pela sinalização menor. As pinturas de Van Gogh fazem uso de elementos como cores vibrantes, texturas densas e movimentos vigorosos, que são reinterpretados na criação poética em Libras por meio de sinais, repetições e dinâmicas não lineares.

Inicialmente, supunha-se a existência de traços da língua menor na Literatura Surda. Contudo, com o avanço da pesquisa, tornou-se evidente que há um processo mais profundo de desterritorialização da linguagem na literatura em Libras. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate sobre a Filosofia da Diferença e inspire outros olhares sobre as produções sinalizadas, especialmente no contexto educacional. Ressalta-se que muitos profissionais que atuam na educação de surdos ainda utilizam majoritariamente materiais canônicos e lineares, por estarem habituados às normas da educação tradicional.

Este trabalho buscou colaborar com a formação de professores ao propor uma valorização das produções artísticas sinalizadas, que, ao mobilizarem a sinalização menor, criam novas linhas de fuga e rompem com a linearidade. Tais contribuições podem fortalecer o repertório literário da comunidade surda brasileira e enriquecer as práticas pedagógicas voltadas à diferença.

Referências

AQUINO, D. de P. V. As cartas de Van Gogh como fontes de informação biográfica: estudo de caso. *Brazilian Journal of Information Science*, Marília, v. 5, n. 2, p. 3-21, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/1303/2175>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*: seção I, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 11 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção I, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 11 abr. 2025.

CORRÊA, G. V.; FREIRE, C. M.; REIS, D. dos S. Educação bilíngue, identidades e literaturas em línguas de sinais – múltiplos olhares: Entrevista com Cláudio Mourão. *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA, v. 9, n. 1, p. 325-334, 2021. DOI:

10.30620/gz.v9n1.p325. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/12841>.

Acesso em: 15 abr. 2025.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Luiz Orlandi e Maria Lúcia Silveira. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa e Suely Rolnik. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 2. Rizoma.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FERNANDEZ, R. A. Entre-lugares na poética de Carolina Maria de Jesus. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 130-139, 2010.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

GAMA, C. da S.; PEDRO, S. da C. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus: uma literatura menor?* 2019. 22 f. TCC (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2019. Disponível em: http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/386/1/TCC_QuartoDespejoDiario.pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

KARNOPP, L; HESSEL, C. *Metodologia da Literatura Surda*. Texto Base. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf. Acesso em: 11 maio 2025.

KLEIN, A. F.; MOURÃO, C. H. N. *As Luvas Mágicas do Papai Noel*. Ilustrações de Gisele Federizzi Barcellos. Porto Alegre: Cassol, 2012.

MARTINS, V. R. de O.; LOPES, M. C.; NICHOLS, G. *Arte e Literatura Surda: afectos visuais e expressividade poética em Libras*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

MOURÃO, C. *A Fábula da Arca de Noé*. Ilustrações de Cathe de León. Porto Alegre: Cassol, 2013.

MOURÃO, C. Terça-feira, 19 de maio de 2009. *Blog de Cacau Mourão*, 19 maio 2009a. Disponível em: <https://cacaumourao.blogspot.com/2009/05/o-cacau-e-surdo-nome-verdadeiro-e.html>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MOURÃO, C. Troféu Personalidade Regional em Erechim/RS - 2009. *Blog de Cacau Mourão*, 13 jun. 2009b. Disponível em: <https://cacaumourao.blogspot.com/2009/06/dancarina-tracy-freitas.html>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NICHOLS, G. *Além da literatura surda: A sinalização menor como potência criativa no uso da Língua Brasileira de Sinais*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2025.

O CAMPO de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://youtu.be/cZwZWwEdmCs>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVA, L. F. da. *Linguagem e devir: uma leitura de Deleuze e Guattari*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35108/35108_5.PDF. Acesso em: 11 maio 2025.

SOUZA, R. M. de; GALLO, S. Entre maioridades e minoridades: língua, cultura e política no plural. *Políticas Educativas*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 124-140, out. 2007. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/18258/10746>. Acesso em:
11 maio 2025.

VAN GOGH, V. *A Noite Estrelada*. 1889. 1 quadro. Disponível em:
The Museum of Modern Art, Nova York. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Noite_Estrelada#/media/Ficheiro:Van_Gogh_-_Starry_Night_-_Google_Art_Project.jpg. Acesso em:
11 maio 2025.

VAN GOGH, V. *Carta n° 663*. Destinatário: Theo van Gogh. Arles,
18 ago. 1888. Disponível em:
<https://vangoghletters.org/vg/letters/let663/letter.html>. Acesso em:
11 maio 2025.

VAN GOGH, V. *Carta n° 777*. Destinatário: Theo van Gogh. Saint-
Rémy-de-Provence, entre 31 maio e 6 jun. 1889. Disponível em:
<https://vangoghletters.org/vg/letters/let777/letter.html>. Acesso em:
11 maio 2025.

VAN GOGH, V. *Cartas a Theo*. Tradução de José Rubens Siqueira.
São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VAN GOGH, V. *Doze Girassóis numa Jarra*. 1888. 1 quadro. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Doze_Girass%C3%B3is_numa_Jarra#/media/Ficheiro:Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg. Acesso em: 6 jun. 2025.

Poesia em Libras de Cláudio Mourão: releitura dos Girassóis de Van Gogh

Vanessa Regina de Oliveira Martins¹
(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Cláudio Henrique Nunes Mourão²
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

Introdução

Iniciamos este capítulo apresentando o encontro entre nós, autores deste texto, que resultou na criação da obra videogravada do #CasaLibras: a poesia em Libras, produzida por Cláudio Mourão, a partir da releitura de pinturas de Van Gogh. No início de 2024, eu, Vanessa Martins, entrei em contato com o professor Cláudio Mourão – a quem nos referimos algumas vezes aqui como Cacau – e o convidei para colaborar conosco no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Após algum tempo de reflexão sobre qual temática poderia nortear o Campeonato, fui inspirada pelas leituras filosóficas que vinha realizando no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi), do qual faço parte.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: vanessamartins@ufscar.br.

² Poeta/Artista e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da UFRGS.

Nessas leituras, articulava os estudos da educação de surdos com os conceitos de criação desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente a partir da obra *O que é a filosofia?* (Deleuze; Guattari, 1992), na qual a criação se configura tanto no campo filosófico, pela produção de conceitos, quanto no campo artístico, pela produção de sensações. Ao compreender a arte como um território de criação sensível, percebi que a articulação entre arte e literatura poderia constituir uma proposta potente para o Campeonato.

Passei, então, a buscar artistas que, em suas produções, registrassem aspectos de suas resistências – e foi nesse percurso que me (re)encontrei com Van Gogh. Digo reencontro, porque meu primeiro contato com suas obras ocorreu ainda na Educação Básica, no Ensino Médio, e, desde então, suas criações me marcaram profundamente. Sempre percebi que Van Gogh, por meio da arte, não apenas expressava suas dores e lutas, mas também nela encontrava um meio de (re)existência – como se cada traço, cada cor fosse um gesto de sobrevivência. Nos girassóis, sobretudo na potência vibrante do amarelo, reconheci a força de sua luta transformada em beleza: uma vida que, mesmo atravessada pela dor, insistia em florescer, nos campos transformados em telas pintadas.

Mobilizada por essa inspiração, ao convidar o professor Cláudio Mourão para integrar o projeto, propus-lhe uma releitura artística a partir da descrição sinalizada de uma obra de Van Gogh. Sugerimos que ele escolhesse uma pintura e elaborasse, em Libras,

uma descrição visual que possibilitasse aos alunos, ao acessá-la, serem conduzidos à obra por meio do enunciado visual dos elementos constituintes da pintura – como quem tateia a alma da arte com os olhos pelas mãos do artista.

Depois de aproximadamente um mês, o professor Cláudio me chamou no WhatsApp e disse que havia escolhido a obra *A Noite Estrelada*, de Van Gogh, pois, para ele, essa obra provoca um impacto singular devido à força do movimento que emana da composição e se impõe ao espectador. Conversamos sobre a proposta, e ele me questionou: “Tenho que fazer uma descrição fiel da obra ou criar uma poesia?”. Respondi: “Gostaria das duas coisas em uma – uma criação poética que contenha, em si, a descrição da obra. Que seja sua criação descritivo-poética a partir da inspiração da pintura de Van Gogh”.

Diante desse desafio, Cláudio – que para mim já é simplesmente Cacau, o artista-poeta humildemente humano – mergulhou no universo de Van Gogh e compartilhou comigo o processo de imersão cultural que realizou na vida e na obra do pintor, buscando inspiração para a criação poética. Contudo, ao refletirmos mais detidamente sobre o contexto e a intenção do Campeonato, percebi que a obra *A Noite Estrelada*, embora belíssima, talvez não evocasse com a intensidade necessária a temática que desejávamos. O amarelo, para mim, era a cor da resistência em Van Gogh, e ali estava o diálogo com as comunidades surdas – e os girassóis, seus emblemas de luta e sobrevivência.

Propus, então, que a criação se inspirasse também na obra *Doze Girassóis numa Jarra*, em que a potência da vida resiste, mesmo sob as intempéries.

Essa escolha sustentava-se em uma razão profunda: para Van Gogh, os girassóis e a cor amarela possuíam um impacto subjetivo significativo. Esse universo amarelo era para ele, a meu ver, um espaço de fuga, de abrigo e de resistência. E era exatamente essa articulação que eu buscava mobilizar entre arte, educação e vida surda – a resistência como chave de leitura para sujeitos que se expressam por uma língua diferente da hegemônica e que cotidianamente enfrentam lutas para terem acesso a uma educação equitativa, a qual permita não apenas a instrução, mas também a imersão cultural e expressão da vida em Libras.

Diante desse novo combinado, Cláudio Mourão iniciou seu percurso criativo e, na poesia *Campo de Girassóis*, trouxe a estética e o movimento que havia percebido na obra *A Noite Estrelada*, a qual lhe afetou significativamente, e em outras criações de Van Gogh. O resultado foi um trabalho impecável e inédito: uma poesia impressionista em Libras – sim, ele criou uma poética descritiva impressionista pela composição *corpo-mão*. A partir daqui, passo a palavra, nesta introdução, para que ele relate, em primeira pessoa, seu encontro comigo e com a proposta de criação da releitura sinalizada e inspirada em obras de Van Gogh, por meio da linguagem poética que nos presenteou.

Inicialmente, por meio de um convite, recebi o chamado para integrar o projeto #CasaLibras, no 3º Campeonato Artístico-Literário, e produzir uma descrição poética, a partir da minha experiência como uma pessoa surda que faz poesias. A Profa. Vanessa Martins, com quem tive contato, me convidou para participar da proposta, que consistia em uma releitura artística a partir da descrição sinalizada de uma obra de Van Gogh.

No primeiro contato, a professora Vanessa Martins contextualizou o projeto #CasaLibras. Eu não o conhecia em profundidade – já havia visto algumas postagens desse projeto nas redes sociais –, mas, ao receber mais detalhes, fiquei impressionado com a proposta. A ideia era que eu escolhesse uma pintura e elaborasse, em Libras, uma descrição visual como uma transcrição da obra em Libras.

Lembro-me de ter pensado na novidade dessa proposta, porque nunca havia trabalhado com algo semelhante em outros projetos. Certamente seria um grande desafio para mim, que exigiria estudo de caso, referências históricas e outros elementos: fazer uma descrição-poética, como poderia compor isso? E foi mesmo um desafio imenso, mas cuja travessia valeu muito a pena.

Evidentemente, o trabalho em equipe foi essencial para o esclarecimento de todas as dúvidas ao longo do processo. A escolha da pintura foi livre, o que me permitiu ousar: decidi criar uma poesia em Libras voltada para estudantes surdos – uma proposta desafiadora, que exigia expressar sentimentos e ideias por

meio de um gesto poético carregado de sentidos. Tratou-se, de certa forma, de transmutar a obra de Van Gogh em arte surda.

Foram as pinceladas do pintor que me impulsionaram a criar formas expressivas com as mãos. Desse lugar produtivo e criativo, busquei articular a poesia surda à estética impressionista de Van Gogh. A cor amarela – recorrente em suas obras e carregada de significado – tornou-se símbolo de inspiração, permitindo reflexões profundas sobre a resistência, tanto do autor quanto da comunidade surda, vividas por mim cotidianamente – como pessoa surda.

Foi dessa confluência que a poesia emergiu. E é a partir dela que, neste capítulo, eu e Vanessa Martins partilhamos nossas perspectivas sobre essa experiência tão significativa para as escolas, os alunos surdos e seus educadores. Uma experiência em que arte, língua e vida se entrelaçaram em gestos, línguas e sentidos.

Arte como campo de criação: diálogos com intercessores da Filosofia da Diferença

Deleuze (1992), na obra *Conversações*, dedica um tópico ao conceito de intercessores, descrevendo-os como agentes externos que mobilizam atos de criação. O intercessor configura-se como uma potência que habita o “entre” ou o “espaço do meio” – o *entre-lugar* – por exercer uma função mediadora da experiência. É ele quem viabiliza o contato com novos saberes e modos de existência. Nesse sentido, a arte apresenta-se como intercessora entre o

sujeito e o objeto a ser apreciado, ao mobilizar uma ampla experimentação sensível por meio das sensações que instaura no observador, impondo-lhe inúmeras (e novas) conexões.

Deleuze e Guattari (1992), na obra, *O que é a filosofia?*, anunciam que a arte constitui um campo de criação, pois por meio dela são geradas sensações e percepções – os chamados *perceptos*. Esses elementos atuam como catalisadores de forças que incidem sobre nossos sentidos, abrindo espaço para novas possibilidades perceptivas. Sobre isso, apontam que

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensações, e nada mais: ela existe em si (Deleuze; Guattari, 1992, p. 213).

Nesse sentido, os autores indicam vida nas produções artísticas e apontam que sensações, perceptos e afectos são potências que atravessam e, por si mesmas, produzem sentidos, conexões e criam sensações. A obra artística atua como um agente intercessor, emitindo inúmeros signos – isto é, constitui uma materialidade que transmite signos. No entanto, essas transmissões não possuem um sentido unificado intrínseco à obra. O sentido

emerge no encontro entre a produção artística e o indivíduo, quando se estabelecem conexões que derivam da criação de perceptos e afectos, frutos da imanência do próprio encontro/acontecimento.

As obras de Van Gogh exerceram papel significativo, enquanto intercessores, para a criação da poesia em Libras realizada por Cláudio Mourão (Cacau), autor da releitura sinalizada. Observa-se, na sinalização de Cacau, uma tradução sensível dos traços impressionistas de Van Gogh, evidenciada nos movimentos corporais e na fluidez dos signos/sinais que emanam de seus enunciados. Essa produção articula de maneira singular a estética verbal e não verbal, promovendo uma experiência estética e poética que atravessa linguagens e sentidos: uma experiência única.

Figura I – Recorte de trechos representando o movimento do girassol na mudança das estações – dia quente de verão.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube

(<https://www.youtube.com/watch?v=cZwZWwEdmCs&t=270s>).

No recorte apresentado na Figura I, Cláudio Mourão utiliza a configuração de mão com os cinco dedos abertos para representar o girassol. As pétalas são sugeridas pelos dedos em movimento ao redor da mão de apoio, cuja base é composta do dedo indicador, simbolizando a haste e as folhas da flor. Essas pétalas dançam suavemente em movimentos laterais, de um lado para o outro, em sintonia com o fundo do vídeo, que remete aos traços do pincel impressionista de Van Gogh no céu da pintura. A mesma configuração de mão, com os cinco dedos abertos, é

reaproveitada pelo poeta para expressar o calor de um dia de verão. O gesto aparece na representação lexical do suor escorrendo pela testa, mantendo a referência visual ao girassol. Esse recurso imagético intensifica-se com o balanço do corpo do poeta, que imprime à cena um movimento impressionista, típico do discurso visuogestual da poesia em Libras. Embora descrito e recortado nos trechos da poesia, esse movimento só é percebido ao ver a produção. Deixamos nosso convite aberto para essa experiência.³

Sobre a produção de um texto poético em línguas orais, Jakobson (2010, p. 166) revela que,

na poesia, e em certa medida nas manifestações latentes da função poética, sequências delimitadas por fronteiras de palavras se tornam mensuráveis quer sejam sentidas como isocrômicas ou graduais [...]. Somente na poesia, com sua reiteração regular de unidades equivalentes, é que se tem experiência do fluxo verbal, como acontece – para citar outro padrão semiótico – com o tempo musical.

Há uma característica do texto poético que permite que a produção verbal seja sentida de maneira quase musical, pois as palavras parecem flutuar tanto no texto quanto no leitor. Nas línguas visuogestuais, essa relação de flutuação manifesta-se como dança: é o corpo que se movimenta no espaço, criando uma ritmização singular que nos faz balançar em seu compasso.

³ Link de acesso ao vídeo na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=cZwZWwEdmCs&>.

Trazendo as distinções das modalidades linguísticas, o autor reforça aspectos criativos que só o texto poético produz:

em poesia, as equações verbais são elevadas à categoria de princípio construtivo do texto. As categorias sintáticas e morfológicas, as raízes, os afixos, os fonemas e seus componentes (traços distintivos) – em suma, todos os constituintes do código verbal – são confrontados, justapostos, colocados em relação de contiguidade de acordo com o princípio de similaridade e de contraste, e transmitem assim uma significação própria. A semelhança fonológica é sentida como um parentesco semântico. O trocadilho, ou, para empregar um termo mais erudito e talvez mais preciso, a paronomásia, reina na arte poética; quer esta dominação seja absoluta ou limitada, a poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa (Jakobson, 2010, p. 90).

Tais aspectos, que produzem uma harmonia visual e um movimento quase sincronizado na sinalização, capturam nossos sentidos e mobilizam distintas conexões. A poesia, em língua oral ou visuogestual, cria novos possíveis. Esses elementos anunciados, modo de produção do corpo do enunciador em frente ao vídeo, construindo uma produção que mescla com a leveza das palavras e a potência transgressora dos sentidos, permitem-nos analisar as estruturas lexicais e gramaticais que compõem uma poesia em Libras, mas, para além disso, possibilitam a experimentação da expressividade visual própria dessa língua, cuja potência só se revela plenamente no encontro com o texto poético por meio da visão.

A tradução dessa poesia para a língua portuguesa, embora viabilize o acesso ao conteúdo expressado, não é capaz de capturar as nuances impressionistas produzidas pelo movimento do corpo e das mãos – pela dança expressiva da língua de sinais – que se manifesta em todas as dimensões da linguagem: corporal, facial e nos elementos linguísticos que compõem o texto poético em Libras.

Toda tradução é um desafio, mas a tradução poética impõe um desafio ainda maior: compor sentidos em outra língua, construindo uma estética poética na língua-alvo. Estamos diante do conceito de *transcrição* de Haroldo de Campos. E esse foi um desafio imposto à equipe de tradução da poesia de Cláudio Mourão. Não abordaremos esse item aqui, mas reconhecemos a criação na língua portuguesa da versão produzida por Cláudio em Libras.

a tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematicidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Com o que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragilíssima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivisseccção implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso (Campos, 2006, p. 43).

Para Nascimento, Martins e Segala (2017, p. 1857), o projeto conceitual de Haroldo de Campos com a *transcrição* subverte “conceitos tradicionais e cristalizados no campo da tradução”, ao inverter a “objeção de que quanto mais difícil ou mais

elaborado for o texto poético, mais se acentuaria o traço da intraduzibilidade” e conseqüentemente da cocriação tradutória.

Como essa poesia analisada emerge diretamente da língua de sinais, sua criação poética apresenta maior liberdade expressiva, mas transcrita a partir de signos emitidos pela arte de Van Gogh. Não se trata de uma tradução para a língua de sinais, mas sim de uma produção original nessa língua. É uma poesia concebida a partir da visualidade e da expressividade artística que encontra na língua de sinais um lugar de reflexão e invenção: uma criação verbal em ritmo de dança e em embalos visuais, possíveis apenas graças à modalidade própria das línguas de sinais. Essa criação, além de sua beleza estética, inova ao explorar aspectos inerentes e específicos às línguas de sinais, ampliando os limites da linguagem poética e revelando novas possibilidades de expressão artística. No entanto, reforçamos novamente, a produção videogravada conta com a tradução poética *transcriativa*, que foi feita por três colaboradoras da equipe do #CasaLibras, na doce voz de Anne Caroline Santana Iriarte, com fundo de uma serena musicalidade.

Sobre a estrutura poética, Nascimento, Martins e Segala (2017) apontam ainda alguns elementos estilísticos característicos de poesias produzidas nas línguas de sinais e que nos ajudam a compreender os processos *transcriativos* de Cláudio Mourão. A partir de seu encontro com a arte impressionista de Van Gogh, temos acesso ao seu estilo poético na criação que produz, efeito

de sua releitura das obras. Tais elementos apontam características próximas aos aspectos descritos na citação a seguir.

Sutton-Spence (2005) identificou alguns dos elementos característicos de poesias produzidas em línguas de sinais pelos surdos e que marcam a diferença da prosa cotidiana nessa língua, são eles: ambiguidade, quando o mesmo sinal possui efeito de sentido duplo; neologismos, que corresponde à criação de novos sinais a partir de elementos visuais incomuns na sinalização prosaica; morfismo, que diz respeito à unificação de uma unidade lexical à outra na transição de um enunciado; metáfora, quando o sinalizante compõe elementos que, justapostos num primeiro momento, parecem não ter sentidos, mas, no todo, transparecem e/ou representam algo; repetição, quando alguma unidade linguística – um parâmetro fonológico, léxico/sinal ou uma unidade sintática inteira – é produzida sequencialmente mais de uma vez; simetria, quando as mãos produzem movimentos parecidos ou simultâneos; personificação, quando o sinalizante assume, em primeira pessoa, alguma personagem (humano, objeto, animal, etc.); e direção do olhar, quando o próprio movimento dos olhos constrói unidades de sentido durante o texto poético (Nascimento; Martins; Segala, 2017, p. 1859).

Encerramos esta parte do texto, articulando os estudos da tradução, em Haroldo de Campos, a partir do conceito de *transcrição*, aos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na perspectiva da arte como campo de criação de sensações. Dessa forma, selecionamos a Filosofia da Diferença como referencial teórico para pensar esse campo criativo e poético, especialmente

pela potência dos conceitos de intercessores, da arte como campo de criação e da diferença como lógica que permite compreender as múltiplas formas de vida e suas manifestações nas diversas expressões de linguagem – entre elas, a linguagem poética.

É a partir desse lugar teórico e sensível que apresentamos, a seguir, os processos descritivos de criação da poesia: os passos e compassos que compuseram a produção final, utilizada como disparadora para o 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Percurso metodológico descritivo do processo de construção da poesia sinalizada

Nesta parte do capítulo, dedicamo-nos a apresentar as etapas de criação da poesia em Libras de Cláudio Mourão, *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh.

O processo teve início com o recebimento da proposta, no encontro entre Vanessa e Cláudio. A partir daí houve um processo de estudo do tema e a organização da estrutura poética, que tomou como base narrativa e eixo de movimento discursivo as quatro estações do ano – primavera, verão, outono e inverno – e as transformações que o ambiente externo opera nos girassóis. Cláudio Mourão aponta que ficou mobilizado ao pensar na necessidade de adaptações e reorganizações do girassol para sobreviver aos ventos, à chuva, ao calor e ao frio em um campo aberto e que essa temática foi central na composição. A produção

poética, de Cacau/Cláudio, ancorada nas mudanças sazonais, ganhou vida na sinalização em Libras, integrando à narrativa a abordagem dos movimentos artísticos que influenciaram o pensamento e a arte de Van Gogh, especialmente o impressionismo.

Após definir a linha criativa, as quatro estações, Cláudio Mourão fez uma imersão na história de vida de Van Gogh, em produções audiovisuais biográficas e em suas obras. Estudou o movimento impressionista e os elementos dele presentes nas obras do pintor. A partir do levantamento em sites com a biografia e em museus virtuais, como Britannica, Metropolitan, Vincent Van Gogh Gallery,⁴ conseguimos trazer algumas das características do impressionismo na obra de Van Gogh. Sintetizamos essas informações no quadro a seguir.

Quadro I – Descrições de elementos impressionistas nas obras de Van Gogh.

Característica	Manifestação na obra de Van Gogh
Luz e cor intensas	Uso expressivo das cores para evocar emoção, com contrastes vibrantes e luminosidade exagerada.
Pinceladas visíveis e rápidas	Pinceladas marcadas e em espiral, transmitindo movimento e subjetividade visual.

⁴ Essas fontes estão descritas nas referências, ao final do capítulo, como Britannica (2025), Department of European Paintings (2000-) e Navarro (1999).

Representação do cotidiano	Temas simples como campos, cafés, retratos e paisagens locais são representados com profundidade emocional.
Rejeição do contorno rígido	Formas menos delimitadas, com fusões cromáticas e destaque para o efeito visual geral.
Atmosfera sensorial	Ambientes que refletem sensações internas, como em <i>A Noite Estrelada</i> e <i>Campo de Trigo com Corvos</i> .
Trabalho com luz natural	Representações de diferentes horas do dia, explorando os efeitos da luz sobre a natureza.

Fonte: elaboração própria.

Após as etapas de análise e criação da poesia em Libras, um novo desafio se impôs: a gravação da poesia. Nesse momento, para além dos cuidados técnicos exigidos pela filmagem, surgiu a complexidade de sustentar a produção enunciativa previamente concebida – agora diante da câmera, sob foco de luz e com o apoio fundamental de uma colega surda, que acompanhou todo o processo de gravação.

A produção da poesia foi iniciada por mim, Cláudio, no contexto que nomeei de *estudo de caso*. A partir deste ponto, passo a narrar em primeira pessoa as etapas que me conduziram da inspiração em Van Gogh à criação de uma nova obra em Libras.

A demanda pela produção poética, estruturada a partir da composição de sinais/signos em Libras, constituiu-se como ponto inaugural desse *estudo de caso*. Conforme destaca Robert Yin (2001, p. 19), trata-se de uma “estratégia apropriada ao se examinarem acontecimentos contemporâneos inseridos em contextos da vida real – fenômenos sociais em movimento”.

Foi a partir da análise sensível da vida e obra de Van Gogh, somada ao conhecimento técnico sobre sua pintura e à intersecção com meus sentimentos de poeta e militante, que a produção começou a ganhar vida. Em meu corpo, vivo as lutas e afirmações de uma poesia surda, que se realiza como forma de existência.

Segundo Victor Nazário e Neiva Albres (2024, p. 15), “a tradução poética é mais facilmente compreendida como uma prática artística”. Tal processo exige do tradutor-artista – enquanto ator poético ou atriz poetisa – não apenas domínio linguístico, mas também uma compreensão profunda da cultura surda, vivificada pela língua de sinais e continuamente atualizada por meio de práticas artísticas contemporâneas. No caso da obra aqui discutida, houve uma tradução da linguagem artística de Van Gogh, que operou como intercessora na criação poética em Libras.

Produzir poesia em Libras a partir de marcadores artísticos envolve um processo *tradutório-criativo* intenso. A pintura, enquanto linguagem visual, é capaz de expressar ideias e emoções, produzindo poesia imagética. Como afirma Jasmine Malta (2012, p. 2), “a pintura é poesia muda e a poesia é pintura falante”. Essa

relação não se limita à simples ilustração ou legenda: trata-se da poesia que evoca imagens pictóricas e da pintura que instiga uma linguagem poética.

Descrevo, a seguir, os passos metodológicos que conduziram essa produção, divididos em três etapas fundamentais.

Quadro 2 – Processos metodológicos de criação da poesia.

Etapas I: Estudo de caso para a poesia (visual, performática ou sinalizada)
a. Leitura e interpretação Compreensão aprofundada da obra pictórica de Van Gogh. Aqui, o “quadro” é lido como obra de arte visual – com análise de imagens, ritmo interno, metáforas e intenções comunicativas. Observam-se, também, os aspectos visuais e espaciais da composição.
b. Adaptação para performance A poesia é traduzida para expressão corporal, facial e espacial. Em Libras, essa tradução/criação exige escolhas visuais refinadas, que transmitam ritmo, metáforas e emoções por meio do corpo.
c. Ensaio Trabalham-se ritmo visual, pausas, expressividade facial e movimentação espacial. A performance começa a ser moldada pelo corpo.

d. Gravação

Planejam-se cuidadosamente o cenário, a iluminação e o enquadramento. A filmagem privilegia planos médios e closes, destacando mãos, expressões e gestualidades poéticas.

Fonte: elaboração própria.

Durante essa etapa, aprofundi meu conhecimento sobre Van Gogh assistindo a diversos filmes – clássicos e contemporâneos – sobre sua vida e obra. Destacam-se: *No Portal da Eternidade* (2019), de Julian Schnabel; *Com Amor, Van Gogh* (2017), animação dirigida por D. K. Welchman e Hugh Welchman; e *Van Gogh* (1991), de Maurice Pialat.

Além dos filmes, realizei pesquisas em sites especializados e mantive conversas por *webcam* com Vanessa Martins, que atuou como interlocutora crítica nesse processo. Juntos, discutimos percepções visuais, o sinal de “Van Gogh” em Libras, os significados das cores em suas obras e outras questões poéticas e culturais relacionadas ao artista.

Como enfatiza Sutton-Spence (2005, p. 25-26, *apud* Nazário e Albres, 2024), os estudos sobre poesia em línguas de sinais revelam padrões recorrentes nas configurações de mão. Tais repetições, além de estéticas, assumem funções simbólicas e emocionais, reforçando sentidos que transcendem os sinais convencionais. Essa técnica, de certo modo, foi usada por mim na produção poética.

O trabalho dessa primeira etapa – estudo, análise e ensaio – foi desenvolvido ao longo de uma semana.

Quadro 3 – Processos metodológicos de criação da poesia.

Etapa 2: Ensaio (crítico, teórico ou pessoal)
a. Escrita/gravação e revisão O ensaio assume uma estrutura clara – introdução, desenvolvimento e conclusão –, podendo ser adaptado à linguagem oral ou visual, conforme a modalidade (sinalizada ou falada).
b. Roteirização leve Organização do conteúdo em blocos temáticos, com marcações de pausas, ênfases e sugestões de recursos visuais (imagens, vídeos, citações).
c. Interpretação para gravação Em Libras, a transposição do texto contou com apoio de glosas e ensaios que garantissem fluência e expressividade.
d. Gravação Realizada com plano fixo, com o poeta sinalizando diretamente para a câmera. Foram incorporados recursos visuais, como slides, imagens e animações.

Fonte: elaboração própria.

Note que a criação poética para mim passou pelo intercâmbio entre Libras e língua portuguesa. De certo modo, a escrita na língua portuguesa possibilitou a construção do mapa mental e do apoio para a minha produção sinalizada em frente à câmera. Desse modo, tal como apontam Soler e Martins (2022), houve certa hibridização, em mim, entre as línguas que me constituem, na produção da poesia – ainda que a língua portuguesa tenha servido de suporte ou estratégia para organizar o tempo de produção de cada enunciado na poesia em Libras, ela estava lá.

Antes da etapa da gravação, foram produzidos ensaios para o aprimoramento da produção visual poética. Esses ensaios foram seguidos das seguintes ações:

- **descrição visual detalhada das pinturas** (cores, formas, composição);
- **sinais específicos da Libras** correspondentes a elementos visuais das obras;
- **expressões faciais e corporais** para reforço emocional e artístico;
- **contextualização histórica e estética** do artista e de suas obras.

Os vídeos do ensaio foram organizados por temáticas vinculadas aos quadros analisados. Compartilhei essas sequências com Vanessa Martins, que contribuiu com observações poéticas e sugeriu referências estéticas, como o filme *Com Amor, Van Gogh*.

Convidei também a artista e consultora surda Alessandra Rithiele para acompanhar os ensaios e gravações. Sua participação foi fundamental para ajustes na linguagem artística, correções na sinalização e avaliações sobre o uso expressivo do espaço em Libras.

O processo de ensaio e refinamento durou cerca de uma semana, até que estivéssemos prontos para a gravação em estúdio.

Quadro 4 – Processos metodológicos de criação da poesia.

Etapa 3: Gravação em estúdio (princípios fundamentais para produções em Libras e com foco na cultura surda foram seguidos)
a. Tradução poética e criativa Mais do que literalidade, buscaram-se a expressividade visual e a potência estética do gesto.
b. O corpo como câmera narrativa O corpo do sinalizador torna-se palco e câmera ao mesmo tempo, incorporando a narrativa visual.
c. Uso do espaço cinematográfico Câmeras, planos e iluminação foram pensados para realçar a comunicação visual e os efeitos poéticos da performance.

Fonte: elaboração própria.

As gravações exigiram horas de preparação técnica: iluminação, posicionamento de câmeras, múltiplos ensaios e repetições.

A edição foi realizada pela equipe do programa #CasaLibras, que integrou elementos visuais não verbais à gravação, ampliando a dimensão poética da obra. Quando me deparei com a produção final, fiquei extremamente surpreso com a qualidade da articulação dos elementos verbais e não verbais e foi aí que me deparei com a poesia que havia produzido.

Além disso, houve atenção especial à tradução da poesia sinalizada para a língua portuguesa, o que exigiu sensibilidade para manter a fluidez e a estética da Libras em uma *versão transcritiva*. Fiz a leitura da proposta de tradução e dei poucas sugestões, uma vez que a língua portuguesa para mim é uma língua adicional; não me sentia confortável para avaliar a qualidade das escolhas lexicais, mas, ao ver a obra final com a legenda indicando a tradução, a escolha foi bem assertiva, uma criação na língua portuguesa da minha produção em Libras. A composição completa da produção ganhou uma harmonia estética incrível.

Todas essas etapas – da inspiração à publicação – foram fundamentais para a finalização da poesia, que foi lançada no canal do #CasaLibras no YouTube como parte integrante do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras no segundo semestre de 2024.

Resultados a partir de nossas análises do percurso criativo

Em nossa análise, a poesia emerge como resultado de um processo de *transcrição* a partir das pinturas de Van Gogh. Utilizamos o conceito de *transcrição* conforme proposto por Campos (2006), compreendendo-o como um ato criativo que produz autoria na versão de um texto de uma língua para outra. Mais do que uma simples tradução, a *transcrição* permite a inserção de elementos culturais no processo de versão, caracterizando-se, assim, como um gesto de criação.

Embora a proposta de Cláudio Mourão não tenha sido a construção de uma tradução ou versão, de um texto em dada língua para outra, mas a criação de uma poesia inspirada nas pinturas de Van Gogh, observa-se uma adaptação da obra artística original incorporada à criação poética em Libras. Trata-se, portanto, de uma produção que, ainda que não se configure como descrição da tela, carrega elementos de uma versão ao mesmo tempo que instaura um texto poético em Libras dotado de originalidade.

Para a análise dos resultados, iniciamos com a apresentação do conceito de *textualidade diferida*, proposto por Peluso (2024), ao destacar que as pessoas surdas têm utilizado a videogravação como materialidade, por meio do registro, da circulação de suas produções sinalizadas em diferentes gêneros discursivos.

A videogravação impõe regras que devem ser consideradas na composição da materialidade registrada. Os passos

metodológicos descritos por Cláudio Mourão, na seção anterior, indicam um rigor técnico presente na produção enunciativa da poesia em Libras: um estudo antes da criação, o processo de criação em si, abordando mapas mentais e organização discursiva, e o registro da composição da poesia em uma materialidade videogravada.

Esses elementos – as etapas, os procedimentos e as estratégias de criação – evidenciam o comprometimento com o público e revelam traços estético-estilísticos próprios do gênero poesia em Libras, que requer modos específicos de composição.

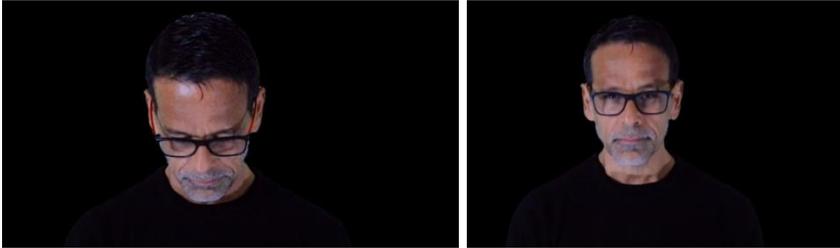
A seguir, apresentamos algumas imagens – recortes da poesia – com alguns dos elementos estilísticos que mais nos chamaram atenção nesse gênero.

Iniciamos pela abertura da poesia, marcada pela presença do corpo e pelo início da incorporação do poeta. Como se trata de uma materialidade videogravada em Libras, o corpo está presentificado o tempo todo no registro. Diferentemente da escrita, em que não vemos o autor, mas a representação gráfica de suas reflexões, a produção em Libras evidencia o autor. Indicar o momento de transição entre o texto narrativo – de sua apresentação – e o início da poesia é um desafio e precisa ser cuidadosamente marcado.

Cláudio Mourão opta por realizar essa transição por meio de uma pausa corporal: fecha os olhos, olha para baixo e silencia. Esse gesto de silenciamento e introspecção sinaliza a entrada no tempo poético, instaurando um ritmo outro. É nesse momento que

ele se faz, em si, a voz do poeta – sendo seu corpo, agora, a própria poesia em mãos.

Figura 2 – Início do texto poético: olhos fechados e cabeça baixa como marcação da introdução ao texto poético.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube

(https://youtu.be/cZwZWwEdmCs?si=Ndhmy9Qdt_Vfrsd4&t=185).

Levanta lentamente a cabeça e olha para o interlocutor, foca o olhar na direção da câmera. Instaura-se, nesse gesto, a presença do poeta. O texto poético está iniciado. O corpo marca os elementos constitutivos do gênero. Sendo a Libras uma língua de modalidade visuogestual, cuja materialidade requer a presença do corpo físico, torna-se necessário criar uma estética própria entre o jogo de câmera e o olhar, a fim de indicar as posições discursivas e estilísticas de cada gênero.

Figura 3 – Olhar lateralizado, desviado da câmera, como recurso expressivo para marcação do eu lírico.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube

(<https://youtu.be/cZwZWwEdmCs?si=huh4FKCTwzzO5pTU&t=195>).

Após a introdução poética, seu corpo, já atravessado pelo texto, projeta-se lateralmente, e, mesmo quando permanece de frente para a câmera, seu olhar torna-se desfocado. Esse desvio de olhar narra a imersão do poeta em sua própria enunciação – um mergulho introspectivo no texto. Nas línguas de sinais, esse gesto de desviar o olhar é um marcador expressivo que distingue o texto poético de outros gêneros discursivos, conferindo-lhe uma dimensão estética e subjetiva própria desse gênero.

A abertura do texto poético com o fundo preto ganha cores nas interpretações impressionistas da poesia, e ao final o fundo em amarelo revela o fechamento da produção, inserindo a cor que indica a poesia-resistência produzida por Cláudio Mourão: o campo de girassóis travestido por poesia em mãos.

Figura 4 – Fechamento da poesia.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://youtu.be/cZwZWwEdmCs?si=nIjh39g-XqY9QZIN&t=404>).

Cláudio Mourão finaliza a poesia incorporando, em si, a cor que ela lhe pintou: o amarelo. Apenas após o encerramento do texto poético é que ele retoma o contato visual com o interlocutor, direcionando novamente seu olhar para a câmera.

Esse gesto de reencontro com o olhar do outro marca simbolicamente o oferecimento da poesia em Libras – como quem entrega, delicadamente, uma flor de girassol ao espectador.

Há ainda muitos outros elementos possíveis de análise, mas os recortes aqui apresentados já evidenciam a potência da poesia em Libras e as múltiplas possibilidades de trabalho com os estudantes a partir desse texto: seja na exploração da estrutura e do estilo do gênero, seja na análise dos sentidos e das metáforas que ele mobiliza.

Esperamos que as análises aqui compartilhadas possam motivar professores e leitores a se aproximarem desse belíssimo trabalho poético, repleto de sensibilidade, rigor e expressividade.

Considerações finais

Concluimos este texto destacando a importância da produção poética realizada no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, especialmente para estudantes surdos. Inserir a poesia em Libras como elemento pedagógico, tanto para alunos surdos quanto ouvintes, é uma forma de valorizar essa língua e promover a representatividade surda, sobretudo quando a criação parte do protagonismo de um autor e poeta surdo.

Essa produção estabelece um diálogo potente com a arte ouvinte, ao se inspirar na obra de um renomado pintor do impressionismo: Van Gogh. A partir da perspectiva e das marcas

dessa escola artística, emerge uma poesia em Libras com traços impressionistas, o que possibilita aos educadores bilíngues desenvolverem abordagens interdisciplinares ricas e sensíveis em sala de aula.

É com alegria que compartilhamos, neste capítulo, um pouco desse processo criativo e do encontro entre os autores Vanessa Martins e Cláudio Mourão. A junção entre uma docente ouvinte e um docente surdo resultou não apenas em uma proposta poética inovadora, mas também na construção de um percurso marcado pelo afeto, pela escuta e por práticas colaborativas de criação. Esse encontro reafirma a potência das parcerias que se fundamentam no respeito à diferença e no compromisso com a educação bilíngue de surdos.

Referências

BRITANNICA. *Vincent van Gogh: The productive decade*. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Vincent-van-Gogh/The-productive-decade>. Acesso em: 29 abr. 2025.

CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria & crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COM AMOR, Van Gogh. Direção: Dorota Kobiela Welchman; Hugh Welchman. Reino Unido/Polônia: BreakThru Films/Trademark Films, 2017. 1 filme (95 min), son., color. Animação/Drama biográfico.

DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEPARTMENT OF EUROPEAN PAINTINGS. Vincent van Gogh (1853-1890). In: *Heilbrunn Timeline of Art History*. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 2000-. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/essays/vincent-van-gogh-1853-1890>. Acesso em: 18 jun. 2025.

JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

MALTA, J. S. R. Poesia e pintura: uma abordagem intersemiótica de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA – ABRALIC, 13., 2012, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: UEPB/UFCG, 2012.

NASCIMENTO, V.; MARTINS, V. R. de O.; SEGALA, R. R. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Domínios de Lingu@gem*, v. 11, n. 5, p. 1850-1874, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37378/21502>. Acesso em: 29 abr. 2025.

NAVARRO, J. Evolución Artística de Van Gogh: (IV) Etapa en París. *The Vincent van Gogh Gallery*, 1999. Disponível em: <https://vggallery.com/visitors/major/navarro/17.htm>. Acesso em: 29 abr. 2025.

NAZÁRIO, V. H.; ALBRES, N. de A. Tradução comentada da poesia em Libras “Poesia Surda para Sempre” para o português: a arte do fazer tradutório. *Tradução em Revista*, n. 36, p. 15-43, 2024.

NO PORTAL da eternidade. Direção: Julian Schnabel. França: CBS Films/Iconoclast, 2019. 1 filme (111 min), son., color. Drama biográfico.

PAGNI, P. A.; MARTINS, V. R. de O. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1-21, 2019.

PELUSO, L. Os Surdos, suas línguas e sua textualidade diferida. *Tradução em Revista*, n. 36, p. 203-223, 2024. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/66943/66943.PDF>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SOLER, P. S.; MARTINS, V. R. de O. Língua portuguesa como língua adicional para surdos e o seu aprender em articulação com a Libras como língua matriz. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 35, e63, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X64603>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VAN GOGH. Direção: Maurice Pialat. França: Erato Films/France 3 Cinéma, 1991. 1 filme (158 min), son., color. Drama.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Processos de tradução e edição da poesia *Campo de Girassóis de Cacau Mourão,* inspirada em Van Gogh

Anderson Marques da Silva¹

(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Anne Caroline Santana Iriarte²

(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Rodrigo Vecchio Fornari³

(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Tatiane Cristina Cardoso⁴

(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Introdução

Em 2020, o Brasil foi fortemente impactado pela pandemia da Covid-19. Diante da rápida disseminação do vírus Sars-CoV-2, medidas protetivas e emergenciais foram adotadas com o objetivo de conter a proliferação do vírus e proteger a população. Entre essas medidas, o *lockdown* foi a primeira estratégia implementada pelos governos em suas diferentes esferas.

¹ Mestrando em Linguística pela UFSCar. Tradutor e Intérprete de Libras da UFSCar. E-mail: andersonmarques@ufscar.br.

² Mestra em Educação Especial pela UFSCar. Tradutora e Intérprete de Libras da UFSCar. E-mail: anneiriarte@ufscar.br.

³ Mestre em Educação Especial pela UFSCar. Técnico Audiovisual do curso TILSP da UFSCar. E-mail: rodrigofornari@ufscar.br.

⁴ Doutora em Educação Especial pela UFSCar. Tradutora e Intérprete de Libras da UFSCar. E-mail: tatianebonfim@ufscar.br.

Com o fechamento das escolas, os estudantes passaram a acessar informações e orientações sobre a pandemia por meio de canais de comunicação de massa, como televisão, rádio e plataformas digitais. Esses meios tornaram-se instrumentos fundamentais de veiculação de conteúdos preventivos e de conscientização sanitária. No entanto, o acesso equitativo à informação não foi garantido a todas as populações. Pessoas surdas, cuja principal forma de comunicação se dá por meio da língua brasileira de sinais (Libras), foram inicialmente excluídas desse processo comunicacional, uma vez que a maior parte dos conteúdos divulgados não era acessível em Libras. Essa exclusão comprometeu o direito à informação e à proteção da saúde dessa população durante a crise sanitária.

Diante desse contexto, surgiu o projeto de extensão universitária intitulado #CasaLibras,⁵ vinculado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O projeto emergiu da urgência em garantir acesso à informação e entretenimento para crianças e jovens surdos durante o período de isolamento social, com foco inicial na temática da Covid-19. Segundo Martins, Torres e Nichols (2022, p. 15), “nenhuma ação é feita de modo isolado, foram se achegando parceiros interessados em atuar”, e, assim, o projeto de extensão passou a contar com docentes, discentes e técnicos administrativos da universidade. A relevância e a abrangência da

⁵ Veja mais em: <https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/programa>.

iniciativa foram tamanhas que o projeto foi consolidado como um Programa⁶ permanente da universidade, ampliando suas frentes de atuação. Entre essas frentes, destaca-se o Campeonato Artístico-Literário, evento cultural voltado a estudantes surdos da Educação Básica brasileira, com o propósito de promover o protagonismo linguístico, artístico e pedagógico por meio da Libras.

A ação objetiva ainda fomentar a integração entre escolas de diferentes regiões do país que atuam na perspectiva da educação bilíngue – sejam elas programas bilíngues, escolas de surdos, classes ou salas de recursos, escolas-polo ou escolas inclusivas. Além disso, busca incentivar a produção e a socialização de práticas pedagógicas e materiais didático-pedagógicos em/na Libras, promovendo o fortalecimento da educação bilíngue de surdos desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental I.

A primeira edição do Campeonato Artístico-Literário teve início em setembro de 2021, alcançando seu ápice em outubro do mesmo ano, quando foram anunciados os vencedores. O evento contou com a participação do professor surdo Wilson Santos Silva como protagonista, sendo ele o autor e sinalizador da versão em Libras da música *As expressões faciais dos sentimentos*,⁷ que deu

⁶ #CasaLibras: Programa educativo de atenção bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) virtual a crianças surdas. Processo número: 23112.004320/2021-18. Programa coordenado pela profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins, docente do Departamento de Psicologia (DPSi), no Curso Bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa (Tilsp) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=07fHfsyh7cU>.

nome à temática central do Campeonato.⁸ A revelação dos ganhadores ocorreu de forma remota, por meio de plataformas de *streaming*, o que permitiu ampla participação de escolas de diversas regiões do país, mesmo diante do cenário adverso da pandemia. A ação evidenciou o potencial de articulação e valorização da cultura surda em espaços educativos mediados por tecnologias digitais.

Em 2022, com o retorno gradual das atividades presenciais na universidade, a equipe organizadora precisou redirecionar seus esforços às demandas acadêmicas e institucionais, o que impossibilitou a realização do Campeonato naquele ano. Contudo, o período foi oportuno para a realização de estudos e adequações didático-pedagógicas, com o objetivo de renovar a proposta do evento e idealizar uma temática inovadora. Assim, a segunda edição do Campeonato ocorreu em 2023, tendo como inspiração a figura de Louise Walser,⁹ feminista surda nascida em Paris, em 1879, e considerada à época como a “Joana D’Arc dos surdos-mudos” (Cantin; Cantin; Souza, 2023, p. 137). Walser tornou-se, portanto, a personagem central da narrativa artística e cultural promovida na segunda edição do evento.

Com o crescimento e consolidação do Campeonato, a terceira edição, realizada em 2024, contou com o apoio

⁸ Disponível em: <https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonato-artistico-literario/1o-campeonato>.

⁹ Conheça mais no vídeo *Narrativas em Libras – A menina e o espelho*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dz1QFEnoEal>.

institucional da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos¹⁰ (Dipebs), vinculada ao Ministério da Educação (MEC). A parceria foi fundamental para viabilizar a cerimônia de premiação presencial, realizada na Universidade Federal de São Carlos, e ampliar a visibilidade e a abrangência nacional da iniciativa.¹¹ O evento teve como inspiração o pintor Vincent Van Gogh e a poesia inspirada em suas obras, em Libras,¹² criada pelo poeta surdo Cacau Mourão, que atuou como protagonista dessa edição.

Tendo em vista as características visuais da Libras e a importância de explorar elementos que potencializam essa visualidade (Lebedeff, 2017; Torres, 2022), foi necessário, após a finalização da poesia em Libras, pensar cuidadosamente nos elementos semióticos que a complementariam. Mais do que buscar imagens prontas, a proposta exigiu a criação de ilustrações que dialogassem diretamente com a sinalização da poesia e com a proposta estética de Vincent Van Gogh, estabelecendo uma relação coerente entre a língua de sinais, a arte visual e a narrativa poética. Esse trabalho foi desenvolvido de forma colaborativa entre o editor de vídeo – Rodrigo – e o tradutor e intérprete de Libras

¹⁰ Competências e Metas da Dipebs. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/estrutura-organizational/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-modalidades-especializadas-de-educacao/competencias-e-metas-da-dpebs>.

¹¹ Live de Lançamento do 3º Campeonato, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_Jwfl_dALc&t=1s.

¹² O Campo de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada. Disponível em: <https://youtu.be/cZwZWwEdmCs>.

responsável pela criação das ilustrações originais que compõem o vídeo final – Anderson. A parceria entre ilustrador e editor permitiu alinhar a linguagem visual das ilustrações à temporalidade e à expressividade da sinalização, garantindo uma integração harmoniosa entre os diferentes recursos presentes no produto audiovisual. Essa articulação reafirma o caráter visual-espacial da Libras e amplia as possibilidades de criação artística e poética no contexto bilíngue.

Com a finalização da composição poética em Libras, surgiu a necessidade de torná-la acessível ao público ouvinte por meio da tradução para a língua portuguesa na modalidade oral. Esse processo tradutório exigiu um trabalho minucioso, sensível e colaborativo, conduzido pelas tradutoras-intérpretes deste capítulo, Anne e Tatiane, que atuaram em estreita parceria. A proposta não se restringiu à simples transposição linguística, mas envolveu uma escuta atenta às expressões artísticas, culturais e poéticas presentes na Libras, com o intuito de preservar, na medida do possível, a intencionalidade estética e os sentidos originários da língua-fonte.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo apresentar elementos constitutivos da terceira edição do Campeonato, com ênfase no processo de produção do vídeo da poesia sinalizada, quais sejam: a ilustração, a edição e a tradução da poesia. As reflexões aqui desenvolvidas buscam evidenciar os desafios e as especificidades da ilustração, edição e tradução de textos poéticos

da Libras para a língua portuguesa, reconhecendo a singularidade estética, o ritmo e a visualidade que marcam profundamente esse tipo de produção textual.

Para isso, são mobilizados relatos dos profissionais envolvidos em todo o percurso de construção do produto final – desde a recepção da poesia em sua forma bruta, passando pelos processos de ilustração, edição e, por fim, a tradução. A proposta é lançar luz sobre as decisões imagéticas que incluem a ilustração e edição, bem como as decisões tradutórias, os tensionamentos vivenciados e os sentidos produzidos ao longo dessa experiência poético-pedagógica.

Fundamentação teórica

Para a elaboração da poesia em Libras e de sua edição audiovisual, o principal aspecto considerado foi a exploração da visualidade intrínseca à língua de sinais. Nesse processo, buscou-se incorporar a dimensão verbo-visual como estratégia fundamental para complementar e ampliar os sentidos do texto poético. A verbo-visualidade, conforme discutem autores como Brait (2013), Fomin (2018) e Nascimento (2014), diz respeito à articulação entre os elementos verbais e visuais que, juntos, constituem um enunciado coerente e significativo. No contexto da Libras, essa articulação é potencializada pela própria modalidade visuoespacial da língua, em que sinais, expressões faciais, classificadores e uso do

espaço formam um todo integrado, essencial para a construção de sentidos. A exploração consciente dessa característica é especialmente relevante em propostas artísticas, como a poesia sinalizada, nas quais a expressividade visual assume função não apenas comunicativa, mas também estética.

Os estudos sobre a verbo-visualidade no Brasil têm se consolidado principalmente a partir das reflexões de Brait (2013), que, com base na teoria do discurso de Bakhtin e o Círculo, aponta a indissociabilidade entre linguagem verbal e visual em diversos gêneros discursivos. Para a autora, a condição verbo-visual da linguagem deve ser compreendida como uma produção social, cultural e ideológica, situada em contextos específicos de enunciação. Essa perspectiva é especialmente pertinente quando se pensa na poesia em Libras, que se ancora na simultaneidade e na espacialidade dos sinais, em constante articulação com elementos visuais complementares – como imagens, planos de câmera, ilustrações e edição. Ao trabalhar esses recursos de forma integrada, busca-se alcançar uma combinatória de materialidades que respeite as especificidades da língua e ao mesmo tempo dialogue com outras formas de arte visual, como as obras de Van Gogh, ampliando os sentidos e enriquecendo a experiência estética do público.

Nesse sentido, autoras como Albres (2012), Lebedeff (2017) e Torres (2022) reforçam a importância do uso intencional de recursos visuais em materiais produzidos em Libras,

especialmente em contextos educacionais e artísticos. A proposta verbo-visual não apenas assegura maior clareza e acessibilidade comunicativa, mas também valoriza a dimensão estética das produções em língua de sinais. Como observa Nascimento (2014), ao analisar gêneros como o jornal televisivo, a integração entre o verbal e o visual é fundamental para a constituição do enunciado; sua separação comprometeria a completude dos sentidos. Na esfera artística, como afirma Gonçalves (2014), é preciso compreender o texto teatral – e, por extensão, o texto poético sinalizado – como um fenômeno discursivo complexo, que vai além da linguagem verbal e envolve múltiplas materialidades expressivas. Assim, a abordagem verbo-visual apresentou-se como não apenas pertinente, mas indispensável para pensar a ilustração e edição da poesia em Libras.

Durante o processo de divulgação do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, o eixo de tradução esteve presente desde a elaboração do edital, passando pelas *lives* e pelos formulários de inscrições, demonstrando que as demandas tradutórias estavam intrinsecamente ligadas a todas as etapas do evento. A equipe responsável por essa frente de trabalho já atuava desde o começo no Programa #CasaLibras, com foco na tradução de atividades literárias e materiais didático-pedagógicos produzidos e enviados pelo Programa. No entanto, a tradução de uma poesia sinalizada para o português na modalidade oral constituiu um novo e desafiador campo de atuação.

Historicamente, o foco das traduções realizadas pelo Programa tem sido a acessibilização de conteúdos para o público ouvinte, especialmente aos familiares de crianças e adolescentes surdos, com o objetivo de fomentar a interação, o pertencimento e a aprendizagem pela/na Libras. Como destaca Conceição (2018, p. 82), considerando que a maioria dos estudantes surdos são filhos de pais ouvintes, “não tendo, na maior parte dos casos, o uso de sua língua matriz em circulação nos ambientes familiares”, a acessibilidade via Libras ganha centralidade nas práticas educativas, ao mesmo tempo que evidencia os desafios comunicacionais e afetivos vivenciados por essas famílias.

A autora Tatiane Bonfim (2024, p. 194) ressalta que ações de acessibilidade, como a tradução na modalidade da língua portuguesa oral, possibilitam que as famílias adquiram o conhecimento sobre a língua, além de oportunizarem “a interação e o diálogo entre pais e filhos pela Libras”. Nesse contexto, a tradução da poesia sinalizada não apenas busca ampliar o acesso ao conteúdo, mas também criar pontes simbólicas e sensíveis entre mundos linguísticos e culturais distintos.

Metodologia

Ao receber a poesia em seu formato bruto, ainda sem edição ou tradução, identificou-se a necessidade de pensar cuidadosamente a composição visual que acompanharia a

sinalização. Em vez de optar por um fundo neutro, como frequentemente ocorre em produções em Libras, a proposta foi criar uma ambientação que dialogasse diretamente com a discursividade artística do poema, contribuindo esteticamente com a experiência visual, sem comprometer a inteligibilidade da sinalização. A partir dessa decisão, a organização do Campeonato entrou em contato com a equipe responsável pela parte técnica – ilustração e edição de vídeo – para definir os passos necessários à construção desse material.

Inicialmente, optou-se por desenvolver as ilustrações antes da etapa de edição audiovisual, para que os elementos visuais já estivessem finalizados e pudessem ser integrados diretamente na composição do vídeo. O primeiro passo metodológico consistiu em um estudo detalhado da poesia sinalizada, observando os principais temas e sentidos expressos pelo poeta em Libras. Essa análise permitiu identificar as imagens-chave evocadas na performance, sobretudo aquelas associadas à passagem do tempo, à natureza e à luminosidade. Em seguida, realizou-se um estudo da obra de Vincent Van Gogh, buscando compreender seu estilo artístico, o uso de cores, a expressividade de seus traços e os elementos recorrentes em sua produção, como o girassol e o sol – símbolos que já estavam presentes na poesia sinalizada e que seriam incorporados nas ilustrações.

Com base nesses estudos e ancorados na perspectiva da verbo-visualidade (Brait, 2013; Nascimento, 2014; Fomin, 2018),

procurou-se compor um fundo que dialogasse com a poética do texto sinalizado sem competir com a língua de sinais, que deveria permanecer como elemento central. Assim, decidiu-se por uma composição sutil, com poucos elementos: um campo com variações temporais, a figura do girassol, o sol e o céu – todos trabalhados com traços que remetessem à estética de Van Gogh. Evitou-se o uso de imagens muito chamativas ou excessivamente explicativas, preservando o equilíbrio entre a expressividade artística e a legibilidade da sinalização.

As ilustrações foram produzidas digitalmente no programa Procreate, utilizando *brushes* específicos inspirados nas pinceladas do pintor, simulando sua técnica em ambiente digital. Cada elemento – céu, chão, girassol, sol – foi desenhado em camada separada e exportado em formato .psd, o que permitiu ao editor manipular visualmente os componentes com maior flexibilidade. Durante todo o processo, houve constante troca de mensagens entre o ilustrador e o editor, garantindo que as decisões tomadas na etapa de criação visual fossem fielmente incorporadas à edição final do vídeo.

A etapa de edição do vídeo teve início após o envio do material original pelo poeta Cacau Mourão, gravado integralmente em uma única tomada com fundo verde (*chroma-key*). Paralelamente ao vídeo bruto, o poeta também forneceu uma versão editada por ele próprio, com cortes pontuais para ajustar pausas e mudanças de enquadramento. Foi enviado ao editor um

áudio-guia com uma tradução literal dos sinais e classificadores utilizados, permitindo a compreensão geral do conteúdo, bem como as ilustrações para desenvolvimento do cenário. A edição foi realizada nos softwares *Adobe Premiere* e *After Effects*, este último para a construção de efeitos mais elaborados. A organização dos elementos visuais respeitou tanto a estrutura poética quanto o foco na performance em Libras, garantindo a centralidade das mãos e do corpo do sinalizante, em diálogo com os recursos visuais planejados.

Com relação ao processo de tradução, essa atividade foi realizada em três grandes momentos: 1) estudo do material e das referências externas; 2) elaboração da tradução; e 3) gravação do texto final. Vamos realizar a descrição de cada etapa a seguir.

Ao iniciar esse processo, foi necessário um estudo prévio do vídeo a ser trabalhado; além disso, a equipe buscou referências em outros materiais, como: poesias anteriormente produzidas pelo autor Cacau Mourão, para a compreensão da estética e das escolhas que seriam realizadas de acordo com a expressão poética do autor; e produções do pintor Van Gogh. A partir do estudo, elaborou-se a primeira versão da tradução, a qual buscou resgatar as referências que Cacau fez da obra *A Noite Estrelada*, de Vincent Van Gogh, bem como manter a repetição do sinal de “choro”, que traduzimos como “lágrima”, para efeito poético.

Na primeira versão, os versos apareciam mais próximos da sinalização do autor, o que foi modificado à medida que foram iniciadas as gravações de áudio da tradução, pois os tempos de

produção do discurso em Libras e em português são diferentes. Sendo assim, essa versão pode ser entendida como uma expressão dos sentidos do texto de Cacau Mourão, mas não ainda como uma tradução efetiva.

Após esse movimento, o processo tradutório inicial foi apresentado e discutido com a coordenadora do Programa, Vanessa Martins. Nesse encontro ela apontou algumas preferências de termos utilizados por Cacau Mourão que deveriam ser mantidas na versão em áudio. As sugestões foram incorporadas, e assim tivemos a elaboração da segunda versão.

No novo texto, foram inseridos mais elementos onomatopaicos, que auxiliaram no momento da gravação. Além disso, foi introduzida de forma mais explícita a divisão das estações do ano, que antes não havia aparecido, embora fossem termos importantes para serem incorporados ao texto final. Essa versão foi apresentada novamente à Vanessa Martins e também ao Cacau Mourão, para validação do texto produzido.

A partir disso, iniciou-se a terceira etapa do processo, a gravação do áudio. Mesmo com o texto final aprovado, foram necessários mais ajustes no momento da gravação, devido à diferença nos tempos de produção dos textos em língua portuguesa e em Libras, pedindo alongamento das sílabas ou repetições que não ficariam adequadas na língua de chegada. Além disso, alguns versos foram modificados pela sonoridade da sua pronúncia, ou seja, outros modos de dizer foram necessários para

que a tradução ficasse mais coesa e mais agradável na língua de chegada, sem preterir a expressão poética que o texto em Libras exigia. Durante a gravação também foi inserido o sentido das estações do ano, que antes não apareciam verbalizados e que serão mais bem discutidos a seguir, no relato de experiência.

Relato da experiência

Durante o processo de criação das ilustrações para a poesia em Libras, alguns aspectos destacaram-se como fundamentais para o êxito do trabalho. Um dos principais desafios enfrentados foi a necessidade de compreender profundamente a língua de sinais, não apenas no nível lexical, mas também nos aspectos semânticos e discursivos próprios da Libras. Um exemplo marcante disso foi a representação do sol: na poesia, o poeta não utiliza o sinal convencional para “sol”, mas sim um classificador em que uma das mãos traça um círculo que sobe e depois desce, simbolizando o movimento do sol no céu e, por extensão, a passagem do tempo. O reconhecimento desse recurso linguístico – típico da visualidade e iconicidade da Libras – possibilitou que o elemento “sol” fosse desenhado em uma camada separada, o que permitiu, posteriormente, sua animação na edição, acompanhando com precisão o movimento realizado pelo poeta. Esse efeito trouxe vitalidade ao fundo e só foi viável devido ao conhecimento prévio e aprofundado da língua de sinais por parte do ilustrador.

Além do domínio da Libras, foi igualmente essencial ter noções básicas dos recursos disponíveis para a edição. Por exemplo, saber que o editor seria capaz de animar o sol e alterar gradualmente as cores do céu foi determinante para planejar as ilustrações em camadas, permitindo que tais recursos fossem incorporados dinamicamente ao vídeo. Esse planejamento antecipado exigiu pensar não apenas nos elementos visuais a serem representados, mas também em como organizá-los tecnicamente para potencializar sua integração com a edição audiovisual.

Outro fator decisivo foi o diálogo constante entre ilustrador e editor. O trabalho colaborativo, sustentado por trocas frequentes de mensagens e alinhamentos de intenção, garantiu que a proposta visual construída na etapa da ilustração fosse respeitada e desenvolvida na etapa da edição. Essa experiência evidenciou a importância do trabalho em equipe e da articulação entre diferentes áreas – artística, linguística e técnica – no desenvolvimento de materiais verbo-visuais. Tal perspectiva encontra ressonância na concepção de complexidade de Morin (2000), que entende os fenômenos como multifacetados e interdependentes, exigindo abordagens transdisciplinares e colaborativas.

Assim, a experiência como ilustrador nessa produção reafirmou a necessidade de articulação entre linguagem, tecnologia e arte, destacando o papel central do planejamento, do conhecimento linguístico e da cooperação interdisciplinar na

criação de materiais acessíveis, sensíveis e esteticamente significativos.

O processo de edição foi iniciado a partir do vídeo original de Cacau Mourão, que sinalizou toda a poesia em uma tomada apenas (sem cortes), em fundo verde. Durante a edição esse fundo verde é substituído por imagens por meio do efeito *chroma-key*. Esse estilo de edição, com o sinalizante de Libras “recortado” à frente de imagens ou ilustrações, tornou-se padrão nas produções audiovisuais do #CasaLibras um pouco depois do início do programa. Apenas alguns dos primeiros vídeos não utilizam esse recurso, até porque o isolamento social imposto pela pandemia impossibilitou o deslocamento dos participantes a lugares onde houvesse uma estrutura necessária para gravar em fundo verde.

Além desse vídeo original, Cacau também enviou uma versão que ele mesmo editou, com cortes suprimindo pequenas pausas entre as sinalizações, além de mudanças no enquadramento, ora focando mais em seu rosto, ora destacando o movimento de suas mãos. O professor, que já tem experiência em edição de vídeos, fez essa primeira versão alterando a escala e posição de cada corte do vídeo original para sugerir momentos de destaque e mostrar como ele imaginava o ritmo da edição final.

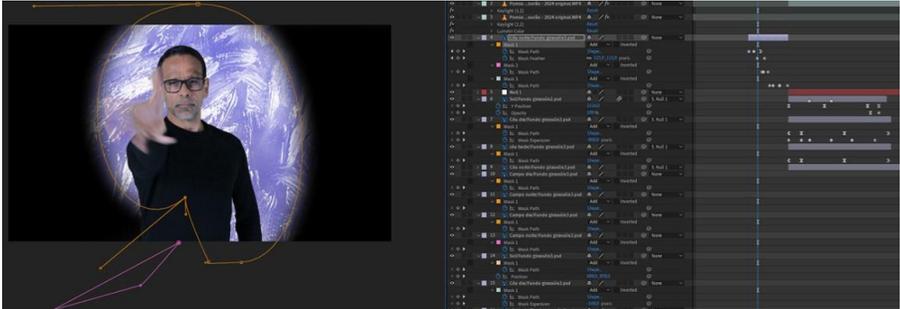
Em seguida, a professora Vanessa Martins gravou um áudio com sua voz criando uma “tradução simples” para que o editor, que não tem fluência em Libras, pudesse se situar e entender minimamente o contexto da poesia. Assim, esse áudio continha a

tradução literal dos sinais e classificadores, sem a preocupação de criar uma versão em português da poesia.

A partir das imagens recebidas do ilustrador, iniciou-se o processo da criação do cenário para a poesia. O ilustrador criou quatro versões para o mesmo campo de girassóis. Duas ambientadas com a luz do dia (céu azul claro), sendo uma com o campo verde (apenas o gramado) e outra com o campo amarelo (repleto de girassóis), uma versão com o campo verde à noite (céu azul escuro) e uma versão intermediária, com o céu avermelhado, que poderia ser utilizada tanto para o amanhecer quanto para o anoitecer. O elemento sol foi feito em uma camada separada também, para que pudesse ser animado. Além dessas ilustrações, foi feito o desenho de um girassol na proporção da altura da tela, para que o editor pudesse alterar seu tamanho como quisesse durante a edição.

Assim, com os vídeos, os desenhos e o áudio-guia, o editor iniciou seu trabalho com o software de edição de vídeos *Adobe Premiere Pro*. A primeira cena mostra o poeta levantando a cabeça em um respiro profundo, para olhar diretamente para a câmera. Logo depois ele movimenta os braços e as mãos, como se estivesse criando o ambiente no qual está. Por isso o vídeo começou com o fundo em preto, e a movimentação dos seus braços fez surgir o céu da noite. Para esse efeito foi utilizado o software *Adobe After Effects*, que permite a criação de composições mais complexas.

Figura I – “O pincel se movimenta na tela”: efeito de máscaras animadas com o software *After Effects*.



Fonte: captura da tela de edição no *After Effects*.

As cenas seguintes foram editadas seguindo a sinalização de Cacau, a descrição para o português de Vanessa e aproveitando ao máximo as múltiplas camadas das ilustrações de Anderson, animando a posição do sol conforme a sinalização das mãos, transformando noite em dia e dia em noite por meio de máscaras com bordas suavizadas que se expandiam para revelar outras camadas da composição. Depois do surgimento do primeiro girassol, que aparece bem grande ao lado do sinalizador, os demais vão surgindo e permanecendo no gramado, até que no final o campo se preenche das flores. Um *fade* para o preto finalizava o vídeo, da mesma forma que no início, dando unidade à obra.

A primeira versão do vídeo editado agradou muito os dois professores, que apenas trouxeram duas sugestões de alteração. Logo no início, depois de criar o céu, Cacau também cria o campo com suas mãos. Então eles pediram que fosse adicionado o mesmo

feito de máscaras revelando o gramado, seguindo o movimento das mãos do poeta. E, no final do vídeo, em vez de culminar em uma tela preta, pediram que houvesse uma fusão para uma tela totalmente amarela, a cor tão evidenciada na obra de Van Gogh. Esses pedidos de alteração foram muito pertinentes, e o editor prontamente os incorporou à segunda versão.

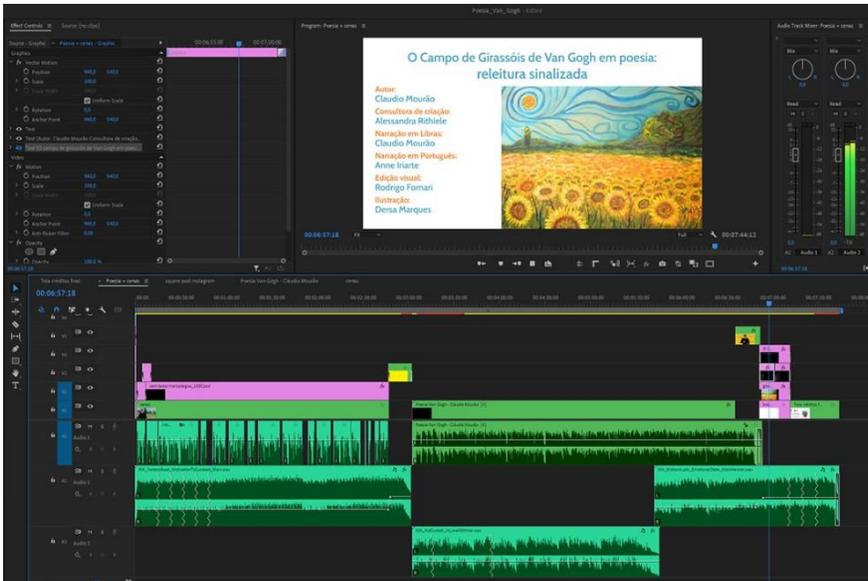
A segunda versão foi aprovada, e o vídeo foi entregue às intérpretes Anne Iriarte e Tatiane Cardoso, que criaram a versão em português da poesia. Após um minucioso trabalho, que será descrito em detalhes mais adiante, o texto final foi gravado, e o áudio foi enviado para o editor. Após sincronizar a voz com cada cena da poesia, o editor escolheu duas músicas em um banco de trilhas¹³, para fortalecer a atmosfera emocionante que as imagens e o texto já carregavam.

O poeta também gravou um vídeo se apresentando e contando brevemente a história de Van Gogh para ser adicionado antes da poesia. Para esse vídeo introdutório, o editor utilizou imagens de obras do pintor holandês, entre outras, inserindo-as no fundo com o mesmo recurso de *chroma-key*. A tradução para o português também foi adicionada a essa parte do vídeo, assim como outra trilha, cujo volume aumenta ao final para sonorizar a vinheta do #CasaLibras, a qual indica o início da poesia. Essa trilha é mais alegre e vibrante e é composta de piano, cordas e bateria. Após a

¹³ Disponível em: <https://motionarray.com/browse/royalty-free-music/>.

vinheta do #CasaLibras, entra a primeira trilha da poesia, que é mais lenta, traz um clima mais emotivo e nostálgico e termina quando o poeta anuncia a chegada da primavera. Nesse momento começa a última trilha, que, assim como a anterior, é tocada apenas com o piano, mas traz um clima inspirador e de esperança. Ao final da poesia, o volume da última trilha aumenta para sonorizar os créditos da obra, suavizando essa passagem.

Figura 2 – Sonorização: adição das trilhas à narração.



Fonte: captura da tela de edição no *Premiere Pro*.

Na produção da tradução da poesia sinalizada, alguns desafios foram encontrados e sanados por meio do diálogo entre as tradutoras, o autor e a coordenadora do Programa. O primeiro

foi com relação à repetição do sinal de “choro”, que na tradução final em língua portuguesa teve duas variações, contudo, sempre utilizando o termo “lágrima”; o segundo teve relação com a diferença do tempo de produção dos textos em Libras e em língua portuguesa. Vejamos alguns exemplos.

Quadro I – Versões da tradução para língua portuguesa.

	<p>1ª versão: O pincel se movimenta na tela Ao pôr do sol, uma lágrima escorre</p> <p>2ª versão: O pincel se movimenta na tela Pintando um pôr do sol, e neste momento uma lágrima escorre em meu rosto</p> <p>3ª versão: O pincel se movimenta na tela É um dia ensolarado, e ao entardecer... uma lágrima escorre em meu rosto</p>
--	--

Fonte: elaboração própria, a partir de captura de tela do vídeo *O Campo de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada* (<https://www.youtube.com/watch?v=cZwZWwEdmCs>).

É possível observar as alterações nas versões de um mesmo trecho, que está no início da poesia. No decorrer do texto, o poeta realiza o sinal apresentado no Quadro I diversas vezes, sempre como um tópico final do verso. Na etapa de estudo prévio, as tradutoras tiveram acesso a uma poesia criada por Cacau Mourão, em suas redes sociais, em que o mesmo sinal é utilizado e com uma narrativa semelhante, traduzido como “choros, suspiros”.¹⁴ No trabalho realizado para o #CasaLibras, no entanto, optou-se pelos termos “uma lágrima escorre” ou “uma lágrima escorre em meu rosto”, pois se refere à emoção do pintor Van Gogh ao ter contato com as belezas naturais, isto é, trata-se de um contexto mais ameno do que aquele da poesia Solidariedade, que foi publicada por ocasião das enchentes do Rio Grande do Sul.

A repetição é um recurso estilístico utilizado em textos poéticos para dar efeito de ênfase e ritmo, e, por esse motivo, a tradução buscou retratar esse recurso em língua portuguesa, o que deu um ritmo a cada verso produzido, reforçando a emoção do autor poeta. Apesar da mudança em duas opções de repetição, os

¹⁴ Poesia Solidariedade, por Cacau Mourão:
<https://www.instagram.com/reel/C7KieDxPXbk/?igsh=eGpqcnU0ZWd6N2Rq>.

termos “lágrima” e “escorre” estiveram presentes nos versos em língua portuguesa oral, assim como em Libras.

A poesia escrita pode ser identificada a partir de sua forma no papel: assemelha-se à poesia devido sua forma ser diferente da prosa. A poesia falada (e a poesia em línguas de sinais) pode ser reconhecida pelo seu estilo de declamação se uma pessoa adotar um certo modo de falar (ou sinalizar) quando recita uma poesia. Geralmente ritmo, linguagem mais acentuada, metáforas e repetição de vários elementos são estratégias usadas para maximizar a significância do poema (Sutton-Spence, 2005, p. 14 *apud* Nazário; Albres, 2024, p. 27).

Por esse motivo, a poesia traduzida buscou manter as características de repetição que apareciam na produção em Libras, uma vez que tais sinais, sendo realizados a cada verso, demonstram o ritmo empregado pelo autor e a ênfase na emoção do eu lírico. Ao mesmo tempo, a mesma configuração de mão usada para realizar o sinal de “lágrima” é usada repetidamente para representar o caule do girassol, o que revela uma escolha estética no uso dos sinais para representar a mensagem.

Quanto ao segundo aspecto, relacionado à diferença do tempo de produção dos textos em Libras e em língua portuguesa, é possível notar a estratégia para que a fala oral esteja ajustada ao tempo da fala em Libras. A língua de sinais, por ser de modalidade visuoespacial, com discursos materializados no espaço visual pela pessoa sinalizante, possui características que se diferem da língua portuguesa, modalidade oral-auditiva, no sentido da produção e

recepção dos enunciados. Por esse motivo, a tradução possui o desafio de adequar ritmo, entonação e tempo de fala entre as duas línguas.

No caso estudado, a poesia, como um todo, foi produzida com uma característica emocional marcante, portanto, a sinalização se dá de forma mais lenta, com poucos sinais, mas muitas marcações expressivas. Nesse sentido, na versão final da tradução, optou-se por preencher o silêncio para acompanhar o ritmo da sinalização, ou seja, as pausas e a fala mais lenta foram mantidas, no entanto, buscando o equilíbrio das informações e o ritmo das duas línguas, mais palavras foram introduzidas no texto final, conforme se observa no Quadro I, ao se compararem a primeira e a última versão da tradução. É importante ressaltar que esse processo não alterou o efeito de sentido do texto poético.

Outro aspecto a ser enfatizado do processo tradutório é a elaboração dos versos que retratam momentos cíclicos da natureza, como as estações do ano.

Quadro 2 – Estações do ano.



Fonte: captura de tela do vídeo *O Campo de Girassóis de Van Gogh*

em poesia: releitura sinalizada

(<https://www.youtube.com/watch?v=cZwZWwEdmCs>).

Durante o estudo do material e em conversa com a coordenadora do Programa, ela revelou uma intenção do autor em relação à passagem do tempo e à resistência do girassol no campo. A passagem do tempo ou as mudanças nas estações haviam sido retratadas nas versões anteriores de forma implícita, por meio da descrição das flores em relação aos fenômenos naturais. Assim, os elementos referentes às estações do ano foram adicionados na tradução durante as gravações, e a versão final será apresentada a seguir.

Quadro 3 – Inserção das estações do ano na tradução.

Outro dia se passa e o sol toca o girassol novamente. É um dia
quente de verão, uuh
E uma lágrima escorre
O sol toca o girassol em um novo dia, os ventos do outono levam
suas pétalas
A flor se desfaz no ar e uma lágrima escorre em meu rosto
Mais um dia, e o sol vem para tocar o girassol com seu calor
Mas a flor se encolhe no inverno... seca... em seu fim
E novamente uma lágrima escorre
O tempo passa, o sol vem todos os dias para tocar o girassol
Uma nova flor brota no campo, uma vida que espalha suas sementes,
e faz brotar flores, flores e mais flores e mais flores
É primavera e as flores de girassol formam um imenso campo amarelo

Fonte: elaboração própria.

Nesse quadro está representada a adaptação da tradução após o início das gravações, quando a tradutora finalmente inseriu os termos das estações no texto, grifados para dar destaque a esse movimento. É possível notar que o poeta utiliza novamente a estratégia discursiva do uso da mesma configuração de mão, em garra, para representar a flor do girassol, o verão, os ventos do outono, a flor seca e, por fim, a primavera. Isto é, o ciclo do tempo também possui momentos de crise e, no final, o renascimento, a resistência a que o autor se refere no seu texto poético.

Os recursos linguísticos da poesia em língua de sinais são bastante diferentes das rimas e métricas que são familiares à maioria do público ouvinte, a repetição de elementos de sinais e a criação de novos sinais são características

importantes na maioria dos poemas em línguas de sinais. Entretanto, a ideia de maximizar a mensagem por meio de uma linguagem especialmente mais acentuada é a mesma na poesia em todas as línguas, sejam elas de sinais ou orais (Sutton-Spence, 2005, p. 14 *apud* Nazário; Albres, 2024, p. 27).

Houve a criação de sinais novos para as significações pretendidas pelo poeta Mourão, conforme observado no Quadro 2 e reforçado na descrição acima. Assim, o processo de tradução de poesia da Libras para o português deve ser encarado como uma tarefa que não é simples, que requer do tradutor estudo aprofundado sobre o autor, sobre a estética de suas produções, sobre as referências por ele utilizadas, além de conhecimentos extralinguísticos, culturais que auxiliem na tomada de decisão tradutória.

Considerações finais

As experiências relatadas evidenciam que, embora cada profissional envolvido na produção de materiais verbo-visuais tenha seu campo específico de atuação, é fundamental que haja diálogo entre as áreas e um conhecimento compartilhado sobre os elementos centrais da proposta, especialmente quando se trata de uma produção em Libras. Não se trata de exigir que todos dominem todas as competências técnicas, mas sim de reconhecer que a compreensão mínima sobre o trabalho do outro – aliada à abertura para o diálogo e à troca de saberes – potencializa

significativamente o resultado final. No caso aqui apresentado, o conhecimento da Libras por parte do ilustrador, assim como a noção dos recursos disponíveis na edição permitiram uma articulação mais fluida entre imagem e linguagem, garantindo que a poesia sinalizada mantivesse seu protagonismo. Essa experiência reforça a importância de se trabalhar de forma colaborativa e transdisciplinar, em que os conhecimentos não se isolam, mas se entrelaçam, respeitando a singularidade de cada área e, ao mesmo tempo, construindo em conjunto uma proposta mais coerente, sensível e acessível.

A tradução da Libras para a língua portuguesa na modalidade oral, especialmente em contextos poéticos, demanda um trabalho cuidadoso que vai além da simples transposição de signos linguísticos. Trata-se de um exercício interpretativo que envolve escuta sensível, respeito à estética visual da língua de origem e compromisso com a preservação dos sentidos culturais e afetivos ali expressos. Nesse processo, torna-se evidente que a tradução para a língua portuguesa na modalidade oral não pode ser pensada de forma isolada, mas integrada a uma proposta coletiva que envolve tradutores, produtores de conteúdo, editores e artistas surdos. A colaboração entre esses agentes, como observado na experiência do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, potencializa uma tradução fidedigna às intenções do texto sinalizado e amplia o alcance comunicativo da obra, permitindo que públicos diversos acessem, compreendam e se

sensibilizem com a produção em Libras. Além disso, a validação do texto pelo autor Cacau Mourão reforça o compromisso ético com a autoria e com a escuta ativa das vozes surdas no processo tradutório.

Referências

ALBRES, N. A. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. *Revel*, v. 10, n. 19, p. 125-149, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/6e9e138e1df0292c48e355324465cb64.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

BONFIM, T. C. *Educação Bilíngue de/com Surdos: Deslocamentos Pedagógicos de Professores Bilíngues como Processo de Minoração Educativa*. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 2 maio 2025.

CANTIN, A.; CANTIN, Y.; SOUZA, R. M. de. Louise Walser-Gaillard, a Joana D'Arc dos surdos. In: LIMA, C. R. de O. *Ensaio históricos da educação de surdos*. Campo Grande, Editora da UFMS, 2023. p. 131-149.

CONCEIÇÃO, B. S. *Produções discursivas sobre a surdez e a educação infantil: diálogo com familiares*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018

FOMIN, C. F. R. Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 13, n. 3, p. 142-164, 2018. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/35806>.

Acesso em: 2 maio 2025.

GONÇALVES, J. Circo Negro: o discurso teatral em perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. (org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014. p. 267-279.

LEBEDEFF, T. B. Vídeos como objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: uma discussão na perspectiva de aprendiz de Língua de Sinais Britânica. *Veredas Online: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 21, n. 1, p. 129-143, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uuff.br/index.php/veredas/article/view/27984>.

Acesso em: 2 maio 2025.

MARTINS, V. R. de O.; TORRES, R. C.; NICHOLS, G. (org.). *#CasaLibras – Educação de surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 358 p.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NASCIMENTO, M. Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensões da linguagem para a formação de Tradutores/Intérpretes de Libras/Português. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. (org.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota, 2014. p. 213-231.

NAZÁRIO, V. H. L.; ALBRES, N. de A. Tradução comentada da poesia em Libras “Poesia surda para sempre” para o Português: a arte do fazer tradutório. *Tradução em Revista*, n. 36, p. 15-43, 2024. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/66886/66886.PDF>. Acesso em: 3 maio. 2025.

TORRES, R. C. *Ensino de Libras para ouvintes: Design Educacional de Ambiente de Aprendizagem Dialógico (AVA)*. 2022. 228 p. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

Quem sou eu? Van Gogh: processos de criação do vídeo em Libras

Ityara Aguiar da Silva Pinto Girke¹
(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

Rodrigo Vecchio Fornari²
(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)

César Augusto Girke³
(Instituto Federal de São Paulo – IFSP)

Introdução

O trabalho de tradução do livro *Quem sou eu? Van Gogh*, da autora Aline Pinto,⁴ para composição do material de apoio pedagógico do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi uma experiência que nos trouxe muitos desafios e, acima de tudo, enriquecimento pessoal. Neste capítulo detalharemos como se deu o processo criativo do material em vídeo divulgado para as escolas participantes do Campeonato e que serviu de base para as ações dos professores e alunos participantes/inscritos.

¹ Mestre em Educação Especial pela UFSCar. Tradutora e Intérprete de Libras da UFSCar. E-mail: ityara@ufscar.br.

² Mestre em Educação Especial pela UFSCar. Técnico Audiovisual do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais/Português (Tilsp) da UFSCar. E-mail: rodrigofornari@ufscar.br.

³ Mestrando em Educação Especial pela UFSCar. Tradutor e Intérprete de Libras do Ifsp. E-mail: cesarinterprete@gmail.com.

⁴ Confira mais informações sobre a autora, suas obras e sua editora em: https://www.instagram.com/bbcria_/.

Assim sendo, este capítulo versará sobre o trabalho em equipe de dois tradutores e intérpretes de Libras com o profissional audiovisual responsável pela edição do material. Vale ressaltar a importância do trabalho em parceria e do relacionamento interpessoal a ser desenvolvido para que o resultado almejado seja alcançado (Bonfim; Iriarte; Girke, 2022). Cada um com seu perfil profissional e conhecimentos técnicos de suas profissões contribuiu para o resultado visto no vídeo.

Dessa forma, pretende-se descrever e relatar como se deu o processo de produção da tradução para Libras do livro *Quem sou eu? Van Gogh*, que foi um dos materiais norteadores das ações propostas para o 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras direcionado para escolas com os alunos surdos. Descreveremos como foi o percurso de produção antes, durante e depois da gravação do material para situar melhor o leitor.

Serão expostos também detalhes do planejamento e construção da interpretação e edição do material produzido, que visou contribuir para o avanço da educação bilíngue para surdos por meio da experiência do letramento visual, buscando atender as especificidades do aprender surdo.

No vídeo⁵ aparece apenas a imagem da tradutora e intérprete Ityara Aguiar Girke, porém o trabalho foi construído em equipe. César Augusto Girke (tradutor e intérprete de Libras) e

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SRPkiDTFdmc>.

Rodrigo Vecchio Fornari (profissional audiovisual) participaram de todo o processo de estudo, preparação, construção e edição do material divulgado.

Por fim, constatam-se os benefícios de um trabalho em equipe composto de dois tradutores e intérpretes de Libras e um profissional audiovisual responsável pela edição: todo o percurso de planejamento e execução das etapas previstas foi construído com muito diálogo entre os três profissionais, além da vantagem de ter um intérprete de apoio no momento da gravação do vídeo para auxiliar e contribuir com a sinalização realizada, o que trouxe uma excelência no resultado obtido com a produção do videotexto.

Fundamentação teórica

Com a nova modalidade bilíngue de educação de surdos incluída na LDB (Brasil, 2021), a discussão acerca dos recursos e materiais que permeiam as ações pedagógicas de professores que atuam com alunos surdos nas escolas passou a ser ainda mais necessária.

As pessoas surdas têm uma forma diferenciada de aprender, e as metodologias utilizadas para o ensino desse público devem se valer das especificidades que compõem a pessoa surda, a saber, o uso da língua de sinais e os aspectos visuais inerentes a ela. Sabendo dessa distinção linguística entre os alunos surdos que usam a língua de sinais para apreender o mundo, é importante salientar que as informações de conhecimento de mundo nem sempre chegam com

a mesma “facilidade” para eles como para os alunos ouvintes, que em casa têm comunicação livre com seus familiares. Isso porque a grande maioria das crianças surdas é oriunda de famílias ouvintes que não se comunicam pela Libras em casa. Assim, a escola precisa se atentar a “alguns aspectos da visualidade surda apontados como marcadores culturais, que podem auxiliar na apropriação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em crianças surdas” (Martins; Torres, 2021, p. 177).

Dessa forma, pode-se dizer que é na escola que a maioria dos alunos surdos terá acesso ao aprendizado de língua e contato com todos os tipos de informações que circulam pelos meios sociais, ou seja, “a escola tem sido o local privilegiado para o encontro com a língua de sinais, a aquisição desta língua e a ressignificação da surdez como pauta social e como produtora de uma comunidade linguístico-cultural” (Martins; Torres, 2021, p. 181).

Sendo a Libras uma língua visuoespacial, a experiência visual marca a forma de ser e do aprender surdo, e assim os recursos/materiais utilizados para uma educação em língua de sinais para alunos surdos precisam ser pensados e elaborados para ir ao encontro de tais necessidades apresentadas por eles.

Diversos autores salientam, a partir da experiência visual da surdez, a necessidade de que os processos educativos que envolvem alunos surdos implementem estratégias ou atividades visuais e, principalmente, que possibilitem aos surdos, eventos de letramento visual. Entretanto, pouco se tem dito sobre

quais seriam essas práticas pedagógicas ou que eventos de letramento visual (Lebedeff, 2010, p. 180).

Ainda segundo essa mesma autora, “os surdos têm sido narrados como sujeitos visuais há muito tempo” (Lebedeff, 2010, p. 176), e ainda é necessário discutir o letramento para a surdez de acordo com tais especificidades, pois é preciso levar em consideração que “os surdos leem e interpretam o mundo a partir de suas singularidades linguísticas e culturais” (Lebedeff, 2010, p. 179). Sendo assim, salienta-se a importância de que, da mesma forma que são feitas ações de contação de histórias e uso de narrativas como recursos na educação de crianças ouvintes, essa prática também seja pensada e adequada para o contexto da educação de surdos. Isso porque, ao expor as histórias em sala de aula para crianças surdas, é propiciada a elas “a vivência em histórias narradas em Libras, daquelas que, posteriormente, elas mesmas poderão contar” (Lodi, 2022, p. 138).

No entanto, “mesmo que a visualidade seja pedra fundamental no cotidiano do espaço escolar surdo, esta não é decifrada e compreendida espontaneamente em sua estrutura-linguagem somente devido ao seu uso diário” (Rosado; Taveira, 2022, p. 51). Ou seja, a visualidade deve ser pensada e planejada para que os alunos surdos também aprendam a se apropriar dela para apreender o mundo.

Ao se produzir material didático para o público surdo, é imprescindível atentar-se às peculiaridades desse grupo. No que se

refere às pessoas surdas, destaca-se a experiência visual como uma de suas especificidades mais marcantes, pois “a visualidade, e a conseqüente experiência visual, é tema hoje fundamental no campo de estudos da Educação de Surdos” (Rosado; Taveira, 2022, p. 40).

Pelo fato de a Libras ser uma língua de modalidade visuoespacial, “é necessário os materiais didáticos atentarem para a tridimensionalidade” (Lebedeff; Santos, 2014, p. 1074). Sendo assim, os aspectos sonoros das informações recebidas pelas pessoas ouvintes são adaptados para aspectos visuais a serem recebidos pelas pessoas surdas no momento da sinalização das informações.

A visualidade, centrada no olho (aspecto sensório-fisiológico) e no olhar (aspecto interpretativo-cultural), é contrastada com a sonoridade da comunicação oral, onde a emissão de ondas sonoras é capturada pelo ouvido e, dessa forma, é realizada a distinção sensorial entre o modo ouvinte e o modo surdo de ser (Rosado; Taveira, 2022, p. 40).

A visualidade das pessoas surdas é tema de estudo de muitos pesquisadores da área dos estudos surdos e educação bilíngue para surdos, tais como Martins e Lopes (2024), Soler e Martins (2023), Bonfim (2020, 2024), Lebedeff (2010), Lebedeff e Santos (2014), Tavares (2024), entre outros. Isso porque “a surdez, se compreendida como uma diferença linguística, apresenta uma gama de características singulares. Entre essas singularidades, encontra-se a língua de sinais, que é uma língua visual” (Lebedeff,

2010, p. 175). E, a partir da modalidade visual em que a língua de sinais se apresenta, outros recursos visuais devem compor os recursos utilizados pelos professores em suas aulas para alunos surdos.

Embora fundamental, podemos dizer que a visualidade vai além do emprego da língua de sinais e sua performance criativa, interpretativa e tradutória; ela extrapola para aquilo que está no entorno dos sujeitos sinalizantes, ou seja, nos diversos artefatos/materiais/objetos que compõe a ambiência em que eles atuam (Rosado; Taveira, 2022, p. 41).

Como se pode observar diante de tais afirmações, embora a visualidade seja uma característica da pessoa surda, o uso dessa visualidade para compreender o mundo deve ser aprendida. As crianças surdas devem ser ensinadas a aprender por meio do letramento visual (Tavares, 2024) e a extrair informações presentes nos conteúdos visuais apresentados a elas. Os videotextos produzidos em Libras vêm ao encontro de tais pressupostos, pois, com o apoio de recursos visuais planejados e criados para a educação de surdos, em uma abordagem bilíngue, o professor em sala pode se valer de tais materiais visuais para aprimorar suas aulas.

Em resumo, pensamos que a visualidade no campo da educação de surdos e no estudo dos fenômenos comunicacionais da surdez não pode ser restrita apenas aos aspectos relacionados ao uso da língua de sinais *stricto sensu* por professores e alunos, embora os estudos que façam essa relação visualidade-língua sejam essenciais para o aprofundamento da visualidade linguístico-gestual surda (Rosado; Taveira, 2022, p. 51).

Assim, a produção do videotexto do livro *Quem sou eu? Van Gogh* foi planejada e executada com base em tais pressupostos de aquisição de língua de sinais pela criança surda a partir de vivências na escola. Para além disso, nossa intenção ao produzir o material foi de que esse artefato pudesse ser apoio para o ensino da visualidade das crianças surdas pelos professores bilíngues, não somente para as atividades propostas pelo 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras (realizado em 2024), mas também que fosse um material a ser utilizado de forma atemporal, por professores surdos e ouvintes que necessitam de materiais visuais para compor suas aulas.

Metodologia

As ações do 3º Campeonato foram acordadas pelo grupo de voluntários surdos e ouvintes que compõem o #CasaLibras, meses antes de sua divulgação para inscrição pelas escolas. Nosso trabalho de elaboração do material-base para as ações didático-pedagógicas foi permeado de muita pesquisa e estudo em conjunto.

Ao definirmos que Van Gogh seria a personalidade artística que embasaria as propostas do Campeonato, saímos em busca de conhecer melhor o artista pós-impressionista em questão. Em nossas buscas, encontramos o livro *Quem sou eu? Van Gogh*, que

conta um pouco da história do artista de forma lúdica e atraente para o público infanto-juvenil.

O primeiro passo foi pensar sobre a forma de contação de história que se adequaria melhor à maneira como estava descrito no livro em língua portuguesa. Nossa intenção era tornar a contação da história em Libras para as crianças surdas tão atraente quanto para as crianças ouvintes que acessariam o material.

Em relação à arte de contar histórias, pode-se dizer que ela “é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos” (Instituto Brasil Solidário, 2023, p. 5). A contação de histórias enquanto atividade pedagógica é uma estratégia valiosa que pode ser usada em sala de aula. A história pode ser contada pelo próprio professor no momento da aula, como também ele pode se utilizar do recurso vocal, de histórias contadas em vídeo. E, no caso da educação bilíngue de surdos, recursos visuais enquanto materiais didáticos “são necessários no contexto educacional” (Karnopp; Branco; Pokorski, 2022, p. 154).

Ainda em relação à contação de histórias, pode-se afirmar que “encontramos na literatura um bom espaço de produção para materiais em Libras e que podem ser úteis para o desenvolvimento da criança surda” (Martins; Torres, 2021, p. 193). Isso porque as contações de histórias de diversos gêneros textuais favorecem as ações pedagógicas enquanto recurso para instigar a imaginação, a criatividade, a atenção, ampliação de vocabulário e o conhecimento

de mundo por parte das crianças surdas. Ao ser apresentado à criança surda um bom videotexto em Libras, é possível estimular nela o gosto pela leitura de outros textos que possam ser apresentados em Libras.

Figura 1 – Literatura em Libras como recurso pedagógico para crianças surdas.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Sendo assim, ao optar pela contação da história diretamente em Libras, e não como uma “mera” tradução do texto escrito em

português, foi objetivado dar à língua de sinais o maior destaque na apresentação do material. As imagens oficiais do livro compuseram um recurso integrante dessa contação de história, que foi planejada especialmente para o público infantil surdo, considerando suas especificidades de língua, cultura e visualidade.

Relato da experiência

Momento pré-gravação

A coordenadora do projeto, Profa. Vanessa Martins, foi quem “descobriu” o livro da autora Aline Pinto e percebeu a proximidade do conteúdo do livro com a temática do Campeonato. Rodrigo, enquanto coordenador de edição dos materiais, também logo aprovou a escolha, e, assim, os dois entraram em contato com a autora para pedir autorização para que o livro fosse traduzido para Libras e publicizado como material-base para as ações didático-pedagógicas do 3º Campeonato Artístico-Literário do #Casa Libras.

Com a autorização acordada, Rodrigo e Ityara passaram para a fase de alinhamento de como o material poderia ser produzido. Alguns pontos importantes foram afinados, tais como: Como seriam feitas as gravações? Qual material de captação seria usado? Qual a cor de roupa que a intérprete poderia utilizar na gravação para favorecer o processo de edição posterior?

Muitas pessoas pensam que, para fazer um bom produto audiovisual, para que o material final fique com alta qualidade de produção, é necessário ter equipamentos profissionais de última geração. No entanto, para a gravação do material aqui discutido, o editor sugeriu que a captação das imagens fosse feita com um celular. Para isso indicou um aplicativo de celular que pode ser utilizado por pessoas leigas no ato da gravação, mas o qual traz a qualidade necessária para que o processo de edição possa ser realizado profissionalmente.

O aplicativo indicado chama-se *Open Camera* e pode ser baixado gratuitamente no celular do usuário pela loja de aplicativos. Ao baixar o aplicativo no celular, há alguns ajustes de configuração que devem ser feitos, como os controles de ISO, tempo de exposição, balanço de branco e foco. Assim, ao realizar a gravação, a imagem ficará sem desfoque, sem alterações de luminosidade e com a qualidade exigida para a edição.

Esse aplicativo permite que todas essas configurações sejam ajustadas manualmente e logo depois sejam fixadas, ou seja, não se alterem automaticamente a depender das condições externas de luminosidade. Essa constância nos parâmetros da gravação é fundamental para um melhor recorte do *chroma-key* durante a edição.

Outro ponto muito relevante que foi acordado antes da gravação foi a cor de roupa que a intérprete deveria usar na sinalização, pois as cores podem afetar positiva ou negativamente o resultado da edição. Como o próprio livro trazia a informação

de que a cor amarela era a predileta do artista Van Gogh, a cor escolhida para a roupa da intérprete seguiu essa mesma direção. Para contrastar com o amarelo utilizado, o fundo *chroma-key* escolhido foi um verde um pouco mais escuro que o verde-bandeira.

Figura 2 – A cor amarela, como elemento expressivo da obra de Van Gogh, também foi escolhida para compor o vídeo.



Fonte: acervo de gravação da equipe.

No que se refere ao processo de estudo do material para a interpretação, ele foi realizado em conjunto pelos dois intérpretes, confirmando a importância de um trabalho em grupo. Mesmo que a realidade da maioria dos intérpretes seja de um trabalho solo, é de grande importância o trabalho em equipe, tendo sempre um intérprete de apoio no ato da interpretação/tradução.

No momento do estudo do livro impresso, os dois intérpretes foram fazendo as reflexões e anotações sobre como poderiam sinalizar alguns trechos do texto que se mostraram mais desafiadores, pensando no público infantil surdo. Nesse momento do estudo, utilizaram glosas para registrar as escolhas mais condizentes com o público pretendido. A respeito da glosa, pode-se dizer que ela é

uma notação escrita na Língua Portuguesa dos significados a serem empregados. Ela serve de apoio para o intérprete “lembrar” a construção planejada no discurso a ser traduzido para Libras para ser usada futuramente, no momento da gravação. [...] na glosa, aparecem os significados pretendidos e não os signos expostos no texto-fonte, configurando uma tarefa desafiadora para o intérprete (Girke, 2024, p. 89).

Após esse estudo do texto escrito e anotação das glosas, os intérpretes passaram para a gravação do áudio para o vídeo. Isso porque, ao contar histórias para crianças, geralmente o narrador usa recursos sonoros e prosódia para deixar o texto mais atraente, e os intérpretes gostariam que essa atração também fosse oferecida ao público surdo no momento da exposição do texto em Libras. Dessa forma, os recursos utilizados na contação de histórias orais seriam marcados também na contação da história em língua de sinais.

O processo tradutório para a língua de sinais pode parecer simples a princípio, mas ele comumente apresenta desafios para a transposição de ideias e sentidos contidos nas entrelinhas do texto.

Comunicar as minúcias de um texto literário torna-se um desafio ainda maior, levando em conta o contexto da obra *Quem sou eu? Van Gogh*, que é uma produção intersemiótica baseada na biografia de um artista renomado e mundialmente conhecido.

Como já explicitado anteriormente, em um primeiro contato com a obra, os dois intérpretes fizeram uma leitura superficial, apenas para o reconhecimento do texto, já percebendo os trechos nos quais possivelmente encontrariam um maior desafio para a sinalização. Buscou-se entender quais eram os elementos conhecidos, como os termos apareciam no texto, os sinais que poderiam utilizar na interpretação, os elementos culturais da época e quais as informações novas do texto as quais seria preciso pesquisar para se ter uma interpretação coesa com a produção original.

Após essa primeira leitura, foi necessário marcar as palavras que poderiam apresentar um significado dúbio. Para superar esse percalço, foi realizado um estudo minucioso dos léxicos e das estratégias visuais de interpretação para cada trecho, bem como da sinalização de tais trechos, para poder definir qual a melhor escolha para o momento da gravação.

Assim, durante o estudo dos vídeos, foi possível notar características fundamentais em contações de histórias infantis, por exemplo, aquelas relacionadas às formas de expressão corporal utilizadas mais enfaticamente para chamar a atenção das crianças, assim como as contações em língua portuguesa que se utilizam de estratégias da oralidade (Bonfim; Iriarte; Girke, 2022).

Momento da gravação da Libras

Como a construção da sinalização foi desenvolvida em dupla, foi possível a criação de melhores estratégias visuais para fazer referência, de forma a trazer outras informações que estivessem nas entrelinhas do texto e que já teriam sido acessadas pelo público ouvinte por meio da oralidade. Essas estratégias usadas não seriam tão aprofundadas se o trabalho de gravação da sinalização fosse realizado por apenas um intérprete, em um trabalho solitário. Essa evidência reforça a importância do trabalho em equipe por profissionais tradutores e intérpretes de língua de sinais. Dessa forma, algumas contextualizações foram necessárias no momento da gravação, para que as informações em língua de sinais fizessem sentido para o público surdo, conectando a criança surda à história contada.

Em relação às técnicas de interpretação referentes à contação da história em Libras, algumas estratégias foram escolhidas pelos intérpretes no momento da construção em conjunto. Nesse momento de gravação, o trabalho do intérprete de apoio é de extrema importância, pois este

acompanha o trabalho da interpretação e monitora a mensagem dita na língua fonte e a mensagem produzida na língua alvo pelo intérprete de turno. [...]. No caso da interpretação de línguas gesto-visuais, a atuação do intérprete de apoio é algo muito significativo

para a produção da interpretação, e o acesso a ele por parte do intérprete de turno precisa ser garantido, de modo estrutural, pela equipe (Nogueira; Nascimento, 2022, p. 116).

Um exemplo desse trabalho em conjunto na construção da sinalização é o trecho descrito no tempo 1min45s do vídeo. No texto-fonte, a autora descreve que o garoto (Van Gogh) adorava desenhar, e para construir a sinalização foi levada em consideração a prosódia já construída por meio do áudio-piloto. Atentando-se à história de vida descrita no livro, a qual mostra que o garoto adorava com veemência desenhar, os dois intérpretes debruçaram-se em como esse aspecto poderia estar presente na forma de sinalizar e optaram por intensificar a expressão facial para demonstrar que, desde garoto, Van Gogh já tinha um grande apreço pela pintura.

Outra estratégia tradutória utilizada na produção da sinalização está no tempo 2min4s, em que é explicado que Van Gogh tinha uma grande família. Para mostrar a ideia de intensidade, foi feito o sinal “família” bem aberto, com expressão facial de “cheio”, seguido de enumeração dos familiares – “pai”, “mãe”, “cinco irmãos”, “tios”, “entre outros” –, forma pela qual foi possível mostrar o tamanho da família sem utilizar o sinal “grande”.

Figura 3 – Intensidade na sinalização de “grande família”.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Para exemplificar uma contextualização histórica realizada pela dupla de intérpretes, pode-se citar o trecho apresentado aos 3min17s do vídeo. O texto do livro traz a seguinte construção: “lá, ele morava em uma casa amarela, com grandes janelas” (Pinto, 2019, p. 16). Para a sinalização dessa informação, foi discutido como seria a imagem das janelas pertencentes ao período em que Van Gogh viveu, porque as janelas atuais não são mais como as daquele tempo, e essa informação histórica foi intentada no ato da interpretação. Para que esse detalhe fizesse sentido na sinalização, os intérpretes optaram por realizar uma construção do sinal de “janela” em espaço mais amplo, junto da ação de abrir uma janela do século XIX, uma janela de duas folhas com as dimensões de um casarão antigo, para fazer referência ao tipo de casa que provavelmente Van Gogh morava. Ao olhar para cima, para o céu

(já imaginando como ficaria o vídeo após a edição, com um ambiente ensolarado), os intérpretes pretendiam mostrar essa diferença arquitetônica histórica também.

Outra preocupação dos intérpretes em relação à contextualização histórica foi sobre como apresentar a comunicação por cartas e o trabalho de um carteiro. Escrever cartas era a principal forma de comunicação das pessoas até grande parte do século XX. No entanto, as crianças surdas teriam esse conhecimento prévio sobre como funcionava essa forma de correspondência? Visto que hoje as informações e mensagens chegam de forma quase instantânea nos aparelhos conectados à internet, pensamos ser importante explicar como era diferente para Van Gogh se comunicar com seu irmão naquela época.

No momento da sinalização desse trecho, os intérpretes preocuparam-se em descrever que as mensagens não eram digitadas, mas escritas em papel, e que o carteiro pegava as cartas, guardava-as para levar e entregar ao destinatário, mostrando que o processo não era instantâneo como nos dias atuais. Houve uma preocupação por parte dos intérpretes para que essa contextualização histórica ficasse bem entendível pela criança surda que iria assistir ao videotexto. Isso porque as crianças surdas precisam receber pela Libras todas as informações a que não têm acesso por outra via. Talvez crianças ouvintes soubessem como era o trabalho do carteiro, mas na sinalização foi preciso detalhar que

o carteiro pegava a carta e levava para outra pessoa – diferentemente da comunicação via mensagens instantâneas de hoje.

No trecho do livro que explica que Van Gogh gostava muito de pintar (2min36s), a autora trouxe a repetição do verbo para dar ênfase. Entendendo que a obra estava direcionada para crianças, ao fazer o áudio-piloto do texto na modalidade oral, foi usado um tom de prosódia para mostrar a alegria e o amor do artista pela pintura. Na construção da sinalização, para apresentar essa predileção e para mostrar a ênfase marcada na modalidade oral, foi utilizada a repetição do sinal de “pintar” em vários locais do espaço neutro em frente ao corpo, associado à expressão facial condizente com a estrutura semântica pretendida.

Figura 4 – Construção da sinalização para “Pintar, pintar e pintar!”.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Dessa forma, após esses exemplos citados, concordamos com Martins e Torres (2021, p. 194) quando dizem que, nas histórias infantis pensadas e narradas em Libras, “percebemos a riqueza de descrição imagética que nos possibilita a imersão no seu discurso e a sensação de captura pela enunciação”, fazendo com que o leitor/expectador do videotexto possa imergir na história contada.

Momento pós-gravação: processo de edição audiovisual

Diferentemente do vídeo produzido para a poesia de Cacau Mourão, em que as ilustrações foram criadas exclusivamente para a edição do vídeo, aqui as imagens já estavam prontas. O desafio era compor as imagens das páginas do livro com a imagem da intérprete de Libras, sem que uma prejudicasse a visualização e o entendimento da outra. O livro apresenta imagens em uma ou em duas páginas, como mostrado a seguir.

Figura 5 – Uma única imagem ocupa duas páginas.



Fonte: Pinto (2019, p. 8-9).

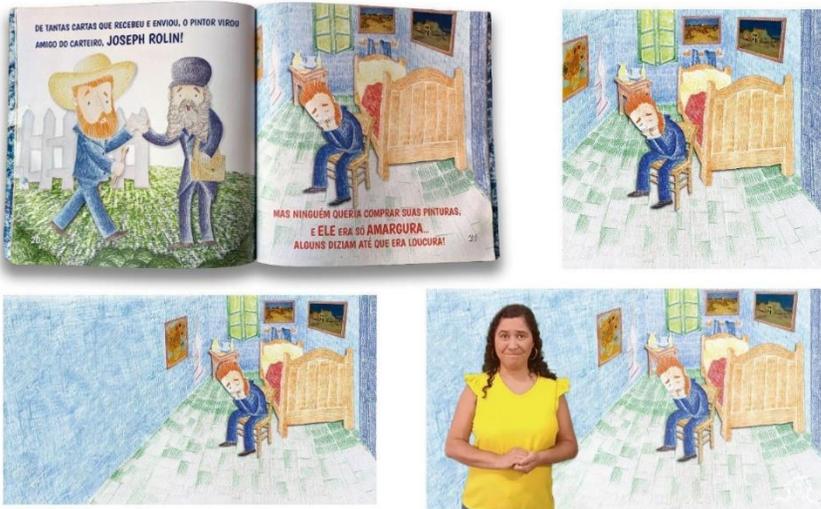
Figura 6 – Cada página possui uma imagem.



Fonte: Pinto (2019, p. 18-19).

Quando a imagem ocupava duas páginas (com o livro aberto), sua proporção retangular (2:1 – largura x altura) aproximava-se da proporção da imagem do vídeo nas dimensões propostas (*Full HD* 16:9). Porém, quando a imagem ocupava apenas uma página, sua proporção quadrada (1:1) diferia muito da proporção do vídeo em formato *widescreen*. Nesses casos, a solução veio a partir de um recurso recém-implementado no software *Adobe Photoshop*: a extensão generativa por meio de Inteligência Artificial (IA). Esse recurso permitiu ao editor criar uma continuação da imagem na direção desejada, criando o espaço necessário para posicionar a intérprete sem comprometer a visualização dos elementos da imagem original.

Figura 7 – Na primeira linha, temos a imagem do livro aberto e a ilustração original; na segunda linha, temos a imagem estendida, seguida da imagem estendida com a intérprete.



Fonte: elaboração própria a partir do livro de Pinto (2019).

A intérprete gravou com sua própria voz todo o texto do livro exatamente como foi escrito e realizou a tradução baseada nesse áudio, juntamente do intérprete de apoio. Esse mesmo áudio foi utilizado na edição. Outra escolha visual foi posicionar a intérprete, sempre que possível, no lugar em que o texto escrito em português aparecia no livro, criando uma relação visuoespacial entre as duas línguas.

Figura 8 – Página do livro com texto; vídeo com intérprete no lugar do texto.



Fonte: elaboração própria a partir do livro de Pinto (2019).

Já o movimento dos personagens foi criado com ferramentas de edição e animação dos softwares *After Effects* e *Photoshop*, da Adobe. Inicialmente foi necessário recortar e separar em camadas os personagens e o fundo. Em seguida, o espaço do fundo ocupado pelo personagem foi gerado com a IA do *Photoshop*. Assim, quando o personagem se movesse, o espaço revelado seria o mesmo do fundo ao redor dele. A técnica utilizada para animar os personagens permite apenas movimentos sutis e suaves, pois ela consiste em definir pontos de articulação que são movimentados ou rotacionados e que puxam os pixels ao redor deles. Ainda assim, o efeito logrado agradou ao dar vida às ilustrações do livro, sem alterar ou descaracterizar o traçado do ilustrador Sami Ribeiro na obra da autora Aline Pinto.

Em alguns momentos foi possível sincronizar o movimento do personagem com o movimento da sinalização da intérprete, como quando Van Gogh está triste em seu quarto e abaixa a cabeça.

Figura 9 – Sincronia do movimento da animação com a sinalização em Libras.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Há outros momentos de destaque na animação das ilustrações, como em 2min47s, quando Theo apresenta a Van Gogh outros pintores. A imagem do livro mostra os irmãos passeando em uma galeria de arte. Foi necessário recortá-los e separá-los do fundo, expandir um pouco mais a imagem dos dois abaixo do limite inferior da página e preencher o espaço atrás deles, onde ainda aparece um casal de visitantes. Toda a parte do corpo desse casal que não estava visível na ilustração do livro, mas que aparece no vídeo, foi criada com as ferramentas de IA do *Photoshop*.

Figura 10 – Separação de vários elementos em camadas.



Fonte: captura de tela do *Photoshop*, utilizando ilustração do livro de Pinto (2019).

Como o vídeo é destinado principalmente ao público infantil, o editor optou por inserir textos no vídeo toda vez que a intérprete fez datilologia. Mais do que isso, as letras aparecem uma a uma, ao mesmo tempo que a intérprete faz o sinal delas. Isso torna o vídeo mais educativo e mais acessível para quem ainda está aprendendo Libras.

Cabe um destaque à inserção da trilha sonora. O editor fez uma primeira seleção em um banco de trilhas,⁶ separando aproximadamente vinte trilhas com diferentes climas. Dentre essas, escolheu três. A primeira, lenta e suave, serve de pano de fundo para a apresentação da autora. A segunda trilha é bem alegre e tem um ritmo mais acelerado, mas sua execução com instrumentos clássicos de orquestra, como piano e violinos, remete o

⁶ Disponível em: <https://motionarray.com/browse/royalty-free-music/>.

telespectador ouvinte a tempos passados, já que Van Gogh pintou seus quadros no final do século XIX. Essa trilha começa com a vinheta do #CasaLibras e continua, passando pelo início da história, quando Van Gogh era criança, até o momento em que ele começa a pintar quadros como *Os Comedores de Batatas*. Nesse ponto entra uma trilha mais lenta e triste, também com arranjo de orquestra. Essa trilha mais melancólica perdura até o momento em que o pintor chega ao hospital. Quando a narração diz que ele “levou tinta, tela e pincel”, a trilha anterior, mais alegre, volta, trazendo um clima mais inspirador e esperançoso. Ainda que o livro revele a morte do pintor, esse fato não é destacado pejorativamente, e a atmosfera positiva continua quando se afirma que “hoje o pintor tem mais fama que muito roqueiro”. Assim, ao final da narração, o volume da trilha aumenta para a apresentação dos créditos da equipe.

Resultados e impactos: reflexões e aprendizados

Com o produto finalizado e publicado para o trabalho dos professores com os alunos surdos nas escolas participantes do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, foi possível perceber que as expectativas do trio responsável por sua confecção foram alcançadas. Os trabalhos/atividades enviados pelos inscritos chegaram com marcas de muita criatividade e dedicação, tanto dos professores quanto dos alunos surdos que se beneficiaram do videotexto produzido.

No momento da confecção do material, a intenção da equipe foi de contribuir para o desenvolvimento da educação de surdos com qualidade, a partir de recursos visuais que fossem condizentes com as especificidades da pessoa surda, colaborando para seu desenvolvimento pleno enquanto sujeito social.

Nesse sentido, assim como Lebedeff e Santos (2014, p. 1074), levamos “em consideração, portanto, as funções sociais da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais na vida dos alunos”. Dessa forma, todo o planejamento e execução das ações que compuseram o Campeonato foram pensados para a sala de aula, local onde os alunos surdos têm mais contato com a língua de sinais e onde, por meio dela e de práticas de letramento visual, podem acessar todo tipo de conhecimento visando sua formação subjetiva enquanto sujeitos que vivem em sociedade.

Nesse sentido, o letramento visual para os surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser surdo para “ler” uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias (Lebedeff, 2010, p. 179).

Dessa forma, acredita-se que o material entregue para as ações didático-pedagógicas nas escolas participantes contempla os pressupostos do letramento visual, de forma a colaborar para que os alunos surdos possam apreender o conteúdo escolar, ampliar seu vocabulário em Libras aprendendo a ler as imagens, vivenciem práticas de letramento e conhecimento de mundo e ainda possam

aprender a gostar de ler por meio do videotexto planejado para atender as especificidades do público surdo infantil.

Considerações finais

O vídeo foi editado em agosto de 2024. Agora, nove meses depois de sua publicação, as tecnologias de produção audiovisual já evoluíram muito, e o surgimento de novas ferramentas continua a cada dia de forma acelerada.

Caso o vídeo fosse editado atualmente, as técnicas, as ferramentas e o resultado final seriam completamente diferentes. Contudo, o editor soube aproveitar os recursos que tinha à disposição naquele momento, e o resultado agradou toda a equipe, pois a tecnologia utilizada não serviu ao propósito de apenas demonstrar o seu uso de forma leviana, mas de fortalecer a visualidade da história sem comprometer a inteligibilidade da sinalização em Libras.

Novas tecnologias irão surgir a cada dia, e devemos estar atualizados e atentos para usufruirmos o que elas podem oferecer. Porém o verdadeiro triunfo reside em perceber quando um novo recurso não só adorna esteticamente a obra, mas ajuda o espectador a compreender o que está sendo mostrado.

No que se refere ao trabalho dos dois intérpretes, a experiência de produção trouxe muito enriquecimento pessoal, pois ao produzir esse material muitos desafios foram superados. É

necessário enfatizar sempre a importância de um trabalho em equipe, principalmente no que tange à construção da sinalização, às escolhas lexicais e estratégias de interpretação a serem utilizadas no momento da tradução e/ou interpretação para Libras. O trabalho em dupla é próspero quando há outros pontos de vista que podem ser debatidos sobre a forma de sinalizar os trechos desafiadores. Um olhar atento no momento da interpretação/gravação, um ajuste técnico de construção da sinalização, uma sugestão de melhoria... são benefícios que o trabalho em dupla propicia.

O trabalho em parceria com o profissional audiovisual responsável pela edição também fez toda a diferença no produto apresentado, pois ele, com seu conhecimento técnico de captação e de tratamento de imagens, estáticas ou em movimento, as quais irão compor o vídeo, contribui para que a forma de sinalizar seja construída já pensando em como tais recursos podem compor a interpretação. Um trabalho complementa – e não se sobrepõe – o outro.

E, para além disso, é necessário que mais ações como esta sejam levantadas visando novas práticas que desenvolvam e valorizem a diversidade linguística e cultural das pessoas surdas. A visualidade é aprendida. É preciso que haja mais recursos e mecanismos para que essa aprendizagem seja possível em sala de aula.

Referências

BONFIM, T. C. *Das políticas educacionais inclusivas bilíngues para surdos às políticas bilíngues de/com surdos: um estudo de caso*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13777>. Acesso em: 1 jul. 2025.

BONFIM, T. C. *Educação bilíngue de/com surdos: deslocamentos pedagógicos de professores bilíngues como processo de minoração educativa*. 2024. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21294>. Acesso em: 1 jul. 2025.

BONFIM, T. C.; IRIARTE, A. C. S.; GIRKE, I. A. S. P. Desafios da tradução de histórias infantis da Libras para a língua portuguesa oral: brincando com a prosódia. In: MARTINS, V. R. O.; TORRES, R. C.; NICHOLS, G. (org.). *#Casa Libras – Educação de surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. p. 237-267.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. *Diário Oficial da União*, Brasília, p. 1, 4 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14191.htm. Acesso em: 5 maio 2025.

GIRKE, I. A. da S. P. *Ações formativas com Tradutores e Intérpretes de Libras para o aperfeiçoamento das práticas interpretativas*. 2024. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO. *Apostila de contação de história*. [S. l.]: IBS, 2023. Disponível em: https://www.brasilsolidario.org.br/wp-content/uploads/Apostila_Contacao_2023.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

KARNOPP, L. B.; BRANCO, B. S.; POKORSKI, J. O. Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos. In: MARTINS, V. R. de O.; TORRES, R. C.; NICHOLS, G. (org.). *#Casa Libras – Educação de surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. p. 143-162.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação*, n. 36, p. 175-195, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1606>. Acesso em: 26 abr. 2025.

LEBEDEFF, T. B.; SANTOS, A. N. dos. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 4, p. 1073-1094, out. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/CDQbLPMwPckj8ck5frZN5nJ/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025

LODI, A. C. B. Gêneros do discurso em Libras na esfera literária. In: MARTINS, V. R. O.; TORRES, R. C.; NICHOLS, G. (org.). *#Casa Libras – Educação de surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. p. 129-142.

MARTINS, V. R. de O.; LOPES, M. C. Direito linguístico-educacional para alunos surdos e o “além-acessibilidade”. *Cadernos de Pesquisa*, v. 54, e10710, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/mHdvwvgXXxMDdRdB6nmvJnk/>. Acesso em: 5 maio 2025.

MARTINS, V. R. de O.; TORRES, R. C. Aspectos culturais para a educação de crianças surdas: #CasaLibras em ação. *Revista Espaço: periódico científico do Ines*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 177-2002, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1666/1633>. Acesso em: 8 abr. 2025.

NARRATIVAS em Libras – Quem sou eu? Van Gogh. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>. Acesso em: 9 abr. 2025.

NOGUEIRA, T. C.; NASCIMENTO, M. V. Formas de apoio no trabalho em equipe durante a interpretação remota de português-Libras em conferências. *Tradução em Revista*, v. 2022, n. 35, p. 112-143, 2022.

O CAMPO de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://youtu.be/cZwZWwEdmCs>. Acesso em: 11 nov. 2024.

PINTO, A. *Quem sou eu?* Van Gogh. Brasília: Edebê, 2019. 30 p. Coleção Giroilhar.

ROSADO, L. A. da S.; TAVEIRA, C. C. *Gramática visual para os vídeos digitais em línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Ines, 2022.

SOLER, P. S.; MARTINS, V. R. de O. Língua Portuguesa e Libras: a experiência do aprender surdo. *Revista Educação Especial em Debate*, v. 8, n. 15, p. 17-36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/41570>. Acesso em: 6 maio 2025.

TAVARES, T. N. *O Letramento visual em Materiais Didáticos Bilingües para Surdos (Libras – Língua Portuguesa)*: Escolhas e Práticas Pedagógicas do Professor Surdo. Itapiranga: Schreiber, 2024.

Literatura infantil, arte e inclusão na Educação Infantil: entre questionamentos e o esperançar

Aline Pinto¹

Pedagoga, especialista e autora de livros de literatura infantil

Quem sou eu? Quem somos nós? Pinceladas, encontros e perguntas iniciais

O presente texto tem como objetivo apresentar e contextualizar, brevemente, a obra *Quem sou eu? Van Gogh*, narrar o histórico de minha participação no 3º Campeonato Artístico-Literário para alunos surdos e compartilhar algumas reflexões sobre o entrelaçamento entre literatura, arte, educação de crianças, mais especificamente educação de surdos e inclusão.

A tônica deste texto são perguntas que, além de situar o leitor sobre o conteúdo percorrido, sinalizam uma concepção alinhada a uma das características centrais das crianças: a curiosidade. Empresto as sábias palavras do educador brasileiro Rubem Alves para a definição da palavra curiosidade:

Curiosidade é uma coceira que dá dentro da cabeça, no lugar onde moram os pensamentos. A curiosidade aparece quando os olhos começam a fazer perguntas. Os olhos das crianças são sempre curiosos. Elas querem ver

¹ Autora e editora de livros de literatura infantil e materiais didáticos na empresa *BBcria Edições e Criações*. E-mail: aline@bbcria.com.br.

o que está escondido, querem saber o que está por detrás das coisas (Alves, 2009, p. 52).

Curiosidades e perguntas são expressões que me invadiram ao conhecer o projeto #CasaLibras e ao receber a proposta de ter uma de minhas obras literárias utilizadas como disparadora de um campeonato artístico-literário para crianças surdas.

A pergunta-chave que vai abrir este texto, curiosamente, é também o título do livro de literatura que disparou a parceria entre mim e o projeto #CasaLibras: *Quem sou eu? Van Gogh*. Antes de tratarmos sobre a contextualização desse livro, vou me apresentar com algumas pinceladas rápidas.

Quem sou eu? Meu nome é Aline Pinto, sou uma mulher branca, brasileira, ouvinte e, no momento da escrita deste texto, tenho 45 anos. Trabalho com Educação Infantil há muito tempo: já atuei como professora, pedagoga e diretora de instituições públicas; editora, formadora e autora de literatura e materiais didáticos – sempre tendo como foco as crianças, desde bebês, os familiares e os professores desse segmento educativo.

Nessa caminhada, alguns princípios nortearam o exercício de minha profissão, sendo o principal a luta por uma Educação Infantil mais respeitosa, lúdica e lúcida.

Como mencionado, uma de minhas publicações literárias é a obra *Quem sou eu? Van Gogh*. Esse título foi publicado em 2019 pela Editora Edebê e envolveu muitos atores.

No caso desse livro, resalto a parceria profícua com o ilustrador brasileiro Sami Ribeiro. É perceptível a pesquisa e o estudo que ele realizou para que a ilustração contasse com traços que conversassem com as crianças bem pequenas e que estivessem em sintonia com a obra de Van Gogh.

Acredito que a ilustração de um livro infantil também é autoria, pois envolve criação e decisões que se integram ao enredo. A pesquisadora brasileira Graça Ramos (2017, p. 170) destaca a importância dessa interação:

Teoricamente, acredito que quando a narrativa se faz “verbo-visual”, a autoria é compartilhada por aquele que faz o texto verbal e o responsável pelo texto visual. A dinâmica multimodal do livro infantil contemporâneo deve levar em conta a interação entre palavras, imagens e projeto gráfico.

Sami apostou na técnica de lápis de cor para representar as pinceladas fortes e marcantes de Van Gogh, bem como para criar texturas e detalhes delicados. Os traços do ilustrador trouxeram movimento, afeto e acessibilidade ao enredo, aproximando-o do universo curioso e brincante dos pequeninos.

Originalmente, o livro *Quem sou eu? Van Gogh* foi destinado às escolas da infância da Rede Salesiana. Por cinco anos, essas escolas adotaram a obra para o trabalho literário com crianças bem pequenas – 3 anos de idade.

O retorno obtido dessa obra, seja de instituições de Educação Infantil, seja do público em geral (crianças e familiares),

sempre exaltou a identificação dos leitores mirins com o artista – o qual intencionalmente foi retratado, no início do enredo, como criança.

Desde a publicação desse livro, tenho recebido fotos, vídeos, mensagens e outros registros que representam a criatividade dos professores para apresentar a narrativa às crianças ou o trabalho que desenvolvem a partir dela (Figura 1).

Figura 1 – Contexto organizado com livros e boneco representando Van Gogh feito na técnica amigurumi – foto que recebi da professora Elanne Maria Cunha, do Instituto Maria Auxiliadora, em Silvânia-GO.



Fonte: acervo pessoal.

Em 2024, o contrato de direitos autorais da obra *Quem sou eu? Van Gogh*, estabelecido com a Editora Edebê, expirou. Esse contrato previa a exclusividade de venda às escolas da Rede Salesiana, e decidi não o renovar, entre outros motivos, pela possibilidade de ampliar a divulgação e a veiculação do livro para o público em geral.

Em paralelo ao distrato amigável da obra, em 5 de junho de 2024, recebi o primeiro contato do projeto #CasaLibras, por meio de rede social, registrando o interesse de usar o livro *Quem sou eu? Van Gogh* como disparador do 3º Campeonato Artístico-Literário. A pessoa responsável por esse contato foi a Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), coordenadora do #CasaLibras, e logo expandimos esse contato para vários outros canais de comunicação, como e-mail e WhatsApp.

A ideia do #CasaLibras era usar o livro *Quem sou eu? Van Gogh* para gravar um vídeo interativo, com uma janela em Libras, para subsidiar a participação das crianças no 3º Campeonato Artístico-Literário que seria promovido.

Fui fisgada já na primeira apresentação da proposta. Palavras como educação pública, acesso gratuito, crianças, literatura, arte, inclusão e ampliação cultural, usadas nas tratativas, foram decisivas para que eu, rapidamente, topasse a parceria.

No entanto, apesar da vontade de colaborar, era preciso pensar em questões legais e burocráticas para viabilizar a parceria. Nessa etapa, entraram novas perguntas: Quem acionar? Onde? Quando?

Quem? Onde? Quando? Cenários, participantes, tempos e combinados partilhados

O distrato do livro *Quem sou eu? Van Gogh* estava prestes a ser assinado, mas a Editora Edebê ainda detinha o direito de comercialização da obra. Além disso, foi preciso conversar com o ilustrador Sami Ribeiro para solicitar a autorização de uso das ilustrações.

Fiz contato com o departamento jurídico da editora, o qual me orientou sobre a necessidade da elaboração de um termo de responsabilidade. Nesse ínterim, estabeleci comunicação com o ilustrador – o qual, prontamente e gentilmente, autorizou o uso gratuito das ilustrações.

Uma autora em Curitiba-PR, um ilustrador em Cascavel-PR, uma editora em Brasília-DF e um projeto em São Carlos-SP: muitos cenários e participantes engajados em viabilizar uma parceria.

Após várias conversas e e-mails trocados, houve a liberação da Editora Edebê para que o livro *Quem sou eu? Van Gogh* fosse utilizado como base para a gravação do vídeo que traduziria o enredo para Libras.

A liberação ocorreu em 1 de julho de 2024 por meio da assinatura de um Termo de Responsabilidade e Compromisso. A

partir dessa autorização, o #CasaLibras deu início à gravação e edição do vídeo, tendo como base as ilustrações e o enredo do livro.

Na sequência, recebi um novo contato do #CasaLibras e um pedido para gravação de um vídeo que convidasse a comunidade surda para participar do Campeonato.

Fiz a gravação do vídeo (Figura 2) e, já nessa primeira oportunidade, fui invadida por perguntas e inquietações: O que falar? Como falar? Que palavras usar ou não usar? Devo ser mais ou menos expressiva? Quem fará a tradução de minha fala para Libras?

Figura 2 – Apresentação inicial da autora no vídeo do projeto.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

O receio de apresentar uma fala com termos capacitistas e não atingir o público do Campeonato era um sentimento real e pulsante. Fiz novas leituras, conversei com a equipe do projeto e

optei por uma fala simples, afetiva e permeada de curiosidades sobre a obra.

Ao assistir à divulgação do vídeo-convite, com a inserção da janela em Libras, e a um *teaser* do conteúdo que seria apresentado às escolas, fui inundada de alegria e esperança. Recorro aqui ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire, para usar o termo esperança como verbo, como ação mobilizadora de luta: “Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (Freire, 1992, p. 5).

O meu esperançar foi alimentado ao assistir ao resultado do vídeo com a contação do livro *Quem sou eu? Van Gogh* em Libras. A tradução e narração de Ityara Aguiar Girke foram brilhantes e impactantes, trouxeram expressividade, alegria, ludicidade, surpresas e encantos à obra.

Além da narração de Ityara, houve a potente contribuição de Rodrigo Vecchio Fornari na edição visual e sonora do vídeo. Personagens, cenários e telas ganharam movimento e vida nas mãos do editor.

No próximo tópico deste texto, destacarei mais detalhes e reflexões sobre esse vídeo. Antes disso, registro o alcance do Campeonato: mais de 90 inscrições foram recebidas.

Pensar na quantidade de professores, instituições e crianças impactadas reforçou ainda mais o meu esperançar. Ao mesmo

tempo, esse alcance também foi mobilizador de responsabilidade e compromisso ético.

Reflexões sobre o porquê e o para quê, ou seja, sobre as finalidades e intencionalidades do trabalho e dessa parceria também foram inquietações que se fizeram presentes no processo.

Por quê? Para quê? Como? Intencionalidades, expressividade e ludicidade

Por que Vincent van Gogh para crianças? Como abordar a vida desse artista que, como a trajetória de qualquer outra pessoa, é repleta de contradições e conflitos? Como escrever uma biografia para crianças de maneira fidedigna? Como inovar nessa escrita frente às muitas publicações sobre a vida e a obra desse artista?

Essas foram apenas algumas das perguntas que me rondaram ao escrever o livro *Quem sou eu? Van Gogh* e que, posteriormente, foram revisitadas ao aceitar a parceria com o #CasaLibras.

A escolha de escrever sobre Van Gogh levou em conta vários aspectos, entre eles o diálogo com as infâncias. A obra desse artista sempre me inquietou, tanto pelas formas marcantes e expressivas quanto pelo uso das cores e também pelo viés da sensorialidade que habita as pinturas desse artista.

Essa sensorialidade, advinda das camadas de tinta e das marcas evidentes dos pincéis, me despertava/desperta uma vontade

de “ver com as mãos”. E, como salienta a arte-educadora Leila Monteiro, essa característica de sentir com o corpo inteiro, com presença e curiosidade, é uma forte marca das infâncias e das crianças: “A criança não se comporta como nós. Ela investiga, questiona, analisa, toca... ela vê com o corpo todo o que está acontecendo em torno de si. O tempo da criança é outro, diferente do dos adultos; ela não tem pressa, e o que determina o tempo de ver é a curiosidade” (Monteiro, 2022, p. 161).

Evidencio ainda que as pinturas de Van Gogh também me chamavam/chamam para o presente, para um mergulho no tempo-do-agora e para um adentrar as cenas.

A imaginação, a criatividade e a fantasia – velhas parceiras de jornada – assopraram perguntas decisivas na escrita do enredo desse livro: Como teria sido a infância de Van Gogh? Será que ele só teve um irmão,² aquele famoso pelas correspondências? Como teria sido a infância do artista? Será que ele brincava em meio à natureza? Quais foram as inspirações de Vincent? Será que ele teve amigos?

Eureka! Com essas perguntas criei as primeiras pinceladas que misturavam infâncias, curiosidade e o desejo de ampliar o repertório estético e cultural das crianças.

Para que essas “pinceladas” ganhassem estofo, ou seja, para que minhas ideias-esboços virassem enredo, embarquei em uma pesquisa intensa. Devorei livros, passei horas e mais horas fazendo

² Em referência a Theodorus Van Gogh (1857-1891), irmão mais novo de Vincent Van Gogh.

visitas virtuais no Museu Van Gogh, na Holanda, assisti a vídeos, filmes e documentários.

Escrevi, apaguei, reescrevi. Lembro-me de ter sonhado algumas vezes com quadros, pinturas e com o próprio artista.

Durante a escrita, tomei algumas decisões autorais. A primeira delas era focar trechos da vida de Vincent que tivessem relação com a vivência das crianças (infância, família, amigos etc.); a segunda decisão foi a de apresentar uma biografia resumida, com filtros devido ao interesse/à compreensão da faixa etária, mas sem incluir fatos ou trechos inverídicos/fantásticos; a terceira decisão relacionou-se ao cuidado com o senso estético e com a ampliação cultural dos pequeninos.

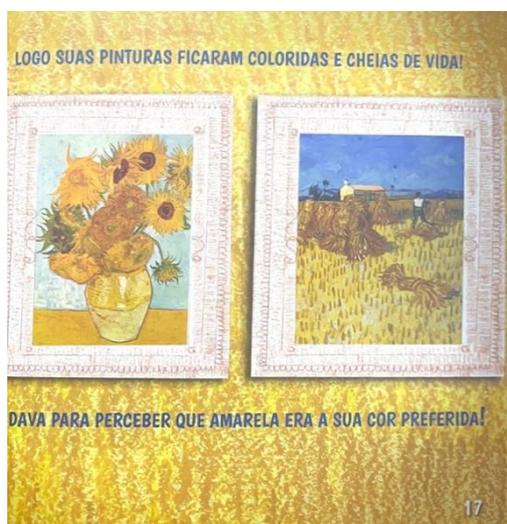
Vea Vecchi (2017, p. 36), célebre atelierista de Reggio Emilia,³ ao discorrer sobre o senso estético, afirma que ele transpõe os limites da beleza e das disciplinas: “Não está ligado somente à arte, mas se torna modalidade de investigação, chave de interpretação, lugar de experiência”.

Assim, o senso estético a que me refiro se entrelaça à apresentação de um mundo de imagens e sentidos, capaz de evocar sensações, emoções, memórias, conhecimentos, descobertas, experiências e principalmente de “fisgar” as crianças deste mundo contemporâneo dinâmico, descompassado e digital.

³ Cidade italiana reconhecida mundialmente por possuir uma abordagem educativa inovadora e de qualidade para a Educação Infantil.

Com o intuito de corroborar a alfabetização estética das crianças, além das ilustrações com riqueza em detalhes e harmonia com o texto, optei por apresentar reproduções de obras de Van Gogh (Figura 3) e de outros pintores (Figura 4) no miolo do livro.

Figura 3 – Reprodução das obras *Doze Girassóis numa Jarra* e *Colheita em Provence*, ambas de Van Gogh.



Fonte: Pinto (2019, p. 17).

Figura 4 – Reprodução da obra *Banhista em Asnières*, de Georges Seurat.



Fonte: Pinto (2019, p. 14).

As decisões autorais e editoriais evidenciam ainda o cuidado de resguardar o caráter da fruição às crianças; apesar do cunho informativo sobre a vida e a obra de Van Gogh, o livro também possibilita aos leitores aproximações, ressignificações e imaginação.

A questão da expressividade e da ludicidade também está presente na obra, tanto nas ilustrações quanto em convites explícitos para que os leitores “espiem” e encontrem imagens no miolo do livro.

A partir do histórico “pintado” desse livro, lanço novas perguntas que se relacionam às dúvidas e curiosidades que enfrentei em relação à tradução do enredo para Libras: Como

transpor a dinamicidade da obra para a Libras? E, afinal, por que escolher Van Gogh para trabalhar com crianças surdas?

Hã? O quê? Como assim? Sobre linguagens, estranhamentos e inclusão

A preocupação com a dinamicidade da obra em uma tradução para Libras foi fruto de uma visão superficial que tinha, até então, sobre o assunto. Eu acreditava que o texto seria lido e, em uma janela, haveria um intérprete vestido de preto que faria a tradução para a Libras.

Que grata surpresa foi o resultado do vídeo elaborado pelo projeto #CasaLibras. O enredo preservou as ilustrações, as quais ganharam movimentos e sons. A intérprete Ityara apresentou uma tradução e uma encenação ricas em expressividade. Teve troca de roupas de acordo com o enredo (Figura 5), olhares, movimentos, espantos e gestos que extrapolaram a interpretação e a narração convencional em Libras, inserção da narradora literalmente nos cenários ilustrados (Figura 6), sintonia e sincronia entre expressões faciais e gestos da narradora e do personagem (Figura 7).

Figura 5 – Ityara usou figurinos com as cores mais presentes nas obras de Van Gogh e no projeto gráfico do livro *Quem sou eu? Van Gogh*.



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Figura 6 – Ityara no cenário que retrata uma espécie de escritório, local em que Van Gogh é ilustrado escrevendo uma correspondência para o irmão Theo (página 19).



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Figura 7 – Ityara no cenário que retrata o quarto de Van Gogh e com expressão facial e corporal similar à do personagem ilustrado (página 21).



Fonte: captura de tela do vídeo disponível no canal #CasaLibras no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>).

Por meio da apreciação dessas imagens e das reflexões compartilhadas, fica mais clara e evidente a potencialidade da obra de Van Gogh para o trabalho com crianças surdas. As cores vibrantes e as pinceladas expressivas do pintor transcendem a linguagem oral, facilitam a compreensão e a apreciação estética e convidam os leitores⁴ para a exploração de cenas, texturas e movimentos.

⁴ As crianças da Educação Infantil, mesmo sem estarem alfabetizadas, são consideradas leitoras, uma vez que fazem a leitura das imagens e do projeto gráfico e estabelecem relações, significados e sentidos com os conhecimentos prévios que possuem.

As singularidades da arte de Van Gogh e a vasta produção artística do pintor também possibilitam o desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças e a ampliação do repertório cultural e imagético delas.

Enfatizo também a característica da acessibilidade da obra de Van Gogh, seja pela variedade e ampla divulgação das telas do artista, seja pelo caráter de domínio público delas, seja pela ausência de barreiras linguísticas, seja pelas múltiplas estratégias que podem ser criadas para a interação direta e significativa das crianças com as obras.

Para deixar todo esse impacto ainda mais próximo e real, fui convidada pela equipe do #CasaLibras para participar presencialmente da premiação do Campeonato Artístico-Literário.

A participação desse evento, no polo universitário da UFSCar, em 6 de dezembro de 2024, incitou o surgimento de novas perguntas, alguns estranhamentos e muitas reflexões – oportunidade única para adubar ainda mais o meu esperar pedagógico.

Participar de um evento todo pensado e estruturado para a comunidade surda, sendo uma pessoa ouvinte e que não domina Libras, me colocou em uma situação de desconforto e, ao mesmo tempo, de ativação empática. Explico: os eventos educacionais e culturais de que já participei, mesmo sobre e com inclusão, contavam com intérpretes de Libras, mas a linguagem principal era a falada em português.

Na cerimônia de premiação do Campeonato, a Libras era a língua oficial, e a maioria dos participantes era fluente. A experiência foi muito próxima a de conhecer um país estrangeiro quando não se fala a língua oficial, com a diferença de que eu não podia/sabia usar um tradutor automático.

Talvez a palavra que melhor represente o sentimento inicial de estar nesse local seja “deslocamento”. Como o evento contou com intérpretes bilíngues (Libras e língua portuguesa) e tive todo o apoio para a comunicação e interação, logo esse sentimento deu lugar à empatia e ao estranhamento.

Uso a palavra “estranhamento” com base nestes significados do Dicionário Michaelis (Estranhamento, 2025):

1. Ato ou efeito de estranhar(-se).
2. Surpresa, admiração, espanto face ao que não é comum ou habitual ou, ainda, totalmente inesperado; estranheza.

O efeito de me deparar com possibilidades de alargar minhas ideias e concepções sobre a educação inclusiva, com as histórias e os casos contados pelos professores premiados no evento, com a necessidade de deixar minhas produções literárias mais acessíveis e com a admiração pelo trabalho de professores vindos de grandes centros e de lugares remotos do Brasil me ocasionou um autoestranhamento.

Estranhei e indaguei a profissional que fui e sou. Como assim, eu nunca tive acesso a uma literatura com acessibilidade em Libras? Por que as minhas obras não contam, minimamente, com

um QR Code que apresente uma narração em Libras? Por que nunca pensei nisso antes? Por que os tantos e tantos livros infantis de meu acervo também não contam com essa acessibilidade?

Inundada por tantos questionamentos, imediatamente me lembrei da célebre poesia de Loris Malaguzzi⁵ que, em linhas gerais, versa sobre a criança ter cem linguagens, mas a escola lhe roubar noventa e nove.

A minha luta sempre foi por validar e fomentar as “cem linguagens” das crianças, e assim não posso e não quero “roubar” o direito de elas terem acesso pleno às histórias que eu escrevo.

Dessa forma, saí desse evento com a forte pulsão de repensar práticas e culturas. Como se não bastasse esse grande incentivo e aprendizado, ainda fui premiada com troféu, medalha, diplomação (Figura 8) e com o testemunho dos potentes trabalhos que os professores realizaram com as crianças inspirados pelo vídeo do Campeonato.

Ainda nessa ocasião, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente a intérprete e tradutora do enredo para Libras, Ityara Aguiar Girke (Figura 9).

⁵ Educador italiano e precursor da abordagem de Reggio Emilia. Poesia disponível em Edwards, Gandini e Forman (2016).

Figura 8 – Registro da premiação recebida diretamente da equipe
do projeto #CasaLibras.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 9 – Em companhia da intérprete e tradutora do enredo
para Libras Ityara Aguiar Girke.



Fonte: acervo pessoal.

Como forma de um singelo agradecimento, doei aos professores participantes exemplares autografados do livro *Quem sou eu? Van Gogh* (Figura 10).

Figura 10 – Livros distribuídos na cerimônia de premiação do Campeonato.



Fonte: acervo pessoal.

E, por fim? Pinceladas, reticências e autorretratos inacabados

As pinceladas que guiaram este texto, assim como as do próprio Van Gogh, revelam um processo em constante movimento, marcado por contínuas descobertas e aprendizados. Nesse sentido, as reticências sugeridas no título deste tópico sinalizam mais do que meras pausas; são, na verdade, convites à continuidade da reflexão e ao aprofundamento da prática pedagógica.

O “autorretrato inacabado” surge, então, como uma poderosa metáfora da urgência da formação continuada, compreendida como ferramenta essencial não apenas para o aprimoramento docente, mas também para a transformação social. A imersão no universo da Libras, tendo a arte como pano de fundo, convocou-me a revisitar minhas próprias práticas, a desconstruir certezas arraigadas e a abraçar a incompletude como um compromisso ético e político. Esse compromisso traduz-se na busca constante por (re)construção, aprendendo com cada encontro, com cada criança, com cada família e com cada nova linguagem que se apresenta.

É fundamental reconhecer que a educação inclusiva, longe de ser um ponto final ou um objetivo estático, constitui um horizonte em permanente expansão. As cores vibrantes de Van Gogh, traduzidas para a Libras com expressividade e ludicidade, cumprem o papel de nos lembrar de que a arte é um direito de todos e que a sensibilidade estética pode ser acessada e vivenciada por meio de uma multiplicidade de caminhos e linguagens.

Por fim, almejo que este texto funcione como mais uma pincelada de incentivo, fomentando educadores a persistirem na construção de seus autorretratos, mantendo-se sempre abertos ao novo, ao inacabado e à intrínseca beleza da diversidade que enriquece o processo educativo.

Referências

ALVES, R. *O melhor de Rubem Alves*. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Porto Alegre: Penso, 2016.

ESTRANHAMENTO. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estranhamento/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MONTEIRO, L. Investigar, experimentar, explorar... Verbos para conjugar na arte. In: CUNHA, S. R. V. C.; CARVALHO, R. S. *Linguagens da arte: percursos da docência com crianças*. Porto Alegre: Zouk, 2022.

PINTO, A. *Quem sou eu? Van Gogh*. Brasília: Edebê, 2019.

RAMOS, G. *Habitar a infância: como ler literatura infantil*. Brasília: Tema Editorial, 2017.

VECHI, V. *Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância*. São Paulo: Phorte, 2017.

Dos encontros, das experiências e dos afetamentos: Campeonato Artístico-Literário para crianças surdas

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin¹
(Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)

Tatiana Lebedeff²
(Universidade Federal de Pelotas – UFPel)

Introdução

Este artigo tem como objetivo contar sobre nossa experiência e encantamento de participar no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras para crianças surdas, uma ação do projeto #CasaLibras, coordenado pela Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins em parceria com o Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O Campeonato articulou pelo menos três expressões da cultura surda – literatura, artes visuais e vídeo – no contexto da educação escolarizada de surdos. Para tanto, o território escolar constituiu-se como o lócus

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada do Departamento de Educação Especial, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Área de Libras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

privilegiado da expressão e produção artístico-literária de estudantes surdos nos diferentes níveis de ensino: Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II, Ensino Médio, EJA/Espaços Especializados de Ensino. Nesse sentido, propomos neste texto fazer uma análise sobre a importância de ações artístico-literárias para a Educação Básica, a partir do exercício de avaliação dos materiais que compuseram o conjunto das obras inscritas no Campeonato. Trata-se, portanto, de uma leitura composta dos significados que fomos construindo no encontro com essas obras e dos atravessamentos que nos constituem enquanto professoras e pesquisadoras do campo da educação de surdos.

A arquitetura teórico-metodológica do texto organiza-se a partir da temática central da cultura surda e dos seus encontros no território escolar enquanto elemento estratégico na organização dos modos de vida surda. Entre os diversos conceitos acerca da cultura surda, entendemos a cultura surda como jeitos diferentes de compreender e interpretar o mundo e consequente intervenção para garantir acessibilidade e participação (Lebedeff, 2016). Portanto, destacamos a centralidade da cultura surda e sua importância nas problematizações cotidianas do movimento surdo na busca do reconhecimento de suas diferenças.

A educação escolarizada de surdos constituiu-se num campo de conhecimento, de práticas de significação e de lutas política e social, as quais reforçam a importância da escola como território de produção de culturas e identidades surdas. Nesse

sentido, a cultura surda é significada cotidianamente de forma a produzir identidades em sujeitos que experienciam o mundo visualmente por meio da língua de sinais, identidades estas que são produzidas discursivamente de acordo com o local histórico e institucional no qual se encontram. Portanto, no contexto da educação de surdos, tanto a condição cultural quanto a linguística presentes no processo de escolarização dos sujeitos surdos se tornam poderosas ferramentas para a formação da identidade cultural desses sujeitos.

Alinhadas à temática central do Campeonato #CasaLibras, compartilhamos a ideia da defesa de uma educação de surdos próxima de um olhar cultural, identitário e linguístico e que vê na comunidade surda traços culturais distintos, com uma língua própria (a língua de sinais) e, em consequência, formas particulares de organização (inclusive social). Compreender o campo da educação de surdos constituído pela legitimidade de uma cultura visual, enquanto um conjunto estruturado e significativo de sentidos que se intercambiam dentro das comunidades surdas, estabeleceu as condições de análise e avaliação dos trabalhos apresentados no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Para contar sobre os nossos movimentos e afetamentos nesse processo avaliativo, dividimos esse texto em três seções: Experiências escolares, artefatos culturais e marcas surdas;

Expressões culturais surdas mobilizadas no Campeonato; e Notas finais: experiências compartilhadas.

Experiências escolares, artefatos culturais e marcas surdas

Olhar para a escola como um dos territórios de produção de práticas culturais significa entender a cultura como um campo de lutas, de disputas no qual significados são negociados e fixados na busca por legitimidade e representatividade. Os discursos que envolvem o cenário da educação de surdos, em especial o campo cultural e identitário, são muito complexos, vão desde a defesa de uma cultura única e essencializada, tomando como referência a centralidade da língua de sinais, até as noções de cultura que envolvem cenários mais híbridos, múltiplos, os quais produzem e narram as formas de representar a surdez e suas marcas culturais.

A educação está imersa “no grande espaço da cultura e, portanto, no grande espaço dos meios de comunicação, da cultura da imagem e da proliferação de mitos, de modos de ser” (Fischer, 1998, p. 1). As produções culturais surdas funcionam como importantes estratégias de resistência, levando a outros formatos representativos dados à educação de surdos. Diante disso, o espaço escolar assume um papel fundamental nos modos de pensar o cotidiano escolar, pois permite acionar estratégias pedagógicas pautadas na visualidade (Lebedeff, 2017), considerando a cultura e articulando esses artefatos no processo de ensino.

Atentar sobre as formas como os sistemas culturais e linguísticos circulam na vida das pessoas surdas, produzindo modos de ser surdo, nos permite pensar que a condição de ser surdo é viver uma experiência de práticas sociais marcadas na diferença. Sabemos que a cultura surda está presente em diferentes espaços, e, desse modo, pensar a cultura surda como um campo de luta e resistência é colocá-la no jogo discursivo que produz, por meio de relações de poder e saber, efeitos sobre os modos de vida surda.

Para analisar as produções artístico-literárias dos estudantes surdos, foi preciso atentar para as singularidades dos processos em que esses materiais foram constituídos. Trata-se de compreender esses processos enquanto experiências singulares que se forjam por meio de lutas coletivas e que resistem aos processos de normalização. As dimensões culturais, linguísticas e identitárias das comunidades surdas estão muito presentes no contexto da educação escolar de surdos, e isso significa dizer que esses aspectos constituem os pilares da educação bilíngue.

Nesse sentido, as obras analisadas mostraram-se como potência para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e alinhadas à perspectiva da educação bilíngue de surdos. Nesses materiais, observou-se uma pluralidade identitária do uso da Libras, o que contribuiu no sentido de voltarmos a olhar para as experiências escolares e as relações pedagógicas num cenário em que os artefatos culturais e as marcas visuais se tornaram a centralidade na vida das pessoas surdas. Com isso, reforça-se a

importância de uma formação cultural dentro dos contextos escolares, pois tal desenvolvimento tem como suporte a comunicação e interação entre as crianças surdas, repercutindo no seu potencial cognitivo.

Os direcionamentos da análise e avaliação das obras literárias reafirmam nossa posição acerca da surdez e dos processos educacionais dos sujeitos surdos, na qual “as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político” (Skliar, 1998, p. 5). Tomando as produções surdas a partir de uma diferença cultural, os materiais mostram-se como importantes estratégias de circulação e consumo cultural que fazem desses sujeitos produtos e produtores de modos de ser surdos nestes tempos, negociando sua própria cultura.

Nesse sentido, podemos inferir que o espaço escolar pode se constituir como um território fértil de produção, circulação e consumo da cultura surda e suas infinitas formas de existência e, principalmente, ser um espaço de produção de significados que se pautam a partir das marcas surdas. Essas marcas partem de um olhar “que permite o contemplar-se [...] que permite o interesse por coisas particulares [...] o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda” (Lopes; Veiga-Neto, 2006, p. 81).

Os marcadores culturais surdos presentes nas obras literárias podem ser entendidos como recurso, ou seja, como meio de investimento dos surdos para se manterem na diferença. Do mesmo modo, o uso dessa cultura pode ser articulado com a conveniência das formas de ser surdo, pois “a conveniência da cultura sustenta a performatividade como lógica fundamental da vida social hoje” (Yúdice, 2004, p. 50). Portanto, as obras analisadas produziram diferentes significados sobre a própria cultura surda, inventando diferentes modos de ser surdo no cenário contemporâneo. Tendo discutido a relação entre cultura escolar e cultura surda, queremos explorar, a seguir, algumas das expressões culturais surdas, dos artefatos culturais surdos que foram operacionalizados durante o Campeonato.

Expressões culturais surdas mobilizadas no Campeonato

Nesta seção vamos discutir um pouco sobre algumas das expressões artísticas mobilizadas pelo Campeonato: a arte visual, a produção de vídeos e a literatura. Betty Miller, uma das primeiras artistas surdas a expor arte sobre a experiência surda, comenta que alguns surdos sentem que a arte visual pode ser um “modo de vida” para os surdos e uma parte da cultura surda, da mesma maneira que a música é um “modo de vida” na comunidade ouvinte. A arte visual pode, segundo essa artista, disponibilizar elementos para que surdos e ouvintes possam compreender o que significa

ser surdo ao apresentar as experiências de surdez a partir da visão de mundo de uma pessoa surda (Durr, 2006).

É necessário ressaltar aqui a diferença entre a arte produzida por uma pessoa surda e a arte sobre a experiência surda. A arte sobre a experiência surda pode ser compreendida por meio do movimento surgido em 1989, nos Estados Unidos, denominado De'VIA: Deaf View/Image Art. Alguns desses artistas são Susan Dupor, Betty Miller, Chuck Baird, entre outros (Durr, 2006). O De'VIA é um exemplo de coletivo que produz artes visuais sobre a experiência da surdez, mas existem muitos outros que não serão apresentados aqui. Já no Brasil podemos citar artistas como Kilma Coutinho, Fernanda Machado, Silas Queiroz, Marcos Anthony, Bruno Vital, entre outros.

A produção visual dos surdos, de acordo com Taveira *et al.* (2015), vem atrelada às suas reivindicações e luta por direitos, sendo central, nessa pauta, a educação bilíngue, com o protagonismo, obviamente, da Libras. Os autores comentam que a educação de surdos está situada em um tempo em que professores surdos ditam novas formas e usos de extensões ópticas e corporais: filmadoras, data shows, cenários e didáticas antes não vivenciadas. Rosado e Taveira (2019) comentam que, no tempo presente, a internet e os dispositivos computacionais (computadores pessoais, celulares e tablets) permitem a adoção, em larga escala, da produção e publicação de vídeos digitais, o que leva à emergência de uma “ecologia midiática da imagem em

movimento” que, diferentemente da cultura de massa associada ao rádio, à TV e ao cinema ao longo do século XX, é agora alimentada por pequenos novos produtores em suas casas e estúdios particulares.

Os autores indicam que, na comunidade surda, as mídias digitais e analógicas possuem um papel cada vez mais central e estruturante, após longo período de predomínio da escrita. Citam, como exemplo, os acervos em vídeo disponibilizados na internet, destinados à comunidade de pessoas surdas e ouvintes usuárias das línguas de sinais, o que pode ser denominado de uma “surdo-memória”, que pouco depende dos caracteres alfabéticos das línguas orais em sua expressão-comunicação e é inscrita em servidores de internet.

O registro da produção da língua de sinais requer outra tecnologia que não a escrita (Peluso, 2015). Sobre o papel das mídias e a produção de vídeos por pessoas surdas, Peluso (2015) chama de “textualidade diferida” os vídeos como forma alternativa à escrita. Para o autor, os vídeos gravados pelos surdos possuem uma “especialização” com relação aos gravados por pessoas ouvintes. Eles se diferem do conjunto de produtos como filmes, documentários, entre outros. Os vídeos gravados por pessoas surdas têm sua centralidade no texto linguístico, e sua finalidade é a de funcionar como um texto diferido, com estrutura e função descontextualizadas, similares a um texto escrito. São vídeos nos quais está privilegiado o falante proferindo seu discurso. No caso,

em língua de sinais. O autor denomina “textualidade diferida”, portanto, todos os textos que estão separados do momento de enunciação por meio de alguma tecnologia linguística, seja esta tecnologia um sistema de escrita ou uma ferramenta de registro (gravações em áudio ou em vídeo).

A textualidade diferida, para os surdos, está, pode-se dizer, inextricavelmente relacionada ao acesso e uso das “tecnologias de informação, comunicação e expressão” (Tice) (Moisés, 2018; Martins, 2018; Amaral, 2018). Cabe, no momento, analisar o porquê da inserção da palavra “Expressão” em uma nomenclatura já consolidada e o porquê de trazer essa discussão para a área da educação de surdos. Os autores estão utilizando a palavra “Expressão” para dar foco à possibilidade de expressão de posicionamento em espaços de interação com outros interlocutores, nos quais argumentos precisam ser utilizados para defender seu ponto de vista:

a expressão de um posicionamento crítico (postura) e a construção de sentenças argumentativas para defendê-lo, como os espaços de comentários no Facebook e no YouTube, a possibilidade de construção de retweets no Twitter e a promoção de debates em grupos de aplicativos de mensagens instantâneas (MI), como no WhatsApp (Martins, 2018, p. 74).

O termo “Expressão” é utilizado como possibilidade de autoria, e a produção pode ser compartilhada:

se descortinam para todas as possibilidades únicas e inéditas na história da humanidade, em que o pensamento e a criatividade, quaisquer que sejam eles, encontram espaço e suporte para serem informados e comunicados ao outro, indistintamente (Lacerda Santos, 2018, p. 129).

A “Expressão” é compreendida, também, pela possibilidade de atingir diversos interlocutores, e, como o “texto” é digitalizado, não tem a obrigatoriedade de ser apenas escrito e impresso, mas pode assumir outros formatos, tais como vídeos, imagens, em múltiplas possibilidades:

Já pudemos ser esclarecidos de que as principais características dos novos letramentos é que são interativos, em vários níveis de expressão e comunicação. Diferentemente dos letramentos anteriores, impressos. Essa linguagem digital, por ser traduzida para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (web), permite que o leitor e escritor de textos interaja em vários níveis e com vários interlocutores (Amaral, 2018, p. 190).

Tendo em vista o exposto acima, pode-se sugerir a importância das Tice para a produção e consumo da cultura surda, nas suas mais variadas formas de expressão. Como comenta Peluso (2015), as possibilidades de textualidade diferida são múltiplas. Não apenas o acesso, como espectador, é garantido pelas Tice, mas, principalmente, a produção, a “Expressão” em língua de sinais que é capturada e compartilhada. Desse modo, os textos em língua de sinais garantem um “estar” no tempo: são gravados,

compartilhados, editados, vistos, revistos, multiplicados, entre outras possibilidades que antes das Tice não eram possíveis. Os textos, em línguas de sinais, antes das Tice, eram efêmeros. Duravam apenas o tempo de sua produção.

O papel das Tice é importantíssimo para a captura, proteção e circulação da cultura surda sinalizada, como a literatura surda. Karnopp utiliza a expressão “literatura surda” para designar histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Para essa autora, a literatura surda é “a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente” (Karnopp, 2010, p. 161). Sobre os produtos da literatura surda, comenta que

a literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais (Karnopp, 2010, p. 171).

A autora analisou oito livros escritos por surdos e publicados entre 2000 e 2010 e percebe que, ao contar histórias, os surdos buscam o caminho da autorrepresentação, lutando pelo reconhecimento de suas identidades, por meio da “legitimidade de

sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem” (Karnopp, 2010, p. 172).

Na literatura sinalizada, de acordo com Karnopp, Branco e Pokorski (2022, p. 146), “a língua de sinais é aquela que desmancha (ou cria) conflitos, produz viradas narrativas e se apresenta como um importante marcador surdo”. As autoras analisaram um conjunto de pesquisas acerca da presença da literatura surda em escolas para surdos e perceberam uma carência de materiais em vídeo para uso nas escolas, o que leva a uma fragilização da educação literária por meio de contação de histórias em Libras, e ainda uma tímida circulação da literatura surda no contexto da educação bilíngue. Comentam que a responsabilidade pela presença da literatura sinalizada nas escolas é geralmente atribuída apenas aos docentes surdos, o que deve ser considerado um equívoco. Karnopp, Branco e Pokorski (2022, p. 154) argumentam que, para uma educação literária, “é necessário que a literatura seja utilizada na escola de modo frequente e contínuo, por todos os professores que atuam na educação de surdos”.

O Campeonato mobilizou, operacionalizou, provocou uma miríade de produções culturais na escola, pois o convite para participar do Campeonato estava atrelado a, pelo menos: apreciar poesia sinalizada, admirar as obras de um pintor, fazer releituras, produzir vídeos para o registro dessas releituras, compartilhar a

autoria. Esse tensionamento cultural linguístico e visual teve, com certeza, impacto em todos os atores que participaram do Campeonato.

Notas finais: experiências compartilhadas

Compartilhar a experiência do encontro com as produções culturais do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras para crianças surdas permitiu estarmos abertas ao acontecimento, ao que é vivido a partir da experiência. A partir dos afetamentos produzidos na construção deste artigo, compreendemos que experimentar na escola sempre está vinculado àquilo que faz sentido ao pedagógico e na relação pedagógica do acontecido. Portanto, “fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma” (Larrosa, 2017, p. 27).

Ao fazermos o exercício de análise das produções culturais enquanto registros de autorrepresentação dos sujeitos surdos, olhamos para a surdez a partir da concepção da diferença cultural a qual coloca a centralidade da discussão na língua brasileira de sinais. Os materiais apresentados no referido Campeonato, ao tomarem a Libras como marcador primordial da diferença surda, fazem um importante giro no terreno da educação de surdos, procurando romper com a concepção de surdez arraigada à

deficiência e propondo outras narrativas sobre as formas de compreendermos os surdos e sua educação.

Na tessitura deste texto, desejamos marcar a força da presença da literatura e da visualidade na escola. A partir de Karnopp, Branco e Pokorski (2022, p. 157), entendemos essa literatura “como base para os modos de conduzir a dinâmica de ensino e aprendizagem escolar, subsidia a construção de uma educação bilíngue não somente centrada na língua, mas na experiência surda”. Para as autoras, a literatura é “uma potência para o encontro com personagens surdos, com a língua de sinais e com temáticas que possibilitam o registro do cotidiano, suas experiências e desafios” (Karnopp; Branco; Pokorski, 2022, p. 151).

Assim, apostamos que, uma vez colocados em circulação, os materiais produzidos a partir do Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras possibilitem e instiguem outras produções e maneiras de pensar as práticas educativas voltadas para as pessoas surdas. Também, esperamos que possam nos impulsionar a problematizar as formas de ver, de dizer e de pensar o “educativo” e, como diz Larrosa (1998), para que outro modo de ver, de dizer, de pensar nos faça encontrar uma realidade que mereça esse nome.

Referências

AMARAL, R. A. Letramento e práticas textuais no aplicativo WhatsApp. In: GOULART, C.; LACERDA SANTOS, G. (org.). *Tecnologia e comunicação pedagógica*. Brasília: Viva, 2018.

DURR, P. De'VIA: Investigating deaf visual art. *Deaf Studies Today!*, v. 2, p. 167-187, 2006.

FISCHER, R. M. B. Mídia e Educação: Uma agenda para debate. *Jornal NH*, set 1998. Suplemento NH na Escola.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010.

KARNOPP, L. B.; BRANCO, B. da S.; POKORSKI, J. O. Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos. In: MARTINS, V. R. de O.; TORRES, R. C.; NICHOLS, G. (Org.). *#CasaLibras – Educação de Surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 143-161.

LACERDA SANTOS, G. Docência no ambiente virtual. In: GOULART, C.; LACERDA SANTOS, G. (org.). *Tecnologia e comunicação pedagógica*. Brasília: Viva, 2018.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEBEDEFF, T. B. *Letramento Visual e Surdez*. 13. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2017.

LEBEDEFF, T. B. Língua de sinais e cultura Surda: qual seu lugar na escola? In: AQUINO, I. C.; CRESTANI, L. M.; DIAS, L. F. F.;

DIEDRICH, M. S. (org.). *Língua, literatura, cultura e identidade: entrelaçando conceitos*. Passo Fundo: UPF Editora, 2016. p. 9-24.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 81-100, jul./dez. 2006. Edição especial.

MARTINS, E. C. O ensino de língua materna, as novas práticas digitais no WhatsApp e o desenvolvimento da argumentação escrita. In: GOULART, C.; LACERDA SANTOS, G. L. (org.). *Tecnologia e comunicação pedagógica*. Brasília: Viva, 2018.

MOISÉS, C. Inovações Digitais: Implicações para a Formação de Professores na Sociedade do Conhecimento. In: GOULART, C.; LACERDA SANTOS, G. (org.). *Tecnologia e comunicação pedagógica*. Brasília: Viva, 2018.

PELUSO, L. Traducción entre Español escrito y Lengua de Señas Uruguaya videograbada: un nuevo desafío. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 479-504, jul./dez. 2015

ROSADO, L. A. da S.; TAVEIRA, C. C. Proposta de uma Gramática Visual para Descrição e Análise Composicional de Vídeos Digitais em Línguas de Sinais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 25, n. 3, p. 355-372, set. 2019.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.

TAVEIRA, C. C.; ROSADO, A.; LEMOS, G. S.; FURRIEL, M. F. S. Novas tecnologias na produção de monografias em Libras com alunos do INES: língua de sinais, performance surda e o uso do vídeo digital. In: ROSADO, L. A. da S.; FERREIRA, G. M. dos S. (org.). *Educação e Tecnologia: Parcerias*. Rio de Janeiro: Estácio de Sá, 2015. v. 4, p. 142-186.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*.
Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

The background features a stylized landscape with a winding road, mountains, and a large circular shape representing the sun or moon. The colors are muted greens, yellows, and blues, with a textured, painterly quality. The text is overlaid on a white, curved shape on the right side of the page.

**Dos Retratos de boas
práticas educativas
de professores
vencedores do
3º Campeonato
Artístico-Literário
do #CasaLibras**

PARTE 2

Vencedores



1º colocado
E.P.G Crispiniano Soares
Guarulhos/SP



1º colocado
EMEBS Charles Michel de L' Épée
Itaquaquecetuba/SP



2º colocado
Escola Municipal Bilingue de Instrução em Libras
Profª Jaqueline Fontoura Santos | Guarapuava/PR



3º colocado
EPG Doutor Heitor Maurício de Oliveira
Guarulhos/SP

Vivência e aprendizagem na Educação Infantil: o protagonismo surdo e uma jornada criativa com Van Gogh e a Libras

Silvia Ventura Ortiz
Larissa de Oliveira Santos
(Escola da Prefeitura de Guarulhos Crispiniano Soares)

Introdução

A educação bilíngue para surdos, especialmente no contexto da Educação Infantil, tem se consolidado como um pilar essencial para fortalecer a identidade surda, promovendo o protagonismo dos alunos na construção do conhecimento por meio da língua brasileira de sinais (Libras) e da língua portuguesa. Ao se desenvolverem atividades artísticas e literárias, como proposto pelo 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, que envolveu a releitura da obra *Campo de Girassóis* (elaborada por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes do #CasaLibras, e inspirada em Van Gogh), os educandos têm a oportunidade de explorar e expressar sua criatividade, desenvolvendo seu repertório visual e cultural.

Esse tipo de abordagem não só celebra a arte, mas também favorece o letramento visual e a intersemiótica, promovendo o entendimento e a transformação de signos visuais, linguísticos e culturais. Ao se envolverem com a arte e a poesia, os alunos ampliam seu desenvolvimento cognitivo e emocional, reafirmando

a cultura surda e fortalecendo sua identidade. Esse processo pedagógico contribui para a construção de saberes multidimensionais, transitando entre a arte, a linguagem visual e a identidade surda.

Fundamentação teórica

A educação bilíngue de surdos é essencial para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, respeitando e valorizando a cultura surda e permitindo que os alunos se tornem protagonistas de sua aprendizagem. A construção da identidade surda e o fortalecimento das habilidades cognitivas e emocionais dos alunos são centrais nesse processo.

Peluso (2022) destaca a importância da videografia na educação bilíngue, pois os vídeos promovem uma textualidade diferenciada que vai além da palavra escrita, favorecendo um letramento visual e conectando os alunos à sua cultura. Pagni e Martins (2019) enfatizam que a surdez é uma característica cultural e linguística, com a expressividade corporal sendo essencial para a comunicação, dado que a linguagem de sinais está ligada à gestualidade e visualidade. Vygotsky (1998) aponta que o desenvolvimento cognitivo ocorre de maneira social e colaborativa, e a interação de diferentes formas de linguagem, como Libras e português, é essencial para a aprendizagem.

Assim, a integração de recursos como arte, literatura e linguagem visual fortalece o protagonismo surdo, permitindo uma expressão autêntica e criativa, e promove um aprendizado mais significativo, respeitando e fortalecendo a cultura surda.

Metodologia

O planejamento da atividade, conforme proposta do 3º Campeonato #CasaLibras, começou com a análise do edital, seguida pela definição de um cronograma e divisão de responsabilidades entre a equipe pedagógica. A proposta incluiu atividades artísticas, como a releitura da obra *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh, integrando a língua brasileira de sinais (Libras) e temas sobre arte surda e protagonismo da comunidade surda.

As etapas da experiência foram divididas em preparação, desenvolvimento das atividades e conclusão. A preparação envolveu a elaboração do plano pedagógico, a seleção de materiais artísticos e recursos audiovisuais, como vídeos educativos em Libras. O desenvolvimento das atividades incluiu uma apresentação sobre Van Gogh, a conexão da Libras com a arte e a criação de obras coletivas, com técnicas como pintura e carimbagem, além da exploração sensorial de girassóis reais. Na conclusão, foi montado um painel coletivo, e os educandos apresentaram suas criações, compartilhando o processo em Libras.

Os recursos utilizados incluíram vídeos educativos em Libras, leitura de poesias, apresentações multimídia, atividades de pintura coletiva, carimbagem e materiais como tintas, pincéis, esponjas, azulejos e girassóis reais, além de um ensaio final para garantir a participação de todos de forma acessível e interativa. A atividade foi considerada positiva, promovendo a aprendizagem bilíngue, a cultura surda e a expressão artística dos alunos.

Relato da experiência

Figura 1 – *Campo de Girassóis*, produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes do #CasaLibras, e inspirada em Van Gogh.



Fonte: acervo #CasaLibras.

Releitura da obra “Campo de Girassóis”

No mês de setembro surdo, dedicado à valorização da cultura e das lutas da comunidade surda, realizamos diversas atividades diferenciadas. Uma delas foi a introdução da arte surda, destacando o trabalho da pintora surda Nancy Rourke. Os educandos tiveram a oportunidade de observar as cores e formas características em suas obras, estabelecendo um vínculo com o projeto da nossa escola, intitulado “*Nóstureza*”.

A proposta envolveu a utilização da Libras para sinalizar animais e elementos da natureza, criando conexões entre a língua de sinais e a arte. Além disso, incorporamos as cores e os estilos das obras de Nancy Rourke, incentivando os alunos a expressarem sua criatividade.

Como resultado, os educandos criaram um painel coletivo, composto de quadros pintados por eles, em que puderam sentir, interiorizar e liberar o artista que existe em cada um de nós. A atividade proporcionou uma rica experiência de aprendizagem e expressão, reforçando o protagonismo da comunidade surda na arte e na educação.

Figura 2 – Criações inspiradas na obra de Nancy Rourke.



Fonte: acervo pessoal.

1º momento

Para aprofundar o conhecimento sobre o artista Van Gogh e sua relação com a arte surda, apresentamos aos educandos uma série de vídeos produzidos pelo #CasaLibras – UFSCar, que proporcionaram uma experiência enriquecedora e acessível.

Vídeo 1: *O Campo de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada*

Vídeo 2: *Narrativas em Libras – Quem sou eu? Van Gogh*

Esses vídeos permitiram que os educandos se conectassem de maneira sensível com as obras de Van Gogh e compreendessem melhor a releitura produzida pelos integrantes do #CasaLibras Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, *Campo de Girassóis*, ao mesmo tempo que aprenderam sobre a planta, seu crescimento, suas cores vibrantes e o significado de seu nome.

Também discutimos as simbologias e representações que o girassol carrega em várias culturas.

Além disso, apresentamos um PowerPoint (PPT) com informações complementares sobre a vida e a carreira de Van Gogh, incluindo:

- nome completo, data de nascimento e falecimento;
- país de origem;
- explicação do sinal pessoal de Van Gogh em Libras, que faz referência à sua orelha (por conta do episódio histórico relacionado à sua automutilação);
- quantidade aproximada de obras produzidas por Van Gogh;
- início de sua carreira artística e a fama que ele conquistou após sua morte, devido à popularidade de suas obras;
- algumas de suas obras mais icônicas.

Durante toda a atividade, tanto o sinal de “Van Gogh” quanto o de “girassol” foram reforçados, garantindo que os educandos não apenas conhecessem a arte de Van Gogh, mas também se envolvessem ativamente com os elementos visuais e culturais da língua, promovendo uma experiência de aprendizado inclusiva e interativa.

Figura 3 – Assistindo aos vídeos.



O Campo de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada

1,2 mil visualizações • há 2 meses



Narrativas em Libras - Quem sou eu? - Van Gogh

585 visualizações • há 2 meses



Fonte: fotos do acervo pessoal, PowerPoint criado para apresentação aos alunos e capturas de tela dos vídeos assistidos.

2º momento

No dia seguinte, os educandos tiveram a oportunidade de observar, tocar e sentir um girassol verdadeiro, vivenciando de forma sensorial o significado do sinal. Essa atividade proporcionou

uma conexão mais profunda com a planta, permitindo que os alunos compreendessem suas características de maneira prática.

Em seguida, deram continuidade ao processo de releitura artística, utilizando um girassol como referência para a criação de uma pintura nos azulejos. A atividade foi conduzida de maneira lúdica e personalizada, respeitando a singularidade de cada educando. Eles foram incentivados a se expressar livremente, criando suas próprias interpretações do girassol, utilizando tinta e explorando formas e cores de acordo com suas preferências e estilos individuais. Assim, cada aluno teve a liberdade de criar de maneira autêntica e criativa, promovendo uma experiência rica e inclusiva.

Figura 4 – Roda de conversa.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 5 – Conhecendo o girassol.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 6 – Pintura no azulejo.



Fonte: acervo pessoal.

3º momento

Apreciamos obras de Van Gogh, bem como a imagem elaborada pelo #CasaLibras, inspirada no pintor. Exploramos seus significados e, por meio da sinalização em Libras, ampliamos o vocabulário dos educandos, com foco no girassol. Em seguida, realizamos atividades criativas: desenhamos, pintamos girassóis e brincamos de fazer de conta que éramos Van Gogh pintando um quadro, estimulando a expressão artística e o aprendizado visual.

Uma atividade especial envolveu a carimbagem das mãos dos educandos, que, com suas próprias mãos, criaram

representações únicas do girassol. Cada carimbo foi transformado em uma pétala, resultando em um girassol personalizado, simbolizando a individualidade de cada aluno. Assim, todos participaram de forma significativa e criativa, fortalecendo a conexão com a arte e com a língua de sinais.

Figura 7 – Brincando de faz de conta.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 8 – Carimbo com as mãos.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 9 – Desenho de girassol no papel e no chão.



Fonte: acervo pessoal.

4º momento

Iniciamos o processo de criação do painel com a ideia de recortar papel para elaborar o sol, como parte da releitura da obra inspirada em Van Gogh. No entanto, decidimos seguir uma abordagem mais lúdica e optamos por utilizar glitter e pintar metade de uma bola de isopor para representar o sol.

Em seguida, colamos os rostos de cada educando no centro das mãos carimbadas, formando um girassol único para cada aluno. Com essa base pronta, passamos para a pintura e montagem do painel. Para ajudar os educandos a se orientarem no espaço, fizemos um esboço no painel, dando uma noção do layout final.

A pintura começou com as nuvens, que foram feitas com a ponta dos dedos, criando uma textura suave e delicada. Depois, utilizando esponjas, pintamos a vegetação ao redor, criando um efeito mais espesso e natural. Em seguida, continuamos com a esponja para dar fundo à área em que os girassóis seriam colados.

Com a pintura pronta, colamos os girassóis, complementando a obra com o sol que havíamos criado anteriormente. Para finalizar, desenhemos os caules dos girassóis com tinta, dando o acabamento final à nossa composição.

Assim, a montagem do painel foi feita inteiramente com as produções próprias dos educandos, refletindo a colaboração coletiva em uma atividade rica e criativa. O resultado final foi um painel vibrante, cheio de cor e significado, celebrando tanto a arte de Van Gogh quanto a participação ativa de cada educando.

Figura 10 – Colagem das fotos no girassol.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 11 – Pintura e colagem do sol.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 12 – Confeção do painel.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 13 – Obra finalizada.



Fonte: acervo pessoal.

5º momento

Recebemos a doação de dois guarda-chuvas velhos e quebrados que iam para o lixo e os reciclamos para criar a escultura *Big Girassol*. O processo artístico teve início com o desenho e recorte das mãos em papel dobradura amarelo. Em seguida, os educandos colaram suas mãos recortadas nos guarda-chuvas, que

seriam a base da obra. A princípio, a ideia era formar dois girassóis, mas percebemos que, ao unir os dois guarda-chuvas, formando um único girassol, a escultura ganharia mais estabilidade e um acabamento mais harmônico.

Com essa modificação, os educandos passaram a colar as mãos recortadas, dando forma ao grande girassol. O miolo foi enriquecido com bolinhas de papel crepom marrom, trazendo um toque especial e vibrante à peça. Para fixar a escultura, foi pintado um vaso, que serviu como base e finalizou a composição de forma elegante.

Como toque final, cada educando escreveu seu nome em papéis recortados no formato de folhas, que foram então anexadas à obra, completando assim a criação do *Big Girassol* com um senso de pertencimento e colaboração de todos os envolvidos, resultando em um lindo trabalho coletivo e manual.

Figura 14 – Contorno das mãos.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 15 – Início do processo da colagem das mãos.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 16 – Bolinhas de crepom.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 17 – Escultura ganhando forma (do lixo ao luxo).



Fonte: acervo pessoal.

Figura 18 – Pintura do vaso.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 19 – Os artistas.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 20 – Obra finalizada.



Fonte: acervo pessoal.

6º momento

Iniciamos a criação do quadro, utilizando quatro telas de pintura, em uma atividade colaborativa, carimbando as mãos dos educandos com tinta amarela para formar o fundo de um vasto campo de girassóis. Em seguida, utilizamos materiais reciclados, como caixas de ovos, que foram transformados em minigirassóis. Esses girassóis foram pintados de marrom e receberam um toque final de glitter e lantejoulas, conferindo brilho e textura à obra.

Para o céu e a vegetação ao fundo, empregamos uma esponja de lavar louça na parte lisa, criando um efeito esfumado que trouxe suavidade à composição. As nuvens foram feitas de forma criativa: os educandos pintaram barbantes de azul e os colaram sobre a tela, criando um efeito tridimensional que deu ainda mais vida à cena. Para finalizar carimbamos os dedos em verde para fazer os caules dos girassóis.

O resultado final é um quadro vibrante e cheio de detalhes, criado com o empenho e a imaginação dos educandos, aproveitando recursos simples e recicláveis de forma inovadora. A obra ficou exposta para que os demais educandos da escola pudessem apreciar.

Figura 21 – Carimbagem das mãos.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 22 – Pintura dos minigrassóis de caixa de ovo.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 23 – Pintura com a esponja de lavar louça.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 24 – Pintura e colagem do barbante.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 25 – Obra finalizada.



Fonte: acervo pessoal.

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo e acesse um glossário em vídeo, criado pelos educandos, com sinais de palavras relacionadas ao trabalho de releitura da obra *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh.



Resultados e impactos: reflexões e aprendizados

A participação no 3º Campeonato #CasaLibras teve impactos positivos significativos para alunos e docentes. Para os educandos, a atividade incentivou a expressão criativa por meio da arte e da língua de sinais (Libras), ao mesmo tempo que fortaleceu sua identidade surda e promoveu o protagonismo na arte. A releitura da obra inspirada em Van Gogh permitiu que os alunos se conectassem com a cultura do pintor e com a arte mundial, ampliando seu letramento visual e promovendo habilidades sociais e colaborativas.

Para os docentes, a experiência foi uma oportunidade de aprofundar práticas pedagógicas inclusivas, utilizando recursos audiovisuais e multimídia para tornar o aprendizado acessível e dinâmico. A participação no Campeonato também fortaleceu as práticas de inclusão e a valorização da cultura surda.

A experiência contribuiu para o desenvolvimento textual e cultural dos alunos surdos, melhorando sua fluência em Libras e permitindo que se reconhecessem em suas produções artísticas e linguísticas. Os objetivos de valorizar a cultura surda, estimular o protagonismo e proporcionar uma experiência sensorial e visual foram amplamente atingidos, com aprendizado interdisciplinar envolvendo arte, literatura e cultura surda.

A colaboração no trabalho em equipe e a adaptação das atividades para garantir a inclusão de todos foram aprendizados importantes. Para futuras edições, sugerem-se o uso de tecnologias

interativas, como realidade aumentada, e a criação de espaços para reflexão e debate, aprofundando o desenvolvimento da identidade cultural e artística dos alunos.

A atividade fortaleceu a cultura surda ao integrar Libras como forma de expressão artística e cultural, destacando sua importância como língua legítima e essencial para o desenvolvimento dos surdos.

Considerações finais

A experiência relatada trouxe à tona a importância da integração de práticas educacionais que respeitem e valorizem a diversidade linguística e cultural, com um foco especial na educação bilíngue, na língua brasileira de sinais (Libras) para surdos e na Educação Infantil. A principal contribuição foi evidenciar como essas práticas são fundamentais para criar um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor para todos os alunos, independentemente de sua condição linguística ou de comunicação.

A educação bilíngue, que inclui o ensino de Libras como primeira língua para alunos surdos e de português como segunda língua, proporciona um espaço de aprendizagem mais acessível e igualitário. Ao considerar a diversidade linguística e cultural, a escola não apenas respeita as identidades dos alunos surdos, mas também promove o entendimento e a troca cultural entre os diferentes grupos.

Além disso, a Educação Infantil, quando aliada a práticas inclusivas como o ensino de Libras, contribui para o desenvolvimento de crianças surdas e ouvintes em um ambiente que valoriza a comunicação em diversas formas. A Libras, como língua oficial e expressão cultural, torna-se crucial na formação de uma sociedade mais justa, na qual todas as crianças, independentemente de sua condição auditiva, possam se sentir parte do processo educativo e social.

Em suma, ao valorizar e integrar práticas bilíngues e culturais, estamos promovendo uma educação mais inclusiva, que não só enriquece a experiência escolar, mas também prepara as novas gerações para uma convivência mais respeitosa e colaborativa em um mundo cada vez mais plural e interconectado.

Referências

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAGNI, P.; MARTINS, V. R. O. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 32, e88, 2019.

PELUSO, L. Os Surdos, suas línguas e sua textualidade diferida. *Tradução em Revista*, n. 36, p. 203-223, 2024. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/66943/66943.PDF>. Acesso em: 29 abr. 2025.

Libras e Arte: o olhar poético no Sensível dos sentidos

Laura Luiza Almeida da Silva Costa

Marcia Alves de Souza

(Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos
Charles Michel de L'Épée)

Introdução

*Hoje me tornei uma exploradora do mundo...
A sensação é magnífica.
Eu achei que era uma daquelas pessoas atentas,
Que observam tudo, que percebe os detalhes...
Não era assim.
Hoje, nos primeiros dez minutos do mesmo caminho,
Eu percebi...
(Guerra, 2022, p. 29).*

Iniciamos nosso capítulo com o trecho do poema “Hoje me tornei uma exploradora do mundo”, de Monica Guerra (2022), pois ele transmite um pouco da emoção e da poética vivenciadas ao longo do projeto sobre o qual iremos tratar aqui, que ampliou significativamente nosso olhar para as diversas vertentes e singularidades da comunidade surda. Registramos como “Diário de Vivência” todas as experiências e emoções ao longo desse lindo e desafiador percurso, ao participar do 3º Campeonato Artístico-Literário desenvolvido pelo #CasaLibras – UFSCar, com o apoio do MEC/Secadi.

A Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (Emebs) Charles Michel de L'Épée é uma escola bilíngue que oferece a língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua e a língua portuguesa como segunda, para estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. A instituição foi inaugurada em setembro de 2022, tornando-se o primeiro centro de referência de inclusão de pessoas surdas do Alto Tietê. A escola está localizada no município de Itaquaquecetuba, no estado de São Paulo, e atualmente atende 26 estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e 8 da Educação Infantil, incluindo aqueles que, além da surdez, apresentam deficiências múltiplas, como a surdocegueira.

O fio condutor do Campeonato foi a obra *Campo de Girassóis*, produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes do #CasaLibras, e inspirada no artista Van Gogh. A proposta entrelaçava a imagem a linhas maleáveis que se interpenetram, explorando o diálogo com os diferentes tipos de manifestações artísticas literárias e elementos da comunidade surda. O #CasaLibras produziu um material riquíssimo, com múltiplas linguagens como ferramenta, repertoriando e subsidiando o desenvolvimento do trabalho, de forma a enriquecer a experiência pedagógica dos estudantes surdos.

Dentre os materiais produzidos, destaca-se um vídeo em que o poeta surdo Cacau Mourão apresenta a vida e obra do artista Van Gogh e, em seguida, declama sua produção poética inspirada

no pintor (O Campo [...], 2024), convidando todos a adentrar a pintura de forma plural, usando múltiplas linguagens. Outro material disponibilizado foi o livro biográfico sobre o artista, *Quem sou eu? Van Gogh*, escrito por Aline Pinto, com uma linguagem leve e divertida, e a tradução em Libras e narração em português realizada por Ityara Aguiar Girke. Outra sugestão para ampliação de repertório foi a apresentação da construção visual da artista surda Nancy Bourke, em sua releitura da obra *Vaso com 12 Girassóis*, de Van Gogh, evidenciando a leitura de imagem por pareamento visual e salientando a importância da impressão das marcas da comunidade surda.

A partir dessa perspectiva, os estudantes foram convidados a articular, além dos muros da escola, todas as vivências que tiveram até esse momento. Foi realizada uma visita à Escola Municipal Ambiental “Nelson Barreto da Silva”, localizada no Parque Ecológico Mário do Canto, com o objetivo de envolver os estudantes de forma ativa na observação da natureza, buscando conexões entre elementos de seu entorno e o que foi apresentado, com vistas a ampliar a percepção das crianças sobre o universo ao seu redor e desafiá-las a refletir criticamente. Esse processo envolve a imersão na interpretação singular de cada sujeito, além de aguçar a imaginação de maneira criativa, a partir de sua própria bagagem de experiências e percepções, elementos essenciais para o processo criativo.

Além de proporcionar uma experiência sensível de apreciação e contato com a natureza, a visita ao Parque Ecológico também teve como objetivo a coleta de materiais para uma ação investigativa. A intenção foi ampliar a relação das crianças com o ambiente ao redor, promovendo uma escuta atenta da natureza e estimulando o olhar investigativo. Os materiais coletados foram ressignificados pelas crianças e transformados em materialidades, ou seja, em elementos ativos do processo criativo. Inspirados pela estética própria da natureza, os estudantes experimentaram, criaram e recriaram a partir das propriedades desses materiais – textura, cor, forma, temperatura e dimensão –, estabelecendo relações entre o fazer artístico, a experimentação e a produção. Nesse contexto, o produto final surge não como um fim em si mesmo, mas como reflexo das vivências processuais, em que a materialidade, entendida como potência expressiva da matéria, desempenha um papel fundamental no despertar da criatividade e na construção de novos sentidos.

Por meio da arte, foi possível estabelecer uma conexão entre a percepção e o imaginário, ferramentas fundamentais para a construção de novos olhares, permitindo aos estudantes reescreverem e recriarem sua própria visão de mundo. Isso possibilitou experiências múltiplas, a partir da combinação das linguagens visual, corpórea e literária, buscando uma apreciação completa e elevando o sentir para além dos sentidos necessários para a compreensão do mundo.

Em síntese, o projeto constituiu-se como uma vivência pedagógica rica e inclusiva, na qual todos da equipe escolar, bem como os estudantes surdos e com deficiências múltiplas puderam explorar e se expressar livremente, sendo estimulados a desenvolver uma visão crítica e criativa do mundo. A arte, a literatura e a língua de sinais se entrelaçaram para formar um ambiente de aprendizagem sensível, em que cada estudante teve a oportunidade de se expressar de maneira autêntica, com base na construção de sentidos próprios e na valorização de suas experiências e percepções únicas.

Fundamentação teórica

O desenvolvimento das ações no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras fundamentou-se nas seis dimensões do conhecimento – Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão – da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística.

A referência a essas dimensões busca facilitar o processo de ensino e aprendizagem em Arte, integrando os conhecimentos do componente curricular. Uma vez que os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva (Brasil, 2018, p. 195).

Considerando as dimensões do conhecimento, durante o projeto, estabeleceu-se um caminho de aprendizagem não linear, de fluxo livre, descentralizado e múltiplo. Entendemos o processo criativo dos estudantes como uma rede, no qual eles têm a liberdade de explorar diferentes possibilidades e abordagens, sem a rigidez de um modelo preestabelecido.

Exploramos as ações investigativas, o deleite do prazer, a sensibilização do sentir, o estranhamento das ações, deixando-nos estesiariar na experiência sensível em relação ao espaço e ao ambiente. Criamos espaço para diálogos, a fim de perceber os vários significados que a proposta carregou nos diferentes “eus”, pois a Arte interfere na relação do sujeito com o mundo e no modo como ele percebe o mundo.

Ainda dentro dessa linha maleável, que se interpenetra, levamos em consideração a ideia de Viola Spolin, em seu livro *Improvisação para o Teatro* (2005, p. 3), de que “Talento é a arte de experimentar”. Ela argumenta que o talento não é algo inato, mas uma habilidade que pode ser desenvolvida por meio da prática e do processo de exploração e experimentação como uma forma de descobrir novas possibilidades. Ela define talento como “a capacidade de se entregar à experiência, de arriscar e aprender a partir disso” (Spolin, 2005, p. 336).

Ainda, segundo Vásquez (1978 *apud* Nunes; Okita, 2019, p. 107),

há o conhecimento que a arte pode nos proporcionar acerca do ser humano. Este conhecimento não é de imitação ou reprodução do concreto real. A arte vai do

concreto real ao concreto artístico e estético, e esse novo entendimento de cada aluno no concreto artístico expresso é fruto de um processo de criação, portanto, a serviço do humano – de si e do outro, na diversidade e inclusão social da arte e para além dela.

Assim, ao articular as seis dimensões do conhecimento, como proposto na BNCC, com as práticas pedagógicas bilíngues, os estudantes foram incentivados de maneira criativa a explorar expressões do letramento visual, em um ambiente de experimentação e criação de forma inclusiva, com a construção de significados pessoais e coletivos, visando uma aprendizagem integrada, com base na relação entre as diferentes áreas do conhecimento, e ampliando o contexto educativo bilíngue.

Metodologia

Aqui apresentaremos a sequência metodológica do nosso caminhar de vivências, mostrando o processo pedagógico, que teve como objetivo explorar as dimensões sensoriais e criativas dos estudantes, ampliando o repertório nas diversas linguagens artísticas por meio da representatividade de artistas surdos, valorizando momentos de reflexões, trocas de experiências e o contato com a natureza, propondo o processo de criação com diversos materiais e elementos naturais. O estímulo ao desenvolvimento do processo criativo individual promoveu um ambiente de aprendizagem inclusivo e colaborativo.

Quadro 5 – Percurso trilhado.

<p>Objetivos do projeto “Libras e Arte: o olhar poético no Sensível dos sentidoS”</p>	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer e compreender algumas obras de Van Gogh em diversas linguagens e seus espaços dialógicos;- Compreender a arte no seu contexto social e histórico, reconhecendo as influências e implicações socioculturais na produção artística;- Estimular os estudantes a perceberem o seu processo individual de criação, promovendo a reflexão sobre as escolhas e materialidades no desenvolvimento coletivo da obra;- Repertoriar o letramento visual, valorizando as experiências dos estudantes e incentivando o reconhecimento de suas próprias vivências na cultura surda.
<p>Ações da vivência</p>	<ul style="list-style-type: none">- Apresentação da proposta do 3º Campeonato #CasaLibras à equipe escolar;- Trabalho de sensibilização da equipe escolar em relação à relevância do tema e de nossa participação;- Apresentação da história de vida dos artistas, fazendo a leitura da obra com linguagens diversificadas aos estudantes;- Apresentação das diferentes formas de manifestações artísticas, salientando a representatividade da cultura surda, a fim de repertoriar os estudantes;- Promoção de espaços de troca e diálogos para perceber os vários signos e significados construídos, de forma individual e em grupo;- Viabilização do contato com a natureza e a coleta de possíveis materiais e materialidades;

	<ul style="list-style-type: none">- Estímulo à fruição e ao processo de poética individual, percebendo as diversidades de possibilidades criativas;- Organização do trabalho de criação e construção poética coletiva, respeitando a individualidade e especificidade de cada estudante, de modo a fortalecer o trabalho coletivo;- Momentos de escuta sobre os sentimentos e as emoções vivenciados ao longo do projeto pelos estudantes.
Recursos utilizados	<ul style="list-style-type: none">- Materiais audiovisuais e de projeção;- Materiais diversos de registros;- Práticas colaborativas entre a equipe escolar e intersetoriais como:<ul style="list-style-type: none">• Escola Municipal Ambiental “Nelson Barreto da Silva”, que acolheu os estudantes no Parque Ecológico Mário do Canto;• atuação da equipe do Departamento de Comunicação nos registros e produções audiovisuais;• atuação da equipe de Transporte Escolar, que possibilitou a locomoção dos estudantes.

Fonte: elaboração própria.

No link a seguir, disponibilizamos um vídeo que mergulha mais fundo no “Diário de Vivências”, com narração em português e traduzido em Libras: https://drive.google.com/drive/folders/1oakcEjoN4h9MvO8vOneZ__V7_89EeEg5.

Algumas fotos da aula externa de fruição com os estudantes da escola bilíngue no Parque Mário do Canto e EMA “Nelson Barreto da Silva” estão disponíveis na página da Secretaria Municipal de Educação de Itaquaquecetuba no Instagram: <https://www.instagram.com/p/DBwaeldyJ2n/?igsh=MTN4azdhaW0xcmxpYw==>.

Já o vídeo seguir narra os vários passos dessa jornada, com depoimentos em Libras feitos por nossos estudantes: <https://drive.google.com/file/d/1rsC65sMvb3w98ycR4zln3bQrXzkVbhQQ/view?usp=drivesdk>. Os vídeos são “pontes”, interpretados em Libras, e revelam as imagens e recorte de emoções vivenciadas no decorrer do percurso, permitindo que todos sintam a essência do caminho trilhado e a conquista que marcaram nossa experiência na participação do 3º Campeonato Artístico-Literário, promovido pelo #CasaLibras.

Relato da experiência: resultados e impactos

Ao longo do percurso trilhado, observamos impactos significativos no processo de aprendizagem dos estudantes, com avanços nos aspectos artísticos, sensorial, cognitivo, comunicativo e socioemocional. Destacou-se a ampliação da percepção estética, estimulada pelo contato com a natureza e observação ativa do ambiente, o que favoreceu conexões simbólicas com a obra de Van Gogh.

Houve o fortalecimento do letramento visual e da linguagem artística, por meio da experimentação com materiais naturais, promovendo a expressividade individual e o protagonismo criativo. A Libras foi valorizada como língua de instrução e expressão estética, garantindo maior autonomia e participação dos estudantes no processo de criação.

Do ponto de vista socioemocional, o percurso contribuiu para o desenvolvimento da autoestima, do senso de pertencimento, reforçando a identidade do sujeito. A integração entre arte, natureza e práticas bilíngues aproximou os estudantes a uma experiência sensível e crítica, reafirmando o papel da arte como mediadora na construção de sentidos e na relação dos estudantes com o mundo.

Cada olhar, ao longo de nossa caminhada, ecoa de diferentes modos no “afetar-se”, no qual o silêncio das vivências se transforma em palavras e gestos. No “Diário de Vivências”, cada memória, cada passo dado se entrelaça como uma história compartilhada, marcada por diferentes emoções e descobertas.

Como convite de reflexão de olhar único e colaborativo, ficarão registrados os vários “sentir” aprendidos e vividos ao longo da caminhada desse lindo projeto vivenciado pela Emeps Charles Michel de L'Épée.

Depoimentos

“Sou mãe do Otávio, estudante surdocego, e fico emocionada com todo o movimento que estou acompanhando ao longo do projeto.

Como contribuição, escrevi um poema:

Os girassóis de Van Gogh

A vida faz lembrar
O botão que desabrocha,
É a vida iniciar,
O botão maduro é o auge
Que estamos a passar,
E o girassol murcho,
A vida a finalizar.

O surdo, por sua vez,
Tem uma outra visão,
Ao desabrochar para a vida,
Sem comunicação,
Se sentem o girassol murcho
Em um mundo sem inclusão.

Na sua maturidade,
Ele tenta se encontrar,
Enfrentando as barreiras,
Tenta assim desabrochar
E se depara com o mundo
Que não sabe se comunicar.

É preciso quebrar o paradigma,
Que mudança vai acontecer,
O futuro precisa ser agora,
Precisamos florescer,
Que esse girassol murcho
Possa um novo sentido ter”

(Suédna Silva Gonçalves).

No link,
https://drive.google.com/drive/folders/1IbbSxI4yhHqAfl3Zi6EFsvffgn-b6j-n?usp=drive_link, disponibilizamos um vídeo da narração do poema em português e traduzido em Libras.

“Releitura não é copiar... mas, sim, sentir!” (Estudante Willian Matheus Rodrigues Martins).

“Um dos momentos mais marcantes foi quando o estudante Nicolas, que tem a síndrome de Charges, com o acompanhamento da auxiliar Jais Nascimento, pintou o céu, em um momento de inspiração, ele nos levou até o parque, mostrou o céu, fazendo uma comparação com o quadro e com o que estava pintando, isso nos ajudou a entender o que ele estava buscando comunicar” (Viviane Bidu – Profa. do Ensino Fundamental).

“As crianças da Educação Infantil assistiram com muita atenção a história de Van Gogh, traduzida em Libras, e logo se apropriaram do sinal do artista. Quando viram a interpretação do poema do professor Cacau, se emocionaram, copiando seus sinais e se maravilhando com o movimento do girassol. Ao término do vídeo, espontaneamente, aplaudiram” (Márcia Alves – Profa. da Educação Infantil).

“Como professora, foi extremamente gratificante ver meus estudantes se expressarem de forma tão significativa. A experiência

foi enriquecedora não apenas para os estudantes, mas também para mim, pois me permitiu ver o mundo através dos seus olhos e entender melhor suas necessidades e potencialidades. Fico muito feliz e orgulhosa de ter feito parte dessa experiência! A premiação foi emocionante, pois sabia que eles haviam dado o seu melhor, colocando seu coração e alma em cada detalhe de suas obras” (Paula Nepomuceno – Profa. do Ensino Fundamental I).

“Participar do projeto #CasaLibras foi muito emocionante, pude perceber que a criança com surdez é capaz de fazer inúmeras coisas com seus próprios pensamentos, suas próprias mãos e com uma criatividade incrível. Agradeço a oportunidade que tivemos de mostrar nossa escola para outras pessoas e o prêmio que ganhamos” (Paulo Freitas de Queiroz – Prof. Especialista de Libras, surdo).

“O estudante Otávio, que é surdocego, possui baixa visão, mas pôde acompanhar os vídeos ao ficar bem próximo à tela. Além disso, pensei na possibilidade de tornar a obra *Campo de Girassóis* mais concreta para ele. Veio a ideia de imprimir a imagem da obra e contornar com cola quente, principalmente o movimento do vento, das nuvens e o contorno das pétalas do girassol” (Márcia Alves – Profa. da Educação Infantil).

“Colocamos como meta a importância da participação de todos, cada um dentro da sua especificidade. Os estudantes que não

recortassem com a tesoura poderiam rasgar papéis, bolear, colar, desenhar, montar, pintar. Todos deixaram a sua contribuição” (Ana Elvira – Coordenadora Pedagógica).

“Ver todos os estudantes da nossa escola envolvidos no projeto foi realmente inspirador e nos enche de esperança para um futuro mais inclusivo e respeitoso. A dedicação de cada estudante, com o esforço dos professores e funcionários, evidencia que juntos podemos fazer a diferença. A participação ativa dos estudantes no projeto reforça o compromisso da escola em promover um ambiente acolhedor para todos. Este prêmio é uma confirmação do que podemos conquistar quando trabalhamos juntos com amor, paixão e comprometimento” (Nivaldo Santana – Diretor da Unidade Escolar).

“Foi uma honra fazer parte desse projeto incrível, colaborando com a comunicação e acompanhando de perto cada passo dessa jornada! Ver a Emebs Charles Michel de L’Épée sendo reconhecida entre tantas inscrições é a prova de que a dedicação e o compromisso com a educação inclusiva realmente fazem a diferença. Um momento emocionante que fortalece ainda mais nosso propósito de dar voz e visibilidade às conquistas dos nossos estudantes surdos” (Rafael José dos Santos – Departamento de Comunicação).

“Foi encantadora a experiência de receber os estudantes para uma vivência de contato com a natureza e imersão artística e sensorial. Enriquecedor para todos, tanto para as crianças, que aproveitaram a aula diferenciada, quanto para nós da Equipe Ema, que aprendemos muito com elas” (Ivonilda da Silva Duarte Ferreira – Diretora da Escola Municipal Ambiental Nelson Barreto da Silva).

“Participar deste momento foi gratificante e emocionante! Estar com as crianças, ver o olhar deles, sentir o que eles sentiam por meio dos gestos, do sorriso, da intensidade com que eles sentiram cada etapa do projeto, nada disso seria possível se nós não tivéssemos trabalhado em equipe” (Dulci Costa – Técnica do Núcleo Pedagógico).

“Estou muito feliz com o resultado do concurso, mas poder participar e vivenciar todo o percurso caminhado por nossos estudantes surdos foi, sem dúvida, a maior das premiações, representando a Arte e a Comunidade Surda” (Laura Luiza Almeida da Silva Costa – Técnica do Núcleo Pedagógico).

“Vivenciar e sentir a natureza e ver o sentir se transpor para a arte foi extremamente emocionante. A possibilidade de estar com as crianças, os profissionais e a comunidade surda traz o sentimento de poder ampliar a ótica para o mundo, despertar os sentidos. Sou

muito grata e feliz pela equipe e participação no projeto!” (Juliana Tarifa de Oliveira – Técnica do Núcleo Pedagógico).

“É com muita alegria que hoje nós somos reconhecidos, em nível nacional, em duas categorias, uma para a Educação Infantil e outra para o Ensino Fundamental, isso para o município de Itaquaquetuba não tem preço. Parabéns a toda a equipe!” (Fernanda Santos – Diretora do Núcleo Pedagógico).

No link, <https://www.instagram.com/reel/DCrxUdjvOaj/?igsh=dDJuNDI6NHBtNGpz>, temos um vídeo de agradecimento publicado pela Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação de Itaquaquetuba. A Semecti também publicou um vídeo da premiação do 3º Campeonato Artístico-Literário da #CasaLibras, no qual conquistamos o 1º lugar na categoria de Educação Infantil e 3º lugar na categoria de Ensino Fundamental I: <https://www.instagram.com/reel/DDQFK7OvC17/?igsh=N3I3ZGhxZXMzZG82>.

Memórias fotográficas

Figura 1 – Nicolas Henrique com a auxiliar Jais Nascimento.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 2 – Otávio sentindo a textura da folha.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 3 – Ação de vivência no Parque Ecológico Mário do Canto.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 4 – Sequência de fotos do estudante Enzo Gabriel Teodoro Luiz Oliveira dos Santos, construindo seu processo de criação.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 5 – Estudantes em vivências olfativas no jardim de temperos e ervas medicinais – EMA Escola Municipal Ambiental “Nelson Barreto da Silva”.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 6 – Estudantes em viveiro de mudas ornamentais – EMA
“Nelson Barreto da Silva”.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 7 – Estudantes fazendo a coleta de materiais no Parque
Ecológico Mário do Canto.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 8 – Estudante Eloah Gomes dos Santos Silva explorando as possibilidades com o material coletado.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 9 – Estudante Moisés Carvalho Gomes explorando desenho de observação.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 10 – Estudantes em momentos de experimentação no
Parque Ecológico Mário do Canto.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 11 – Estudantes experimentando as materialidades na
unidade escolar.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 12 – Registros dos estudantes do Ensino Fundamental e os processos de composição no estudo da obra.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 13 – Registro dos estudantes da Educação Infantil em processo de criação na Unidade Escolar.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 14 – Sequência de fotos dos estudantes trabalhando na elaboração da obra vencedora.



Fonte: acervo Semecti.

Figura 15 – Registro da visita no Parque Ecológico Mário do Canto.



Fonte: acervo Semecti.

Diante dessa trilha poética, finalizamos o “Diário de Vivências” com mais um trecho do poema com o qual iniciamos. Afinal, a Arte tem a magia de traduzir o que sentimos em sentimentos diferentes.

*Agora, ao contrário, observo tudo, ou melhor
Todos os detalhes do mundo, que tinha sempre
Estado debaixo dos meus olhos.
Eu tinha que escrever as minhas emoções em algum
Lugar. Eu não queria que desaparecessem no meio
Do nada, a lembrança dessa minha primeira
Exploração tinha que viver para sempre,
Para que eu não esquecesse mais o fascínio que eu
Experimentei, descobrindo o mundo pela primeira
Vez, novamente.
Mas que sentido há em perceber detalhes
Insignificantes?
Aqueles detalhes não teriam mudado a minha
Vida, a minha ‘eu’ de antes não os teria nem visto,
Mas a nova, ao contrário, percebia e observava os Detalhes.
(Guerra, 2022, p. 29)*

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>. Acesso em: 9 abr. 2025.

GUERRA, M. *As mais pequenas coisas: a exploração como experiência educativa*. São Carlos: Pedro & João editores, 2022.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Telas da artista surda Nancy Rourke: força e intensidade das cores em movimentos de resistência, afirmação e libertação. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 52, p. 329-339, dez. 2019.

NARRATIVAS em Libras – Quem sou eu? Van Gogh. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>. Acesso em: 9 abr. 2025.

NUNES, A. L. R.; OKITA, E. T. Artes visuais, diversidade e inclusão: a poética expressiva de adultos com deficiência visual. *Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 99-124, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13268>. Acesso em: 9 jun. 2025.

O CAMPO de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://youtu.be/cZwZWwEdmCs>. Acesso em: 11 nov. 2024.

PINTO, A. *Quem sou eu?* Van Gogh. Brasília: Edebê, 2019.

SPOLIN, V. *Improvisação para o Teatro*. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. 5a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Vencedores



1º colocado
EMTI Educação Bilingue Francisco Suderland Bastos Mota
Fortaleza/CE



1º colocado
CEMEAR
Centro Municipal de Educação e Artes
Guarulhos/SP



2º colocado
E.P.G Crispiniano Soares
Guarulhos/SP



3º colocado
Escola Bilingue para Surdos Nydia Moreira Garcêz
Paranaçuá/PR



3º colocado
EMEBS Charles Michel de L'Épée
Itaquaquecetuba/SP

Experiência exitosa de produção literária em língua brasileira de sinais com alunos surdos e ouvintes da EMTI Educação Bilíngue Francisco Suderland Bastos Mota

Maria Euzimar Nunes Rodrigues

Tania Vilero da Silva

Marfisa Bernardino Nascimento

(Escola Municipal de Tempo Integral Educação Bilíngue Francisco
Suderland Bastos Mota)

Introdução

*Quando já não sei qual é a direção
E tudo que posso é seguir meu coração
Então me viro e giro para onde gira o sol
Quando já não sei qual é a direção
E tudo que posso é seguir meu coração
É por instinto que eu encontro a luz, sou girassol
(Kell Smith, canção de 2018)*

A escolha da experiência deu-se a partir das orientações do edital do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. Com base nele, as ações foram realizadas de acordo com o que estava proposto para cada etapa. Os alunos aderiram ao projeto com muito entusiasmo, demonstrando seu protagonismo e envolvendo muita criatividade, o que nos mostra que habilidades e talentos estão presentes nos alunos independentemente das suas limitações sensoriais.

Além desses aspectos, destacamos a inclusão entre os alunos surdos e ouvintes observada em cada etapa desse processo,

com a utilização de imagens, fator primordial para a compreensão do aluno com surdez.

Para dar organização a esta discussão, apresentaremos no detalhamento da experiência as etapas do projeto. Primeiramente, relatamos sobre o convite para aderir ao edital do evento. Discutimos sobre a organização e seleção dos alunos para participação, e, na sequência, as ações desenvolvidas. Nessa etapa, a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os intérpretes foram fundamentais para a realização do projeto. Por fim, tratamos sobre o resultado do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras para crianças surdas.

Fundamentação teórica

O desenvolvimento das ações para participar do campeonato foi embasado na teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky, particularmente nos conceitos de *interação social* e *mediação*, que são centrais para a compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Para Vygotsky (1998), o aprendizado ocorre de forma dialógica e é mediado pelas interações sociais e culturais. Essas interações são fundamentais para a internalização de conhecimentos e habilidades, que, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento subjetivo dos indivíduos. No caso de estudantes surdos, a mediação em Libras desempenha um papel crucial, pois

constitui não apenas um meio de comunicação, mas também uma ponte cultural que conecta os estudantes a novos conhecimentos, ao mesmo tempo que valoriza sua língua natural e identidade.

O conceito de *mediação* em Vygotsky (1998) refere-se à ideia de que o aprendizado ocorre por meio de ferramentas simbólicas, como a linguagem, e pela interação com outros indivíduos mais experientes.

No contexto do campeonato, a Libras atuou como uma ferramenta mediadora que não apenas permitiu a expressão artística e literária dos estudantes, mas também facilitou a interação com o grupo e o compartilhamento de ideias, fortalecendo sua participação social.

Por meio das ações pedagógicas planejadas no campeonato, as crianças e adolescentes surdos foram encorajados a explorar seu potencial criativo, dialogando com outros participantes e com as produções culturais apresentadas. Esse processo estimula o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores, como o pensamento crítico, a abstração e a criatividade, além de promover a construção de uma identidade surda positiva e autônoma.

Assim, ao articular a teoria de Vygotsky com práticas pedagógicas bilíngues e culturais, fica evidente a importância de ações que respeitem e ampliem as potencialidades dos estudantes surdos, contribuindo para sua inclusão e para o fortalecimento de suas relações sociais e subjetivas.

Metodologia

Para iniciar a participação no Campeonato, apresentamos aos alunos a relevância do projeto #CasaLibras. As professoras, em conjunto com a direção, leram as regras de participação para os alunos do Ensino Fundamental. Em seguida, foi feita a apresentação da proposta, abordando a escola, sua localização, o grupo responsável pela produção do vídeo (composto de alunos surdos e ouvintes), a descrição biográfica de Van Gogh, bem como os elementos da obra selecionada, *Campo de Girassóis*, produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes do #CasaLibras, e inspirada no artista Van Gogh. Além disso, também foi feita a apresentação da biografia do poeta surdo Cacau Mourão, com uma análise dos aspectos que mais chamaram atenção na poesia criada por ele.

Durante o processo, foram realizadas a preparação dos espaços, com ornamentações, e a confecção de tiaras e bottons como adereços para os alunos. Também foram organizados recursos pedagógicos, como livros sobre Van Gogh, projetores, Chromebooks, tintas guache coloridas, celulares para o uso de aplicativos de edição de vídeos, além de materiais para vivências práticas. É importante destacar as práticas colaborativas com os intérpretes de Libras, que auxiliaram durante todo o processo.

Na sequência, foram realizadas atividades práticas com os alunos surdos e ouvintes, que foram organizados em grupos de

cinco integrantes. Nesses grupos, promoveram-se rodas de conversa, apreciação das obras de arte e sugestões para a confecção de cartazes com releituras dos quadros de Van Gogh e da poesia de Cacau Mourão. Durante o desenvolvimento das práticas empíricas, os alunos expressaram suas opiniões sobre a poesia e sobre as obras de Van Gogh, compartilhando suas interpretações e vivências.

Relato da experiência

A Escola Municipal de Tempo Integral Educação Bilíngue Francisco Suderland Bastos Mota recebeu o convite da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi) do Ministério da Educação (MEC), para participar do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras em Ação, promovido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Inicialmente ficamos receosos, por ser algo novo para nossos alunos e por termos poucas informações sobre o evento. Por esse motivo, a direção da escola reuniu-se com a professora do AEE para ler e entender melhor o edital de adesão ao projeto. Em seguida, a professora do AEE reuniu a professora do 2º ano do Ensino Fundamental, os intérpretes da escola, a articuladora de inclusão e uma cuidadora para selecionar os alunos participantes do projeto.

No primeiro momento, apresentamos aos alunos a relevância do projeto #CasaLibras. Explicamos que ele surgiu no contexto da pandemia da Covid-19, na UFSCar, e que, desde então, suas ações têm crescido, promovendo o desenvolvimento artístico-cultural e motivando as produções literárias em Libras por crianças surdas, além de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes público-alvo da modalidade de ensino bilíngue e da interação professor-aluno.

Para a realização do projeto, convidamos os professores dos alunos do 3º, 4º e 5º anos e dois intérpretes de Libras e elaboramos um cronograma com dias e horários para a realização das etapas sugeridas no edital. Assim, iniciamos com a apresentação sobre a vida do pintor Van Gogh aos alunos. Orientamos as professoras a utilizar a narrativa do livro *Quem sou eu? Van Gogh*, de Aline Pinto, em sua versão em vídeo, com tradução em Libras (<https://www.youtube.com/watch?v=SRPkiDTFdmc&>). Após a apresentação do vídeo, a professora do AEE mostrou aos alunos quadros de Van Gogh, informando-lhes que iriam assistir a um vídeo com uma poesia em Libras inspirada no pintor, de autoria de Cacau Mourão, professor, autor e poeta surdo.

Figura I – Apresentação do vídeo *Narrativas em Libras – Quem sou eu? Van Gogh.*



Fonte: acervo pessoal.

Na sequência, as professoras apresentaram aos alunos detalhes da biografia de Van Gogh e do poeta surdo Cacau Mourão e solicitaram aos alunos a produção de uma releitura artística e coletiva do quadro *Campo de Girassóis* – produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes do #CasaLibras, e inspirada em Van Gogh –, com a inserção de elementos culturais da comunidade surda.

Em outro encontro, os alunos foram organizados em equipes e puderam usar a criatividade, com tintas, pincéis, lápis coloridos em uma folha de cartolina, desenhando girassóis, mãos, entre outros. Para auxiliar o trabalho, as professoras apresentaram a construção visual da artista surda Nancy Rourke, que fez uma releitura da obra *Doze Girassóis numa Jarra*, de Van Gogh. Uma dica

importante é que, para Van Gogh, a cor amarela e os girassóis representam a resistência. Foi necessário outro encontro para os alunos se organizarem para as conclusões dos quadros de suas equipes.

Figura 2 – Representação da releitura do quadro *Campo de Girassóis*.



Fonte: acervo pessoal.

Para a etapa seguinte do projeto, foi realizada uma seleção dos alunos para a produção de um vídeo com descrição sobre os dois autores, Van Gogh e Cacau Mourão. Para o desenvolvimento dos trabalhos, contamos com a participação de uma cuidadora para confeccionar os adereços de cabeça das alunas com o tema girassol, e nesse processo os alunos perceberam a importância de sua participação e apoio na realização do projeto. Para isso, as professoras incentivaram os alunos a refletirem sobre suas vidas,

seus sentimentos e as visões que tinham do mundo. As crianças falaram sobre a importância da amizade, sobre as esperanças que tinham do futuro, de como a natureza é bela e como os girassóis encantam pela cor amarela em direção ao sol.

O resultado dos vencedores do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi divulgado em uma conferência on-line, e nossa escola foi vencedora do 1º lugar na categoria Ensino Fundamental – Anos Iniciais, recebendo o reconhecimento por todo o esforço e empenho dedicados. A comissão julgadora inclusive relatou que foi uma honra reconhecer o grande trabalho que é desenvolvido diariamente com nossos alunos surdos.

Em seguida, recebemos um convite para participar do evento solene de premiação. Um representante da escola participou do evento na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no dia 6 de dezembro de 2024, para apresentar o projeto realizado na escola e receber a premiação.

Considerações finais

Acreditamos que a realização do projeto aqui descrito e a premiação obtida representam um importante incentivo para boas práticas na Educação de Surdos, dentro de uma perspectiva de ensino bilíngue. Entendemos que a educação bilíngue é aquela que tem a língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda.

Sabemos que a educação bilíngue para pessoas surdas só se concretiza por meio de trabalhos coletivos e da valorização de iniciativas como a da #CasaLibras, que promovem práticas educativas em Libras. É fundamental reconhecer a importância de ações que valorizem a diversidade linguística e cultural das pessoas surdas. No entanto, percebemos que ainda são poucos os projetos divulgados ou acessíveis para o público surdo. As experiências realizadas na escola incentivam a participação e o protagonismo dos alunos, além de possibilitarem a inclusão de todos.

O Campeonato Artístico-Literário para Crianças Surdas do #CasaLibras trouxe para as crianças da EMTI Educação Bilíngue Francisco Suderland Bastos Mota a motivação para participar ativamente, seja pela acessibilidade dos recursos, seja pela difusão da cultura e literatura surda. As crianças identificaram-se com o projeto, especialmente com o poeta Cacau Mourão, e expressaram diversas vezes o desejo de participar de futuras edições desse tipo de iniciativa.

Podemos afirmar que o campeonato oferece às escolas bilíngues o reconhecimento e a valorização da cultura e da comunidade surda. Contudo, ainda são poucas as iniciativas voltadas para o público surdo no campo artístico. Acreditamos que ações como essa são de extrema importância para promover a educação bilíngue para surdos.

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducoespecial.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

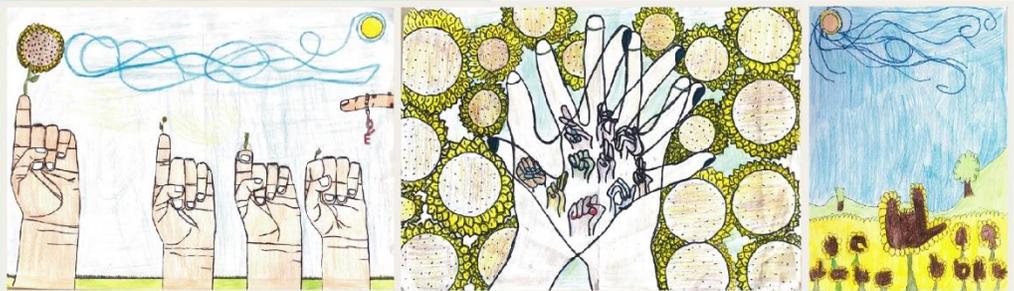
NAIFEH, S.; SMITH, G. W. *Van Gogh: a vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Vencedores



1º colocado
EMEB Profª Dalila Galli | São Carlos/SP



1º colocado
Escola Municipal de Educação Bilingue para Surdos Anne Sullivan | São Paulo/SP



2º colocado
Emef Sebastiao de Aguiar Azevedo
Ribeirão Preto/SP



3º colocado
Escola Estadual Dr Ulysses Guimarães
Boa Vista/RO

A arte de Van Gogh na educação bilíngue de surdos: a releitura sob a perspectiva de alunos surdos do Ensino Fundamental II

Lourdes Fátima Basilio

Diego da Silva Vaz

(Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan)

Introdução

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser (Terje Basilier, psiquiatra surdo norueguês).

A interdisciplinaridade presente na alfabetização e no letramento de alunos surdos é um processo fundamental para a efetivação da educação bilíngue. Seguindo essa perspectiva, este capítulo apresenta o desenvolvimento de um sequenciamento didático interdisciplinar realizado com alunos surdos matriculados na Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (Emebs)

Anne Sullivan. O sequenciamento didático ocorreu nos espaços da instituição de ensino, sendo todo produzido e orientado em Libras e aplicado por professores e instrutora surda; assim, os alunos puderam se expressar de forma livre e tirar dúvidas na sua primeira língua.

Para o desenvolvimento e embasamento do sequenciamento didático, foram utilizados como ponto de partida os conceitos de *interação social* e *mediação*, de Vygotsky (1998), que são centrais para sua compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Com base nesse referencial, o projeto elaborou e divulgou todo o material teórico e visual, que na sequência didática propunha aos alunos releituras da obra *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh e produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari (integrantes do #CasaLibras), tendo como ponto de partida a releitura poética de Cacau Mourão sobre a temática. Este autor é uma pessoa surda que, por meio da sua didática artística, instiga outros surdos a expressarem sua arte, sua cultura e identidade surda.

O sequenciamento didático foi organizado com base no acervo digital do projeto, como o livro sobre a vida de Van Gogh (Pinto, 2019), que foi traduzido para a língua de sinais por Ityara Girke (Narrativas [...], 2024). Observou-se que, a partir do sequenciamento didático, o letramento visual possibilitou aos alunos um desenvolvimento emocional e cognitivo por meio da criação e produção de novas narrativas visuais, tendo como base a concepção bilíngue para o ensino e o acesso didático aos materiais

disponibilizados pelo projeto #CasaLibras, que estimularam os alunos surdos a se expressarem por meio de releitura de obras e gravação de narrativas, nas quais puderam explicar os significados das releituras e sua relação com a cultura e identidade da comunidade surda.

Ficou evidente, na experiência que aqui relatamos, que práticas artísticas como essa promovem o pleno desenvolvimento dos alunos surdos, valorizando a identidade surda, respeitando a arte e cultura surda, como um movimento de resistência, afirmação e libertação (Ines, 2019b). Essa é uma abordagem relevante, pois respeita o ser surdo em toda a sua complexidade.

Fundamentação teórica

A comunidade surda fomenta sua identidade e cultura por meio de experiências visuais, práticas sociais e culturais, sendo a língua de sinais um canal de comunicação efetivo, que contribui para o desenvolvimento do letramento visual dos surdos. Segundo Lebedeff *et al.* (2017), as experiências visuais da comunidade surda relacionam-se com a aquisição de letramento visual, que possibilita ao sujeito empoderamento e apropriação de habilidades visuais ao se deparar com a leitura de imagens, reconhecendo os significados presentes e decifrando os códigos. Para Dondis (2007), essas experiências contribuem para o desenvolvimento do alfabetismo visual:

O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a

certo nível de versatilidade. A realização disso exige que se ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano, além das capacidades intuitivas em nós programadas para a tomada de decisões visuais em uma base mais ou menos comum, e das preferências pessoais e dos gostos individuais (Dondis, 2007, p. 227).

O alfabetismo visual inserido nas atividades curriculares de ensino possibilita aos alunos um conhecimento crítico e analítico da linguagem visual apresentada por uma obra de arte. Assim, a leitura de imagens nas escolas de educação bilíngue para surdos pode estimular a expressão artística e literária dos alunos.

Nessa ótica, práticas pedagógicas que propiciem experiências visuais e que destaquem a importância do uso de recursos visuais no espaço escolar, tendo como base os Currículos da Cidade – de língua portuguesa para surdos e de língua brasileira de sinais – são um salto qualitativo na aprendizagem e no desenvolvimento educacional para os alunos surdos matriculados em instituições de educação bilíngue.

De acordo com o Currículo da Cidade (São Paulo, 2019b, p. 42), o currículo de língua portuguesa para surdos “oferece aos estudantes um maior tempo de aprendizagem no âmbito de cada ciclo, em período longitudinal de observação e acompanhamento, levando em conta seu desenvolvimento intelectual e afetivo e as suas características de natureza sociocultural”. O Currículo da Cidade de língua brasileira de sinais tem como base o bilinguismo, em que os estudantes surdos aprendem a língua de sinais como

primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua. Nesse sentido, o status linguístico da língua oral e da língua de sinais deve ter o mesmo o valor. As duas línguas são usadas no processo educacional, e a língua de instrução é a Libras. Dessa forma, tendo competência em ambas as línguas, as crianças e jovens surdos terão um impacto importante no seu desenvolvimento, garantindo, assim, sucesso educacional e social no futuro.

Ambos os Currículos foram organizados de acordo com as decisões tomadas a partir de políticas linguísticas que consideram a cultura surda, a língua de sinais e a educação bilíngue fatores efetivos no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos.

Com base no conceito de letramento visual apresentado por Dondis (2007), na busca por práticas educacionais que atendam aos currículos de ensino e na concepção bilíngue de ensino e aprendizagem de alunos surdos, foi elaborado o *Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue*, que ressalta a importância da educação bilíngue na efetivação de boas práticas de letramento visual:

A Educação Bilíngue Libras – português é entendida como a escolarização que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surda (Brasil, 2014, p. 6).

Seguindo a proposta curricular de educação bilíngue para surdos, apresentada pela Prefeitura de São Paulo, e a proposta do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a equipe escolar desenvolveu uma atividade pedagógica que incentivou os alunos surdos a descobrirem e explorarem seu potencial artístico por meio da criatividade e percepção visual.

Essa ação pedagógica, que envolve os criadores do projeto #CasaLibras, escolas de educação bilíngue para surdos, docentes, instrutores de Libras e discentes, possibilitou uma troca de experiências cultural e artística muito ricas na comunidade surda e estimulou o protagonismo dos discentes envolvidos por meio do pensamento criativo e analítico. As ações pedagógicas do projeto auxiliaram os alunos a construírem uma identidade surda forte, positiva e autônoma.

Metodologia

Este texto é um relato de experiência e segue uma abordagem descritiva-qualitativa, que possibilita o detalhamento das atividades realizadas pelos alunos sob a orientação dos docentes.

O Currículo da Cidade de língua portuguesa para surdos e o de língua brasileira de sinais foram documentos referenciais para o desenvolvimento das atividades. Nesse sentido, a proposta apresentada pelo #CasaLibras – UFSCar, por ocasião do 3º

Campeonato Artístico-Literário, que objetivava instigar a produção de releituras de Van Gogh, se alinha com os objetivos de aprendizagem propostos pelos Currículos (São Paulo, 2019a, 2019b). Esses documentos apresentam propostas didáticas que estimulam o desenvolvimento de habilidades e competências educacionais para que os alunos compreendam melhor a realidade na qual estão inseridos.

Ficamos conhecendo o Campeonato por meio de um professor surdo do Pará, que já conhecia os campeonatos anteriores do #CasaLibras. Esse docente sugeriu que os professores da Emebs Anne Sullivan participassem do 3º Campeonato, e assim aconteceu, embora o campeonato já estivesse em andamento. Assim, os profissionais da escola só começaram a sequência no mês de outubro de 2024.

Após a leitura do documento norteador para a participação do Campeonato, leitura das obras e conhecimento do site do #CasaLibras – UFSCar, a equipe pedagógica aceitou o desafio e, no primeiro passo para o desenvolvimento do sequenciamento didático, assistiu a alguns vídeos dos campeonatos anteriores para entender melhor como estes funcionavam, para que os estudantes pudessem participar.

Inicialmente, foi feito um levantamento de materiais relacionados à identidade e à cultura surdas, de pinturas de artistas surdos e modelos de releituras de obras de Van Gogh, que fez uma

série de quadros os quais demonstram seu fascínio por girassóis, pela luz e pelas cores vibrantes.

Com base nisso, a equipe pedagógica desenvolveu o sequenciamento didático em quatro momentos, que abordaram a biografia do artista, o conceito de Arte Surda, o Impressionismo e releituras de obras de artes relevantes para a sociedade. Entendendo a dinâmica da escola bilíngue e as adversidades presentes em sala de aula, o desenvolvimento da atividade passou por adaptações didáticas para atender o nível de aprendizagem e produção dos alunos.

Além disso, foi apresentado o trabalho da artista surda Nancy Rourke e discutido o conceito de arte de resistência, no sentido de que esta denuncia a opressão de fazer parte de um grupo minoritário e viver num universo ouvinte. Rourke usa palavras, imagens e cores para expressar esse desassossego. Os alunos foram levados a refletir sobre o tema da Arte Surda como afirmação de sua identidade, de libertação de seus valores e de como os surdos enxergam o mundo.

Neste texto, entende-se Arte Surda como as produções que têm como essência a expressão de mundos e identidades surdas, independentemente de tais obras serem produzidas por pessoas surdas ou ouvintes. Ou seja, a definição é dada a partir dos elementos que compõem a obra, e não pela condição física/sensorial de seu autor. Segundo Barbosa (2002, p. 18), “através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação,

aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada”.

No total foram 22 alunos surdos envolvidos na produção da releitura, sendo divididos em quatro turmas: 7º ano A, 7º ano B, 7º ano C e 8º ano A. Nessas turmas, os alunos possuem domínios linguísticos diversificados, visto que há alunos surdos fluentes em Libras, alunos surdos em processo de aquisição de língua de sinais e alunos que possuem deficiências múltiplas. Entretanto, as diversidades linguística e cognitiva presentes nas salas de aulas não foram uma barreira comunicacional para o sequenciamento didático.

Relato da experiência

Inicialmente foram apresentados, na ordem, os vídeos organizados pelo #CasaLibras para o 3º Campeonato: a releitura poética feita pelo poeta surdo Cacau Mourão (O Campo [...], 2024) e a leitura do livro sobre a vida de Van Gogh, da autora Aline Pinto (2019), traduzida em Libras por Ityara Girke (Narrativas [...], 2024).

Na Emebs Anne Sullivan, o ensino se dá por meio do letramento visual, ou seja, fomentando a capacidade de interpretar e compreender informações apresentadas em imagens, gráficos, vídeos, infográficos e outros elementos visuais, não só por possibilitar a participação de todos, principalmente dos surdos, mas

também por ser estar muito presente atualmente nas mídias digitais e na internet de modo geral.

Dessa forma, os alunos assistiram a trechos do vídeo da professora Elessandra Mara (Como fazer [...], 2021) em que ela conceitua “releitura de obras de arte”. Durante a produção do material para o campeonato houve a necessidade de elaborar atividades que estimulassem o desenvolvimento do vocabulário dos alunos de forma muito intensa.

No segundo momento o docente iniciou uma roda de conversa guiada sobre o que os discentes tinham compreendido sobre a história de vida do pintor, dividindo-os em dois grupos: o primeiro grupo iniciou a conversa explicando que o artista não nasceu famoso, enfrentou muitas dificuldades na sua vida pessoal e artística e que não foi compreendido em vida. Já o segundo grupo de alunos destacou que o artista se esforçou para aprender a arte impressionista. A forte relação com o irmão Theo, a saída da sua cidade natal para estudar em Paris e o período que passou no asilo também foram enfatizados. Os alunos finalizaram relatando o intenso esforço de produção no final da vida do artista. Ao finalizar a roda de discussão dirigida sobre todos os aspectos da vida de Van Gogh, todos os alunos ficaram impressionados, visto que o artista possuía questões particulares, como exclusão social, dificuldade de interagir em outros ambientes, fatos estes que muitos alunos enfrentam no dia a dia.

No terceiro momento os alunos tiveram contato com o Impressionismo e com a noção de releitura. Foram apresentadas várias obras impressionistas de Van Gogh, e no final da sequência os alunos refletiram sobre a obra *Campo de Girassóis*, uma releitura produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari, integrantes da equipe do #CasaLibras.

No quarto momento, o docente apresentou aos alunos, por meio de imagens, livros, slides e vídeos, o conceito de releitura de obras de artes e a importância da Arte Surda para sua comunidade, explicando que releitura não é cópia, mas uma reinterpretação de algo. O fazer artístico deve ser focado na apreciação de obras de arte, na contextualização e no fazer artístico. Foram apresentadas algumas releituras de obras, como *O Grito*, de Edvard Munch, *Os Operários*, de Tarsila do Amaral, *A Noite Estrelada*, de Van Gogh, *Monalisa*, de Leonardo Da Vinci (Mara, 2021), além das releituras feitas por Nancy Rourke da *Monalisa* e de pinturas de Frida Khalo (Ines, 2019a).

A partir dessa apresentação, houve uma roda de conversa sobre o tema abordado, e em seguida os alunos começaram a produzir rascunhos sobre suas interpretações, o que se tornou uma tarefa árdua em sala de aula, pois os alunos precisavam inserir e relacionar os elementos de arte e cultura surda nas produções.

Os alunos finalistas que realizaram a releitura da obra *Campo de Girassóis* são João Vitor da Silva, Ana Vitória Gonçalves do Santos e Lyvia Eduarda Oliveira Pacifico. Eles possuem níveis

diferentes de compreensão linguística em Libras, são filhos surdos de pais ouvintes, como a maioria dos alunos da escola. Entretanto, João Vitor e Ana Vitória possuem boa compreensão linguística, pois frequentam a Emebs Anne Sullivan desde o Ensino Fundamental I. Já a estudante Lyvia estudou em escola inclusiva até 2023, tendo pouco domínio da língua de sinais. Seus familiares também não conhecem a língua de sinais.

Figura I – Germinar.

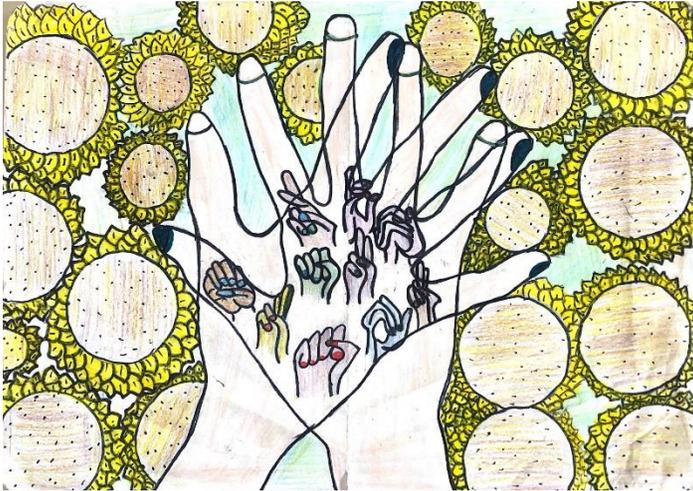


Fonte: acervo pessoal.

A primeira releitura foi realizada pelo aluno João Vitor da Silva. Ela apresenta o desabrochar do girassol, juntamente do desenho do sinal que, na Libras, indica o germinar, nas mãos que sinalizam o mundo. Na imagem há a inserção da palavra “LOVE”, uma referência ao amor que a Libras representa na vida desse estudante. Há uma mescla de elementos da arte surda, como as

mãos, o dedo com o ornamento em que se lê “LOVE”, e elementos da obra de Van Gogh, presentes no girassol que floresce, na campina, no céu com raios azuis.

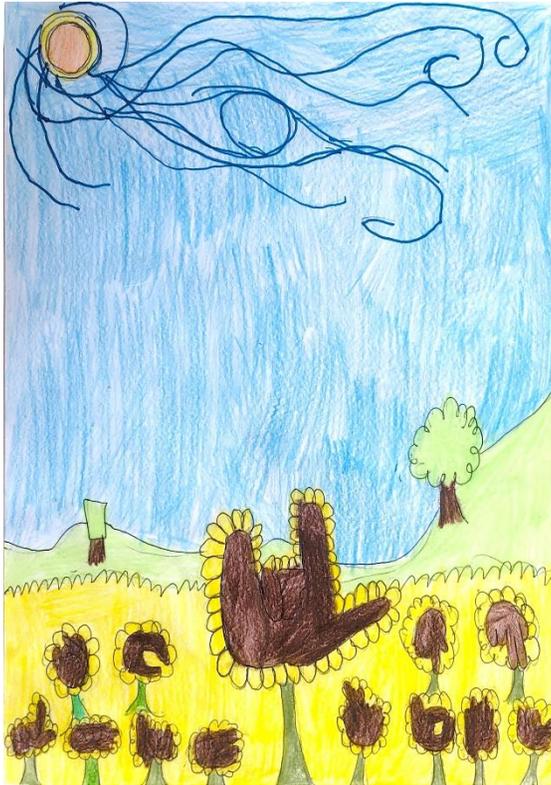
Figura 2 – Mãos e flores.



Fonte: acervo pessoal.

A obra da estudante Ana Vitória Gonçalves do Santos apresenta um campo de girassóis visto de cima. No centro dessa imagem aparecem duas mãos sobrepostas, e no centro destas a aluna reproduziu pequenas mãos fazendo o sinal de algumas letras, representando a datilologia. Ela afirmou que, por ser surda, inseriu as mãos no desenho, pois isso faz parte da sua identidade.

Figura 3 – Love.



Fonte: acervo pessoal.

Os estudantes João Vitor e Ana Vitória são alunos do 8º ano. A estudante Lyvia Eduarda Oliveira Pacifico é uma aluna do 7º ano que estudou em escola inclusiva sem acesso à língua de sinais. Ela chegou à escola bilíngue para surdos no meio do ano de 2024. Na época, ela, embora muito esforçada, tinha muita dificuldade na comunicação, pela falta da língua de sinais. Ela teve um desenvolvimento muito grande em pouco tempo. Ficava muito alegre quando se fazia entender e registrava muitos pensamentos

de forma visual. Ela adora desenhar. Teve muita facilidade ao produzir a ilustração, pois ela usa o desenho como forma de comunicação.

Na ilustração, percebe-se a referência às telas de Van Gogh nos traços do céu, no registro dos girassóis, mas estes são uma mescla de flores com pétalas amarelas e mãos. No primeiro plano, aparece o sinal “LOVE”, termo em inglês muito usado pelos surdos no Brasil para sinalizar “Amo você”, e no segundo plano há florezinhas representando a datilologia, com letras aleatórias.

Além das ilustrações, foi solicitada a produção de um vídeo coletivo. No vídeo gravado pelos estudantes da Emebs Anne Sullivan, estes se concentraram em sinalizar o que tinham compreendido da vida de Van Gogh, a partir da visualização do livro biográfico escrito por Pinto (2019), com tradução em Libras por Girke (Narrativas [...], 2024), do vídeo do poeta Cacau Mourão (O Campo [...], 2024) e de pesquisa na internet feita coletivamente pelos alunos sobre a vida do artista Van Gogh. Além disso, no vídeo, os alunos mostraram suas reflexões sobre a releitura poética do poeta surdo Cacau Mourão e sinalizaram sobre sua biografia.

Os alunos participantes possuem, na sua maioria, fluência em Libras, com diferenças na proficiência. No caso desse grupo, todos são filhos surdos de pais ouvintes e usam a Libras quase exclusivamente na escola. As famílias, em geral, possuem pouca ou nenhuma fluência em Libras, embora haja oferta de curso de Libras pela escola, de forma presencial e on-line, há muitos anos. As

famílias, em geral, residem longe da escola. Além disso, embora haja um estímulo para que os familiares se comuniquem com os filhos em língua de sinais, essas famílias muitas vezes não entendem a importância da comunicação com os filhos em língua de sinais e também acreditam que é função exclusivamente da escola ensinar essa língua.

Reflexões e aprendizados

A equipe docente participou do campeonato apenas com a intenção de que os alunos tivessem contato com a proposta, de forma a desenvolver mais efetivamente as atividades para participar de um possível quarto campeonato. Assim, os estudantes e a equipe docente ficaram surpresos com o resultado. O tempo para a realização das atividades era curto, pois era necessário desenvolver diversos conceitos de forma clara, e para os adolescentes surdos, o acesso a informações claras se dá, na maior parte do tempo, apenas na escola, o que faz com que acabem levando um tempo maior para assimilar tantos aprendizados.

Os estudantes assistiram ao vídeo da premiação alguns dias depois do ocorrido, no refeitório junto dos outros estudantes do grupo da manhã. A equipe docente já sabia do resultado, mas manteve segredo para os estudantes.

Enquanto os alunos assistiam à transmissão, a instrutora de Libras chamava a atenção para algumas informações. Nem todos

perceberam de imediato que a Emebs Anne Sullivan tinha ficado em primeiro lugar na categoria Ensino Fundamental II, e somente depois é que eles foram se dando conta do que tinha acontecido.

Os estudantes, hoje, estão mais fortalecidos com o conceito de resistência, afirmação e libertação. A cada dia eles vão se empoderando enquanto sujeitos surdos. Conheceram obras de arte de artistas surdos, o que aumentou sua autoestima.

Dada a importância desse projeto para a cultura surda, a equipe docente da Emebs Anne Sullivan pretende, com a experiência alcançada nesse 3º Campeonato, melhorar a performance em um próximo campeonato, inserindo um projeto sobre o assunto no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar.

Considerações finais

A epígrafe que abre o artigo reflete sobre a importância da língua de um indivíduo como parte de sua cultura, pois língua e cultura estão intimamente relacionadas. O fato de esses alunos frequentarem um ambiente bilíngue, em que a língua de comunicação e instrução é a Libras, favorece seu aprendizado e desenvolvimento cognitivo e social.

As ações relacionadas ao longo deste relato de experiência foram de suma importância para os alunos e a comunidade em geral, pois fortalecem a cultura e identidade surda. O Campeonato promovido pelo #CasaLibras – UFSCar, com apoio do MEC/Secadi,

teve foco nas crianças, jovens e adultos surdos, e foram contempladas cinco categorias: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Assim, a singularidade desse campeonato, direcionado a pessoas surdas, é um diferencial para escolas que atendem pessoas surdas, sejam escolas bilíngues, em sala bilíngue ou escolas regulares com alunos surdos incluídos. Geralmente, o que acontece em movimentos de campeonatos ou concursos são propostas pensadas para alunos ouvintes, e a equipe docente precisa adaptar essa temática para atingir os alunos surdos.

A prática de atividades que valorizem a arte e a cultura surda é cotidiana na Emebs Anne Sullivan, pois se trata de um ambiente bilíngue. A Secretaria Municipal de Educação produz materiais próprios, e a rede usa os Currículos da Cidade de língua portuguesa para surdos e o de língua brasileira de sinais para embasar o trabalho das escolas que atendem pessoas surdas. Esse é um diferencial na rede.

Portanto, práticas de ensino que valorizem a diversidade linguística e cultural, como o campeonato organizado pelo #CasaLibras – UFSCar, com apoio do MEC/Secadi, são fundamentais para o pleno desenvolvimento dos alunos surdos.

Referências

BARBOSA, A. M. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/Secadi, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>. Acesso em: 5 fev. 2025.

CIVITA, V. *Mestres da Pintura: Van Gogh*. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

COMO FAZER releitura de obras – releitura de Van Gogh – releitura de Leonardo da Vinci. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Prof. Elessandra Mara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=trCPBZ7IEyo>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EIJI, H. Produções culturais surdas. In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE. *Mediações acessíveis: Ciclo de encontros sobre acessibilidade em espaços de educação e cultura*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018. p. 118-121.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Artefatos histórico-culturais de surdos: entrevista com Nancy Rourke. *Revista Arqueiro*, Rio de Janeiro, n. 39, dez. 2019a.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Telas da artista surda Nancy Rourke: força e intensidade das cores em movimentos de resistência, afirmação e libertação. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 52, p. 329-339, dez. 2019b.

LEBEDEFF, T. B. *et al.* *Letramento visual e surdez*. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

NARRATIVAS em Libras – Quem sou eu? Van Gogh. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>. Acesso em: 9 abr. 2025.

O CAMPO de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal #CasaLibras UFSCar. Disponível em: <https://youtu.be/cZwZVwEdmCs>. Acesso em: 11 nov. 2024.

PINTO, A. *Quem sou eu? Van Gogh*. Ilustrações de Sami Ribeiro. Brasília: Edebê, 2019.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da Cidade: Educação especial: Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: SME/Coped, 2019a.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da Cidade: Educação Especial: Língua Portuguesa para surdos*. São Paulo: SME/Coped, 2019b.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WITKOSKI, S. A. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 42, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000300012>. Acesso em: 10 fev. 2025.

Vencedores



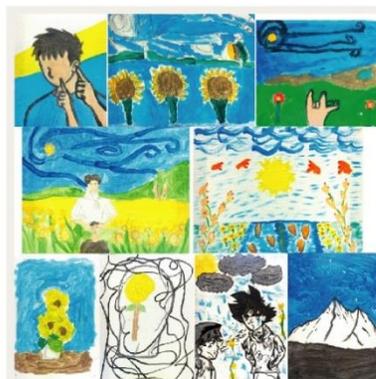
1º colocado
Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi
Manaus/AM



1º colocado
Escola Estadual Especial de
Ensino Médio Helen Keller
Caxias do Sul/RS



2º colocado
Instituto Pedagógico de Apoio a
Educação do Surdo de Sergipe
Aracaju/SE



3º colocado
Escola Estadual Especial Padre Reus
Esteio/RS

Relato da Experiência no 3º Campeonato Artístico-Literário #CasaLibras

Pedro Henrique Lopes Ribeiro
(Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi)

Introdução

Este relato conta a experiência de participação da Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, promovido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Sou professor da rede pública, atuo como intérprete de Libras e também como professor de curso de Libras da rede particular. Esse projeto foi um marco para as vidas de cinco alunos surdos e para mim, seu professor tradutor e intérprete.

A gestão escolar ficou sabendo do Campeonato por e-mail e então procurou um professor na escola que estivesse disponível para aceitar o desafio. Primeiramente, a professora de língua portuguesa havia aceitado, mas, por não saber Libras, a comunicação com os alunos surdos seria inviável, e o projeto não sairia do papel a tempo, já que o edital estipulava um prazo para ser cumprido.

Como sou intérprete dos alunos, a gestora então me contatou e perguntou se eu poderia e conseguiria assumir o projeto sozinho. Minha resposta foi positiva, e então precisei retirar os surdos de sala para agilizarmos o projeto. Mas, antes de

tudo, fiz questão de ler o edital e ver seus mínimos detalhes e requisitos, além de me debruçar em fazer a tradução do edital para os cinco alunos surdos.

Depois da leitura do edital, reunimo-nos para debater qual seria a melhor ideia para fazermos a arte requerida. Analisamos os vídeos de instruções postados no portal de inscrição e, depois de fazer um rascunho de como queríamos fazer o projeto, levamos à gestão escolar para aprovação. Tivemos o retorno autorizado para efetivarmos o projeto.

Fundamentação teórica

A literatura surda amazonense está em construção, e nessa perspectiva decidi apresentar aos alunos surdos uma obra amazonense da comunidade surda. Trata-se de uma produção criada pela professora mestre Tatyana Sampaio Monteiro, intitulada *Negrinho* e *Solimões*. Apresentei o livro, que possui uma estrutura imagética incrível, legenda em língua portuguesa, e, além disso, a história é traduzida na escrita de sinais americana.

Não nos focamos apenas na literatura. As pinturas de Van Gogh estiveram sob análise simples. Fiz um resumo de algumas obras e expliquei o contexto para eles entenderem o que deveriam produzir.

Em concordância com o que foi exposto a eles, para adaptar a mente ao foco do projeto, pedi que me dessem um retorno do que haviam compreendido.

A arte literária está nas mãos dos surdos também, e este Campeonato cria oportunidades para evidenciar o protagonismo de jovens surdos. Nesse sentido, concordo com Karnopp (2010, p. 16) quando diz que

A Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

As evidências, hoje, das obras literárias de muitos surdos pelo Brasil, como Cláudio Mourão, se apresentam como uma injeção de ânimo para os jovens surdos que desejam trilhar o mundo literário. Cláudio afirma:

Os sujeitos surdos transmitem modelos e valores históricos através de várias gerações de surdos, com artistas plásticos ou outros artistas. Nas comunidades surdas existem piadas e anedotas, conhecimentos de fábulas ou conto de fadas passados através da família, até adaptações de vários gêneros como romance, lendas e outras manifestações culturais, que constituem um conjunto de valores e ricas heranças culturais e linguísticas (Mourão, 2010, p. 2).

A declamação do poema produzido pelos estudantes, fundamentado na releitura criada, fomentou a desenvoltura dos cinco participantes e consolidou ainda mais o que Cláudio afirmou nesta citação sobre a pessoa surda e suas habilidades. O que prendeu a atenção, nesse processo de gravação de vídeos, foi a

motivação de um dos alunos surdos, que, além da surdez, foi diagnosticado com autismo, e isso não o impediu de mostrar sua arte.

Metodologia

O trabalho realizado contou com a participação de um professor coordenador e cinco alunos surdos do segundo ano do Ensino Médio. Registro aqui os nomes dos integrantes surdos: Ruan Victor, Vitória Braga, Leandro Joelson, Natanael Sena e Juan Victor. Todos são amazonenses, surdos e estudantes de escola pública em Manaus.

Primeiramente, os alunos conheceram os autores em foco, tanto Cacau Mourão quanto Van Gogh. Nossos esforços nessa primeira etapa estavam direcionados à apresentação das diferenças entre o pintor Van Gogh e o escritor Cacau Mourão. Apresentamos as obras de Cacau e as obras de Van Gogh, as características presentes, as marcas que cada artista sempre carrega. Os surdos entenderam que uma marca sólida do pintor é a presença de girassóis em seus quadros.

Com base nessa compreensão, entramos no processo de adaptação. Eles precisavam de um direcionamento, um caminho, e depois disso foi mais fácil pensar em releitura. A releitura seria uma produção de uma obra pincelada por eles, destacando a identidade surda e suas diversidades.

A releitura foi pensada nas marcas e na essência da comunidade surda e no ser surdo. O processo delimitado foi o seguinte:

1. Cada surdo sinalizou o que havia compreendido sobre as características de cada autor.
2. Eles desenharam em cartolinas rascunhos da obra *Campo de Girassóis* – elaborada por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari e inspirada em Van Gogh –, com lápis de cor, sem uso de tintas nesse momento; a ideia era motivá-los a encontrar, entre os cinco alunos, alguém que se destacasse na habilidade do desenho ou pintura.
3. Dois alunos destacaram-se na prática da pintura, então ficaram responsáveis por essa etapa.
4. Os outros dois surdos foram treinados para apresentar a biografia dos autores, e, para isso, eu apresentei-lhes, por meio de vídeo, a história resumida de cada autor.
5. Após essa etapa, focamo-nos na organização da releitura; levei os alunos a refletirem sobre o que poderíamos substituir na pintura inspirada em Van Gogh, deixando bem claro que nosso objetivo era que essa substituição deveria ser coerente e valorizar a comunidade surda.
6. A única surda no grupo destacou-se por suas expressões, e nesse momento uma ideia surgiu: além da releitura, escreveríamos um poema, explicando a obra, cada detalhe, cada substituição para que o leitor tivesse acesso ao visual e a compreensão da pintura como um todo.

7. Compramos o material necessário para o quadro oficial, e os alunos dedicaram-se a reproduzir conforme o rascunho que haviam feito com lápis de cor.
8. Após a finalização da pintura, passamos para o processo de criação do poema.
9. O poema foi criado em língua de sinais e depois foi traduzido para a língua portuguesa; por isso, foi bem mais fácil para a aluna surda entender o que deveria sinalizar, pois nos afastamos da influência do português sinalizado. Além disso, o fato de termos pensado em cada detalhe do que viria no quadro da releitura, nas etapas anteriores, auxiliou a aluna a não decorar ou memorizar cada verso; ela compreendeu a obra e na sua naturalidade declamou o poema.
10. Após o poema criado, gravamos a sinalização da declamação e posteriormente fizemos a edição do vídeo, deixando como plano de fundo o quadro da releitura.

Com a edição finalizada, enviamos, dentro do prazo, o projeto, para formalizar a inscrição no Campeonato. Mesmo sem expectativa de concorrer ou de ganhar algo, sabíamos que tínhamos feito um bom trabalho.

Essa ideia de realizar uma pintura com base na obra inspirada em Van Gogh animou aqueles meninos surdos, porque, de certa forma, a pintura é uma grande característica da maioria deles. Instruí os alunos a realizarem uma pintura criativa, considerando também a produção de Cláudio Mourão, e que deveria estar vinculada ao mundo surdo.

Depois de gravar o vídeo de cada aluno surdo, fizemos a gravação do poema. Após esse momento, trabalhamos na edição para conectar e encaixar cada verso aos sinais do poema. A seguir trago a análise da releitura para registrar o protagonismo desses alunos.

Relato da experiência

Figura 1 – Obra vencedora na categoria Ensino Médio.



Fonte: acervo pessoal.

O sol com o símbolo da Libras no centro representa o papel fundamental que a Libras tem na visão dos surdos. Assim como o sol traz luz às pessoas, a Libras ilumina a escuridão de muitos surdos. Viver sem a comunicação, à margem da sociedade não é uma vida desejável, e o surdo, por muito tempo, esteve nessa

posição, mas a língua de sinais é a lâmpada que alumia os pés de quem está limitado aos sons da vida.

O vento que está se originando no sol traz a ideia de que a Libras soprou em direção ao surdo oportunidades infinitas, a Libras chegou para todos os surdos em um vento suave e agradável, apresentando novos caminhos para além da margem social em que eram postos há tempos.

Os girassóis são rostos de surdos diversos, diferentes em jeitos e personalidades, que desabrocham à luz do sol (Libras), e, enquanto houver sol, haverá vida e o brilho no rosto dos surdos será vislumbrado.

Porém, entre a luz do sol e o vento suave das oportunidades da vida, existe uma floresta indelicada, uma floresta que não é tão bela, mas que desempenha o papel das barreiras da vida. Essa mata verde na pintura retrata os empecilhos que muitos surdos encontram nos ambientes sociais; porém, enquanto houver sol, haverá uma esperança, e todo surdo que fizer diferença conseguirá transpor as montanhas verdejantes e alcançar o topo.

Resultados e impactos: reflexões e aprendizados

O protagonismo é retratado na tela para motivar os próprios surdos e aqueles que vivem ao seu redor, principalmente a família. Em uma simples análise, percebe-se que as oportunidades aparecem, e com elas as barreiras serão inevitáveis, mas, à

semelhança de uma árvore em processo de fotossíntese, assim são os surdos firmados em suas convicções, surdos com orgulho de serem surdos, que se desdobram para alcançar o sucesso, como árvore plantada e firmada com raízes fortes na Libras.

Considerações finais

Esta foi a experiência da realização do projeto #CasaLibras. A premiação em 1º lugar na categoria de Ensino Médio só afirmou ainda mais a autonomia que esses alunos surdos têm. Foi e será um marco na vida de cada um, além de ser uma motivação para visualizarem um futuro promissor. Ganhamos o 1º lugar, e não foi de balde nossos esforços. Isso foi perceptível na expressão de emoção dos alunos ao receberem suas medalhas na escola.

Portanto, o Campeonato motivou, despertou as habilidades de muitos surdos, e aqui em Manaus estamos orgulhosos de termos sido escolhidos e estarmos entre os melhores.

Referências

KARNOPP, L. Produções culturais de surdos: análise de literatura surda. *Cadernos de Educação: Educação de Surdos*, v. 19, n. 36, p. 155-174, 2010.

MOURÃO, C. H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 9., 2012, Caxias do Sul. *Anais [...]*. Caxias do Sul: UCS, 2012.

Transcrição artística Surda: Van Gogh, língua de sinais e poesia Surda

Jailza dos Santos Martins

(Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller)

Róger Albernaz de Araujo

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, campus Pelotas)

Introdução

A Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller foi fundada em 2001 a partir de um desejo, o desejo do surdo de estar entre seus pares, quando formandos do oitavo ano da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller, que tem hoje mais de 60 anos, escreveram uma carta para o então governador do estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, expressando a vontade de estudar em uma escola para surdos. A alternativa para aqueles que desejassem ou pudessem cursar o Ensino Médio só era possível fora de Caxias do Sul, pois na cidade não havia escolas de Ensino Médio, somente de Fundamental.

Então, após receber a carta em que os estudantes descreviam seu sonho, o governador, incrédulo sobre a possibilidade de uma escola só para surdos, visitou nossa escola, e a partir do ano de 2001 o Ensino Médio passou a dividir o mesmo prédio do Ensino Fundamental. Até parece uma fábula, pois estar com os seus no nível de ensino seguinte já parecia difícil, mas com os seus e com os pequenos do Fundamental em um mesmo espaço,

no qual os menores pudessem ver seus colegas em outra etapa do ensino era um futuro com o qual antes não se sonhava.

A escola hoje está assim constituída e dividida, sendo o Ensino Fundamental de responsabilidade do município e o Ensino Médio de responsabilidade do estado. Já tivemos aproximadamente 300 alunos, mas hoje estamos reduzidos a pouco mais de 20 alunos no Ensino Médio, e o Ensino Fundamental também vem diminuindo, de modo que se vislumbra nossa extinção.

Estar sempre em ativa presença virou um ponto de resistência. Participamos de desfiles cívicos, palestras, encontros, para mostrar a todos que o que nos diverge das demais pessoas é uma língua, e, sendo assim, também constituímos uma cultura, uma forma diferente de compreender o mundo e o outro.

Fundamentação teórica

Transcrição é um termo utilizado por Haroldo de Campos para se referir à sua concepção de tradução. É uma vertente importante da obra de Campos, o qual defende que a tradução é mais do que transpor um texto de um idioma para outro; é também compreender os conceitos que envolvem o que está sendo dito, a cultura. Não é simples; aliás, é muito complexo. A partir dessa conceituação, acredita-se que a tradução/interpretação efetiva da Libras dentro das aulas de artes da Escola Helen Keller ocorre da mesma maneira.

A transcrição é uma crítica/criação que envolve reescrever o texto original em outro idioma e traz intrinsecamente contextos sociais e culturais, tanto da língua de partida quanto da língua de chegada. É uma reconfiguração do texto original, que mantém o ritmo. É uma fonte de descoberta e diálogo fértil. É uma busca pela existência sincrônica de referências em toda a obra criativa e tradutória.

Para Corazza (2012), a matéria principal dessa didática-artística da tradução é a vida, os encontros de formas de conteúdo e expressão, compondo a Aula, esta que é o espaço vivo de todas as matérias. E no caso de uma escola de surdos, com a transcrição/tradução-interpretação da Libras e a criação por meio da máquina abstrata, uma máquina que transpassa a todo tempo os diversos atores desse espaço/aula, seus corpos são língua.

Uma luta da criativa aula; isso não está implícito que uma aula seja ruim ou seja boa, aqui não há julgamento, assim como na arte o que se busca é instigar o observador, o leitor. A ele é dado esse espaço, e no caso do Campeonato esse lugar – de criador/observador/fluidor – é ocupado pelo aluno surdo com a transcrição da poesia de Cláudio Mourão e a releitura de Nancy Rourke de *Doze Girassóis numa Jarra*, de Van Gogh.

Então a aula é como um acaso: “Como um ‘acaso manipulado’ ou um ‘acidente manipulado’, a aula do professor pode, então, ser dada. Depois de começada, só nos resta perguntar se essa aula – conjunto informe e indiferenciado de multiplicidades livres – funciona” (Corazza, 2012, p. 27).

A aula é aquele evento festivo que se passa, e em certa hora um acontecimento particular te resgata e obriga a rever o seu feito, sua criação/construção; e talvez lá eu tenha compreendido, no entanto agora me parece outra coisa – então a aula acontece. Com isso queremos dizer que a aula nunca acaba, ela reverbera em outros tempos e em outros corpos; se ela fez funcionar e, por isso, ela retorna, também se entrecruza em outros ambientes e elementos, sempre havendo outras aulas.

Da metodologia à aula

A aprendizagem é algo vivo, a aula tem início, mas aprendemos com os alunos surdos que no meio sempre há reviravoltas, uma máquina abstrata que foge do controle, um entremeio que surge, e a linha de fuga vira outra rota. Os estudantes não têm um esgotamento do desejo (De Araujo; Corazza, 2018), eles vivem o desejo, querem saber mais. O que é mesmo isso? O que você disse? Porque existe uma enorme represa entre o todo e a língua de sinais. Não que a língua não dê conta; é o inverso, os ouvintes que não dão conta do todo a ser passado para a sinalização, uma transcrição, e não um português sinalizado – palavra sinal, datilologia. Sem considerar que o mundo é dos falantes, da televisão, das redes sociais, do YouTube, o mundo todo a todo o tempo.

O método passa a ser individual, não só do professor, mas também sobre as provocações que cada grupo de educandos traz, ao ler o quadro, perceber as referências que cada obra de arte provoca no expectador.

No Campeonato do #CasaLibras, o Ensino Médio foi desafiado a mergulhar nas profundezas de uma poesia surda, de Cláudio Mourão, que dá vida ao “Campo de Girassóis”. Do ponto de vista do coletivo da escola, não seríamos capazes de reinterpretar algo que tem tanta vida, delicadeza, reflexão, uma poesia em Libras, o girassol efêmero, assim como a existência.

Definimos que a obra *Campo de Girassóis*, elaborada por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari (integrantes do #CasaLibras) e inspirada em Van Gogh, teria a ótica única da língua de sinais, porém por meio do desenho. A metodologia triangular da professora Ana Mae Barbosa guiou esse processo criativo, proporcionando uma base sólida para a análise e interpretação da obra de arte. O grupo, ao se deparar com a beleza efêmera dos girassóis e as emoções intensas transmitidas pelo poeta Cláudio Mourão, pôde expressar suas próprias vivências e sentimentos por meio do visual e poetizar, na folha de papel, na bidimensionalidade, a valorização da língua de sinais.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, os estudantes demonstraram uma capacidade notável de explorar e reinterpretar a obra inspirada em Van Gogh de maneira profundamente pessoal e inovadora. A colaboração entre o grupo criou um ambiente de

aprendizado colaborativo e inspirador, em que cada participante pôde contribuir com suas perspectivas e habilidades únicas. Os alunos utilizaram diversos recursos, alguns atuais, outros arcaicos, como o papel carbono e o papel vegetal. Outros optaram pela cópia como marca d'água, substituindo elementos e mantendo outros. Usamos também colagem – seja de recortes de outras obras ou cópias –, sempre agregando desenho e cor, incorporando o todo para uma melhor composição artística.

Existe uma infinidade de desenhos anteriores até o desenho ser concluído, e houve trocas e muitas dúvidas. A artista que o campeonato trouxe como exemplo de releitura, Nancy Rourke, é nossa companheira de aula; estão expostas diversas de suas obras, cópias, nas paredes da sala de arte, incluindo Da Vinci com sua Madona e, ao seu lado, a releitura surda.

Figura 2 – Leonardo da Vinci, Mona Lisa, 1505, 55 x 53cm, óleo sobre madeira, Museu do Louvre, Paris.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona_Lisa.

Figura 3 – Nancy Rourke, Mona Lisa Surda, 2011, 100 x 150cm, látex sobre tela.



Fonte: <https://www.nancyrourke.com/monalisadeafrevisited.htm>.

A escola Helen Keller possui um vínculo com a produção da artista Rourke e a utiliza em suas aulas de arte, então fazer uma

releitura do *Campo de Girassóis*, já tendo trabalhado *A Noite Estrelada*, gerou certa dúvida, ao mesmo tempo que não sabíamos até onde poderíamos agregar com as cores de Rourke sem ser um clichê, em função de a artista também servir de modelo de releitura do concurso. Porém, ela é utilizada em aulas de arte da escola há muito tempo como referência de arte surda.

Arriscar-se, este foi o intuito das provocações com os alunos. O que se pode dizer com minha língua ou o que a obra consegue dar à Libras? Descaracterizar a obra *Campo de Girassóis* para um poema. Seria aceita uma releitura do *Campo de Girassóis* agregando também *A Noite Estrelada*, já que esta fica exposta em nossa sala? Dúvidas recorrentes dentro do projeto e em todo o seu percurso.

As aulas ocorreram de forma interdisciplinar para conseguir finalizar as etapas do concurso, dada a complexidade da nova grade curricular do Ensino Médio gaúcho, que eliminou drasticamente as disciplinas da área de Humanas. Esse projeto não só fomentou a criatividade dos alunos, mas também promoveu a inclusão e a valorização da cultura surda, destacando a importância da expressão visual e da língua de sinais no processo artístico e educacional. Aproveitamos para deixar registrado que as mudanças curriculares impediram que os alunos do terceiro ano participassem desse projeto.

Outra questão a ser levantada a toda aula de artes seria: é possível ler uma imagem? Que a interpretação do pintor não é tão livre, mostrou-nos Ernest Gombrich (1986, p. 55-

79), quando procura responder às perguntas: “Será lícito acreditar que a fotografia representa a ‘verdade objetiva’ enquanto que o quadro registra a visão subjetiva do artista – a maneira pela qual ele transformou ‘o que viu’? (Pillar, 1993, p. 43).

Para muitos e geralmente para as crianças, a resposta é não. Para ler, é preciso um texto, no entanto a arte traz signos e imagens que nos remetem a muitas discussões, dados o contexto da obra, seu nome, o espaço em que está sendo exibido. Sim, a imagem pode ser lida, e, se pode ser lida, o que seria relê-la? O que é releitura? É dar a essa imagem outro significado, agora usando as minhas intenções de criação. Todo esse trabalho foi realizado sempre revisitando o poema de Mourão e sua releitura de Van Gogh.

Alguns estudantes têm sinalizado: tem muita explicação, já foi sinalizado, já foi referido, professora, você já disse isso. Esse é o processo da metodologia triangular, provocar a pensar, ler a obra, refletir sobre como refazer com novos propósitos, propósitos que estejam claros dentro do que quero expressar com a releitura da obra. Reler? Ler de novo, dando a ela outro significado. Qual significado? O que se propõem a dizer? Não é só refazer, seria simples e rápido todos pintando uma cópia, talvez até já numerada com as cores desejadas, como aquelas obras prontas que aparecem no filme *O Sorriso de Mona Lisa*, do diretor Mike Newell, de 2003.

Como contextualização, indagamos: Qual é o período histórico e quais eram as propostas do artista que está sendo lido,

observado, contextualizado em sua obra? Quais foram os acontecimentos na vida de Van Gogh?

Sobre a leitura, questionamos: Que cores foram usadas? Há alguma intenção clara ou outra subjetiva? O que se observa na construção do desenho? É abstrato? É realista? Por que essas cores foram usadas? O que sente quando observa essa obra?

Partindo da metodologia triangular, geralmente escolhemos os artistas a serem trabalhados, e entre eles sempre há a presença da artista Nancy Rourke há algum tempo, com quem mantemos diálogos curtos por meio de suas redes sociais. Como o Campeonato #CasaLibras utilizou uma das releituras de Nancy Rourke de Van Gogh como modelo de criação, para o grupo foi desafiador não a usar como referência. Assim, ficamos à deriva. E agora? Afinal, nossas aulas de arte se utilizam geralmente de dois artistas, um escolhido por desejo próprio – uma obra de um artista reconhecido da história da arte – e a forma pictórica da artista Nancy, e agora temos o desafio de usar Van Gogh sem utilizar a referência surda em arte a que estamos acostumados. Assim, a ideia foi trazer as vivências particulares dos estudantes durante as aulas anteriores, no seu trajeto escolar.

A seguir, destacamos alguns trabalhos coletivos dos alunos a partir da intersecção entre Rourke e outros artistas da história da arte.

Figura 4 – Nancy Rourke e Andy Warhol, uso da cópia, colagem, canetinha hidrocor. Cartolina 50 x 66 cm. Trabalho coletivo.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 5 – Nancy Rourke e Gustav Klimt, papel carbono, cópia e colagem, glitter, canetinha e lápis. Cartolina 50 x 66 cm. Trabalho em trio.

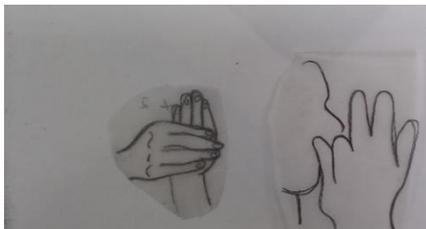


Fonte: acervo pessoal.

Relato da experiência

A seguir, apontamos algumas estratégias anteriores à construção pictórica final, desenhos, croquis que são considerados como criação/tradução, trabalho exigido de um pensar significativo de incorporação de elementos para releitura. O que pretendo ao fim desse projeto? Qual a produção final que pretendo entregar? Material e suporte também são elementos que o educando precisa definir a partir de sua construção até a conclusão.

Figura 6 – Rascunho, Cauá.



Fonte: acervo pessoal.

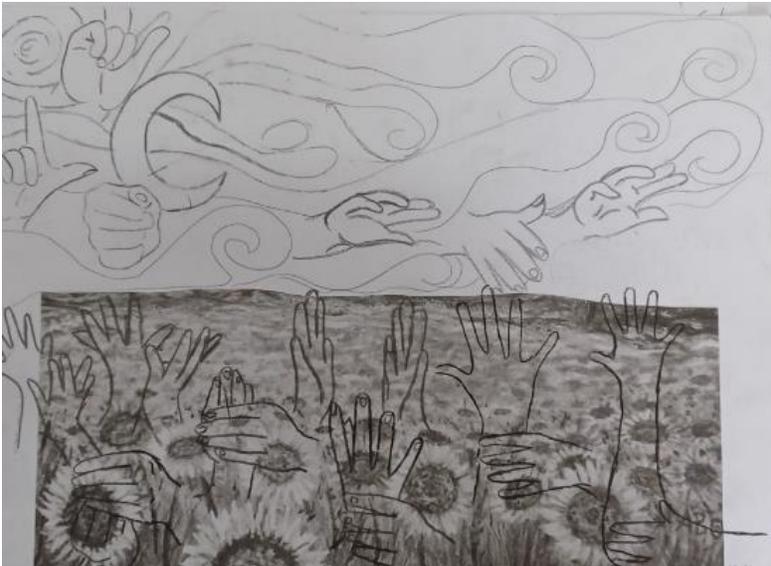
Figura 7 – Rascunho, Anthony.



Fonte: acervo pessoal.

Primeiro há um desenho, depois uma cópia desse mesmo desenho e reprodução por meio de papel carbono, caso o aluno se sinta mais seguro. O processo também é avaliativo, e é aceita a observação de outros processos e construções, sejam individuais ou coletivas. Da mesma forma, é incentivada a colaboração de ideias entre os colegas, podendo intervir ou colaborar no desenho do outro.

Figura 8 – Cópia e desenho para iniciar a construção de um desejo de criação.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 9 – Estudante exausta que ainda não definiu quais elementos irá incorporar em seu trabalho final.



Fonte: acervo pessoal.

A seguir apresentamos alguns dos exercícios que a turma realizou com a intenção de tornar claros o movimento da linha, a escolha das cores e a forma de usá-las – com ou sem contorno –, a variação do uso da força sobre o lápis, esfumado, o método de colorir, assim como o suporte – lápis de cor, giz de cera, guache, folhas de papel. Também serviram para fazer teste de cor, sobreposição de desenho com papel carbono e cópia, acrescentando desenho de sinais em Libras. Optamos por não usar tinta guache, em função do tempo de secagem e da variedade de trocas que aconteceram antes da definição final do trabalho, pois isso dificultaria a construção final.

Figura 10 – Rascunho, teste de cores.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 11 – Linhas orgânicas.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 12 – Girassol.



Fonte: acervo pessoal.

Nesta fotografia, vemos outro estudante que, nitidamente, queria dar ao desenho a configuração de mão utilizada pelo poeta Cláudio Mourão. O trabalho do aluno conclui o propósito do exercício? A decisão é individual do estudante. Em aula o professor é um instigador, não um determinante nas diversas possibilidades que o próprio aluno pode atingir; assim, não há interferência no processo de criação, seja individual ou coletivo, desde que respeitados os objetivos iniciais.

Os materiais na sala de arte ficam expostos e podem ser acessados conforme o desejo de cada aluno, dando a possibilidade de mudar seu projeto a qualquer tempo da produção. No caso do Campeonato, fizemos a projeção da obra *Campo de Girassóis* na TV que a sala possui, assim como também distribuimos cópias, para recorte e possível montagem por meio de colagem. A qualquer tempo, os estudantes poderiam esclarecer dúvidas com a professora ou colegas envolvidos.

Ao cabo, a professora, de forma exaustiva, acompanhou o processo e lembrou-os dos objetivos iniciais do Campeonato, deixando claro que uma releitura não é abolir o desenho original, mas perceber o ponto de partida – a obra original – e identificar as mudanças, dando um novo conceito para o observador.

Nesse processo, o excesso de modelos, os diversos tipos de uso da imagem podem ter complicado e atrasado a construção final e, por vezes, ter feito os alunos duvidarem do próprio potencial; ao optar por produzir sem o uso da cópia, na tentativa

de dar segurança, é possível que se tenha dado insegurança. No entanto, a pesquisa na área da arte reflete que a exposição traz mais fruição; hoje, às vezes temos a dúvida se devemos deixar só fluir, em estado de dormência da aula, de respiro do todo, de estar só, sem nenhuma influência, assim como a escolanovista provocou os alunos com a frase: façam um desenho livre.

Figura 13 – Trabalho incompleto que não pôde ser enviado a tempo para o Campeonato. Traz a datilologia em Libras da palavra “flor” em diversas direções.



Fonte: acervo pessoal.

Resultados e impactos: reflexões e aprendizados

Faz-se urgente e necessário que as instituições e poderes relacionados à educação percebam não só a importância de iniciativas como a do #CasaLibras, mas principalmente a importância da arte para os alunos, com carga horária adequada e

de forma que os materiais possam ser disponibilizados pelas instituições de ensino, por meio de verba, já que muitos desses materiais – tinta acrílica, aquarela, giz pastel seco e oleoso, suportes distintos, telas, formões e madeira para xilogravura, prensas para xilo ou produção de papel reciclado – são de valor elevado, e as verbas disponibilizadas ou são insuficientes ou trazem regras que impossibilitam tais feitos. É possível democratizar o uso desses materiais e ampliar o conhecimento sobre eles, e por isso a importância de a disciplina ter o seu espaço próprio, com armários, pia, TV.

O projeto do #CasaLibras é uma iniciativa necessária e reflexiva sobre os processos de aprendizagem por outros meios, como o desenho, pintura, dentre muitos outros disponíveis na área artística.

Citando Edmund Feldman (1970, p. 362 *apud* Pillar, 1993, p. 81), “o estágio da interpretação [...] é o mais difícil, o mais criativo e o mais gratificante”. Interpretar é organizar todas as informações da leitura da imagem, escolher a técnica a ser usada para a produção, o suporte, tamanho e depois refletir sobre a construção de um novo dizer, uma nova provocação, de maneira que se perceba a obra original, mas que fique clara a nova leitura que a obra traz, a sua releitura a partir do que se deseja provocar no espectador.

Sim, os estudantes foram provocados a se arriscarem, pois, caso sua construção não fosse adequada, outra escola e outro aluno ganhariam o prêmio, porque a sua construção disse menos que a do outro, sua construção da nova leitura, sua releitura não agradou os espectadores. Não há cartilha para quem frui numa

obra, e a interpretação é única; para isso não existe certo ou errado, existe impacto. Consegui passar o que desejei? Aliás, o que desejo é consistente com a obra que quero reler? Às vezes o desejo cria um empecilho chamado falta de trilho, as ideias não se conectam com a original. Outra questão foi trazer a língua de sinais na obra inspirada em Van Gogh, sobre a qual, por si só, já parece impossível construir outra leitura, e foi ainda mais difícil após ver a poesia de Cláudio Mourão. É possível confiar no que quero desenhar? Consigo me apropriar a tal ponto de o espectador desejar parar? Um ficar ali fruindo?

Obras concluídas produzidas para o Campeonato

Figura 14 – Obra de Júlia Cecatto.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 15 – Obra de Angela Flores.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 16 – Obra de Hellen Longhi da Silva.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 17 – Obra de Igor Samuel Carvalho Moreira.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 18 – Obra de Luís Gabriel Costa Rodrigues.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 19 – Obra de Manoela Ferreira da Silva.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 20 – Obra de Kathrein Medeiros Abel.



Fonte: acervo pessoal.

Obras vencedoras

Figura 21 – Obra de Cauã da Silva do Amaral.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 22 – Obra de William de Aguiar Maciel.

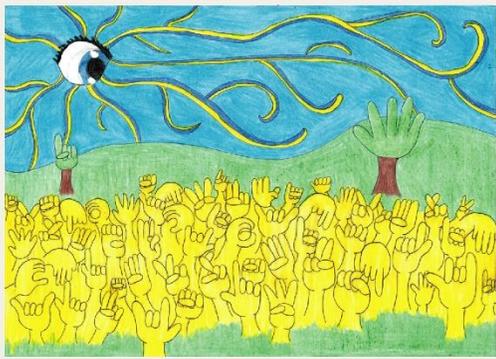


Fonte: acervo pessoal.

Referências

- BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMPOS, H. de. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CORAZZA, S. M. *Didaticário de criação, aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- CORAZZA, S. M. *O que se transcreve em educação?* Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2013.
- CORAZZA, S. M. *Para uma filosofia do inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros 357 malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CORAZZA, S. M. *Uma vida de professora*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CUMMING, R. *Para entender a arte*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1996.
- DE ARAUJO, R.; CORAZZA, S. Método maquinatório de pesquisa. *Pedagogía y Saberes*, n. 49, p. 67-80, 2018.
- DE ARAUJO, R.; SANTOS, T. G. dos; MOTTA, G. C. da. *Maquinações com arquivos: modos, meios e ritmos*. Campinas: Educação Digital, 2023. v. 25.
- PILLAR, A. D. *Educação do olhar*. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- PILLAR, A. D. *Pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- ZORDAN, P. (org.). *Gaia educação: Arte e filosofia da diferença*. Curitiba: Appris, 2019.

Vencedores



1º colocado
Escola Estadual Engenheiro Caldas
Caratinga/MG



1º colocado
EMEJA Prof. Sérgio Rossini
Campinas/SP



2º colocado
Instituto Cearense de
Educação de Surdos- ICES
Fortaleza/CE



3º colocado
Associação de Surdos -
Libras Piracicaba (Assupira)
Piracicaba/SP

Releitura surda de obra inspirada em Van Gogh

Gabriella Coelho Motta Pizzani
Danusa Cristina Duarte Ferreira e Freitas
Leandro Bruno da Silva
(Escola Estadual Engenheiro Caldas)

Introdução

Este capítulo apresenta um trabalho de releitura artística de uma imagem, denominada *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh e produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari (integrantes do #CasaLibras). O trabalho foi executado por alunos surdos da Escola Estadual Engenheiro Caldas, uma escola pública inclusiva que tradicionalmente recebe alunos surdos da região de Caratinga-MG, os quais, atualmente, são incluídos em salas regulares com alunos ouvintes, contam com auxílio de profissionais intérpretes de Libras e, no contraturno da escolarização, frequentam a Sala de Recursos, na qual têm acesso ao aprendizado de língua portuguesa como segunda língua para surdos. Foi nesse contexto de Sala de Recursos, orientado pela professora bilíngue (Libras/Português), que o presente trabalho foi desenvolvido.

Todos os alunos surdos, matriculados e frequentes na Sala de Recursos da referida escola, foram convidados a participar do trabalho. Prontamente, três desses alunos – e seus respectivos intérpretes de Libras – aceitaram o desafio: a aluna surda Sheron

Hillary da Silva Antunes, de 22 anos, e o aluno surdo Whesley Felix Rodrigues, de 21 anos, ambos no 2º ano do Ensino Médio, e a aluna surda Marcela Raissa Gonçalves dos Santos, de 13 anos, no 7º ano do Ensino Fundamental.

A proposta partiu da participação no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, promovido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e apoiado pela Diretoria de Políticas de Educação Bilingue de Surdos do Ministério da Educação (Dipebs/MEC)¹. O Campeonato foi de extrema relevância, pois desafiou docentes, juntamente de seus alunos (surdos e ouvintes), a conhecerem a vida e obra de Van Gogh, por meio do livro da autora Aline Pinto, *Quem sou eu? Van Gogh*; a estudarem o período artístico-literário no qual viveu esse artista, o Impressionismo; a compreenderem como produzir uma releitura artística; e, ainda, a identificarem elementos da cultura surda ao apreciarem a arte do poeta surdo Cacau Mourão, que, inspirado nas obras de Van Gogh, criou uma linda poesia em Libras.

A partir desses artefatos adquiridos, foi proposta aos estudantes surdos a produção de uma releitura da obra *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh, agregando elementos da língua, da identidade e da cultura surdas.

Consideramos neste trabalho a cultura surda, conforme o conceito da autora surda Karin Strobel, como “o jeito de o sujeito

¹ A Dipebs é uma unidade do MEC que atua na promoção da educação bilíngue de alunos surdos.

surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas” (Strobel, 2008, p. 30).

Visto que os surdos percebem e vivenciam o mundo por meio do olhar e que, portanto, a experiência visual do mundo ocupa um lugar de destaque, o desenvolvimento do trabalho teve como foco a visualidade e o uso da Libras, considerando o conhecimento de mundo dos alunos surdos acerca da temática trabalhada para, a partir deste, aprofundar os conceitos necessários para o bom desenvolvimento das tarefas propostas pelo Campeonato.

Portanto, concluímos que este trabalho possibilitou o protagonismo dos estudantes surdos nos espaços escolares, tornando conhecidas e apreciadas sua língua e cultura e contribuindo com o aprendizado de português, literatura e artes desses estudantes a partir de métodos que reconhecem suas especificidades e valorizam o ensino colaborativo entre os pares surdos mais e menos experientes, mediado pelo professor bilíngue.

Fundamentação teórica

O desenvolvimento das ações propostas pelo 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras tomou como base alguns pressupostos básicos da educação bilíngue de surdos, como

a Libras como língua de instrução, interação e ensino, a Pedagogia Visual e o ensino colaborativo, por meio da estratégia de andamento.

Botelho (2002), Silva (2017), entre outros autores, afirmam a centralidade da linguagem nos processos de ensino-aprendizagem e a importância de uma língua compartilhada entre alunos e professores para um ensino efetivo, que, no caso da maioria dos surdos brasileiros, é a Libras. Consideramos que, para mediar com propriedade o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, é essencial que o professor seja surdo ou ouvinte fluente em Libras, que compreenda as experiências visuais vivenciadas por esses alunos, reconheça as particularidades culturais que compõem a história de vida dos surdos e a literatura e arte surdas.

Durante o planejamento e a execução do trabalho proposto, o professor, além da proficiência linguística e do conhecimento das especificidades da língua e da cultura surdas, precisou também estar capacitado pedagogicamente para tal, sendo essencial a utilização de recursos concretos visuais e/ou multimodais no processo de ensino-aprendizagem, a serem trabalhados com metodologias, didáticas e estratégias que atendessem às especificidades dos alunos surdos envolvidos.

Campello (2008) ressalta a importância de usar a linguagem imagética no ensino dos surdos, considerando que a adoção de recursos visuais, de imagens, do corpo e das tecnologias digitais, entre outros, pode contribuir para a aprendizagem deles. Esses

recursos, que podem ser denominados recursos multimodais, fazem parte da Pedagogia Surda ou Pedagogia Visual, que, segundo Campello (2008, p. 112), “pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender”.

Para Campello (2008), o trabalho com a visualidade faz-se necessário com todos os indivíduos, sendo fundamental com os sujeitos surdos, uma vez que ela é garantia tanto da construção de sentidos quanto da construção dos próprios significados.

Também Stumpf e Linhares (2021) consideram a Pedagogia Visual como uma linha de estudo que leva em consideração o jeito de o surdo ensinar e aprender e que demanda um ensino por meio de imagens que viabilize a construção do conhecimento visual compreensível por intermédio de fotografias, contação de histórias, dramatizações, filmagens e desenhos, sendo todos esses recursos atravessados pela Libras.

O *Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bílingue: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa* (Brasil, 2014), o qual foi elaborado por um grupo de trabalho designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013, determina a valorização da experiência visual para o ensino-aprendizagem dos surdos, ressaltando, também, o desenvolvimento da cultura e identidade desse povo. Esse documento ressalta que,

Para a pessoa surda, a relevância dos aspectos visuais traz como consequência a invenção de artefatos culturais que usam a visão, como seja: a língua de sinais, a imagem, o letramento visual

ou leitura visual. Esses artefatos são importantes para criar o ambiente necessário ao desenvolvimento da identidade surda e requerem o uso de mecanismos adequados para sua presença acontecer, tendo em vista que se diferencia constituindo significantes, significados, valores, estilos, atitudes e práticas (Brasil, 2014, p. 13).

Outra estratégia utilizada pela professora da Sala de Recursos foi o andaimento, termo que, segundo Bernardino e Pereira (2020), foi cunhado por Wood, Bruner e Ross (1976). O principal objetivo dessa estratégia é a aprendizagem colaborativa entre alunos e professor, isto é, durante as aulas, eles atuam como mediadores de seus próprios aprendizados, por meio de tarefas que permitam sua evolução. Isso significa que o ensino deve fazer com que os alunos avancem no aprendizado, como num andaime. De acordo com as autoras, essa é uma estratégia que pode ser bastante explorada por professores de português para surdos, tanto no desenvolvimento da leitura quanto da escrita dessa língua.

Em geral, quem faz uso do andaime é o professor, que cria estratégias e instiga os alunos a aprenderem algum conteúdo novo que ele queira ensinar. Mas é possível que essa estratégia seja utilizada de forma imperceptível pelos alunos, que, ao perceberem que os colegas não entenderam algum conceito, podem ir à frente da classe e explicar para os demais, usando uma espécie de “andaime” para que seus colegas acessem um nível superior de aprendizagem.

Segundo Bernardino e Pereira (2020), o que autoriza uma pessoa a usar um andaime não é apenas a interação, mas o fato de ela possuir mais competência (saber mais) e poder ensinar outras que têm menos competência (sabem menos). Diante da diversidade de níveis de aprendizagem apresentadas, inclusive entre alunos surdos, a estratégia de andaimento pode ser considerada bastante benéfica, principalmente se utilizada em salas em que há alunos surdos reunidos, e estes, entre seus pares, podem compartilhar saberes, permitindo a aprendizagem dentro de um regime de troca e colaboração. Professores e alunos surdos mais fluentes (expertos) fornecem subsídios para que o aluno surdo menos fluente (inexperiente) se desenvolva na aprendizagem, tanto da Libras como da língua portuguesa.

Para o ensino de língua portuguesa, foram utilizadas as estratégias de análise contrastiva das línguas, Libras e português, sugerido por Silva (2017). Essa autora disserta sobre a importância de o professor criar estratégias visuais que permitam ao aluno surdo estabelecer uma relação entre o que está escrito em português, no quadro e/ou papel, e o que está sendo explicado em Libras pelo professor.

Com base nos fundamentos teóricos apresentados, a proposta de trabalho do Campeonato na escola foi planejada e desenvolvida, permitindo plena participação dos estudantes surdos. Em todas as etapas, a Libras e a visualidade foram exploradas, assim como o conhecimento de mundo dos alunos surdos pôde ser

compartilhado e agregado por meio da interlocução de saberes entre alunos e professores.

Metodologia

As atividades foram planejadas a partir das orientações postas no edital do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, o qual disponibilizou materiais bilíngues de qualidade, como o livro *Quem sou eu? Van Gogh*, da autora Aline Pinto, traduzido para Libras, e a poesia *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh, em Libras, feita pelo professor e poeta surdo Cacau Mourão.

Primeiramente, os alunos surdos e seus respectivos professores intérpretes de Libras foram convidados pela professora da Sala de Recursos para se unirem em prol do desafio proposto pelo Campeonato. Assim que obteve aceite de todos os convidados, a professora organizou um grupo de WhatsApp a fim de facilitar a comunicação e o compartilhamento de materiais entre os integrantes do grupo.

Em seguida, foram acertadas datas de aulas na Sala de Recursos, nas quais, por meio de estratégias e recursos visuais, a professora trabalhou com os alunos conhecimentos prévios necessários para o bom desenvolvimento do produto final proposto pelo Campeonato.

Quadro 6 – Cronograma de aulas para desenvolvimento da proposta do Campeonato.

AULA	DESCRIÇÃO DA AULA	RECURSOS UTILIZADOS
1	<ul style="list-style-type: none">- Apresentação do vídeo <i>Narrativas em Libras: Quem sou eu? Van Gogh</i>;²- Ensino de português como segunda língua para surdos a partir da análise contrastiva das línguas envolvidas, português e Libras;- Tarefa proposta: pesquisar vida e obra de Van Gogh, a fim de aprofundar o assunto.	Datashow, quadro e pincel de diferentes cores.
2	<ul style="list-style-type: none">- Apresentação do vídeo <i>O Campo de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura sinalizada pelo poeta surdo Cacau Mourão</i>;³- Roda de conversa destacando elementos da cultura surda na sinalização;	Datashow, quadro e pincel.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SRPkidTFdmc>. Acesso em: 21 maio 2025.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZwZWwEdmCs>. Acesso em: 21 maio 2025.

	- Tarefa proposta: assistir ao vídeo <i>Cultura Surda: Literatura, Identidades e Mídia</i> . ⁴	
3	- Conhecendo o movimento artístico Impressionismo por meio do vídeo <i>Arte – Impressionismo e Pós-Impressionismo (em Libras)</i> ; ⁵ - Roda de conversa e registro escrito coletivo do aprendizado.	Datashow, quadro e pincel.
4	- Exposição de modelos de releitura artística, incluindo autores surdos; - Relato das impressões e identificação dos elementos da cultura surda que compõem as obras analisadas.	Imagens impressas de obras de arte e suas respectivas releituras.
5	- Exposição da obra <i>Campo de Girassóis</i> , inspirada em Van Gogh, para os alunos surdos discutirem sobre como incluir elementos da cultura surda nessa obra; - Registro das sugestões de releitura da obra <i>Campo de Girassóis</i> .	Datashow, quadro e pincel.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/QiwlIjWFO7Y?si=8BxBVOLU3GoRYVRI>. Acesso em: 21 maio 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cvxcx6GXu4M>. Acesso em: 21 maio 2025.

6	Gravação dos vídeos propostos pelo Campeonato.	Câmera, pano de fundo, suporte, iluminação, entre outros.
---	--	---

Fonte: elaboração própria.

Percebendo que os alunos já possuíam a bagagem suficiente, a professora partiu para a confecção dos materiais exigidos pelo Campeonato, os quais foram produzidos com a parceria dos professores intérpretes de Libras dos respectivos alunos surdos envolvidos.

Relato da experiência

Com muito entusiasmo, a professora da Sala de Recursos iniciou os trabalhos planejando maneiras de instrumentalizar os alunos surdos com o conhecimento prévio necessário para o bom desenvolvimento das tarefas propostas no edital do Campeonato. Para tanto, propôs um cronograma de aulas e tarefas a fim de aprofundar o conhecimento dos alunos sobre: vida e obra do artista Van Gogh; as características do Impressionismo; vida e obra do poeta surdo Cacau Mourão; o que é uma releitura artística; e elementos da cultura surda.

Inicialmente, os vídeos disponibilizados pelo projeto #CasaLibras para o Campeonato foram transmitidos na íntegra para os alunos surdos, mas, em seguida, foram repassados e

discutidos pausadamente, conforme solicitação dos próprios alunos ou necessidade verificada pela professora. As dúvidas iam surgindo tanto acerca da compreensão do conteúdo quanto do vocabulário, que, por vezes, continha sinais de uma variação regional da Libras.

Todas as dúvidas ou mesmo curiosidades e descobertas foram compartilhadas em roda de conversa entre os alunos surdos e a professora, a qual os deixava bastante à vontade para que houvesse troca de saberes entre os mais expertos e os menos, conforme estratégia de andamento. Somente em situações em que, juntos, os alunos surdos não encontravam respostas certas, a professora mediava a conversa e elucidava o necessário.

Como o livro sugerido pelo Campeonato sobre vida e obra de Van Gogh era escrito em português, a professora aproveitou para trabalhar com os alunos o ensino de português como segunda língua para surdos, já que esse é o principal foco de trabalho com seus alunos surdos na Sala de Recursos. Para tanto, ela apostou na análise contrastiva das línguas envolvidas, sugerindo que os alunos, a partir da projeção no quadro, relacionassem a sinalização da intérprete de Libras a trechos específicos do livro, utilizando pincéis de diferentes cores.

Figura 1 – Aula de português como segunda língua para surdos, utilizando o livro-base do Campeonato.



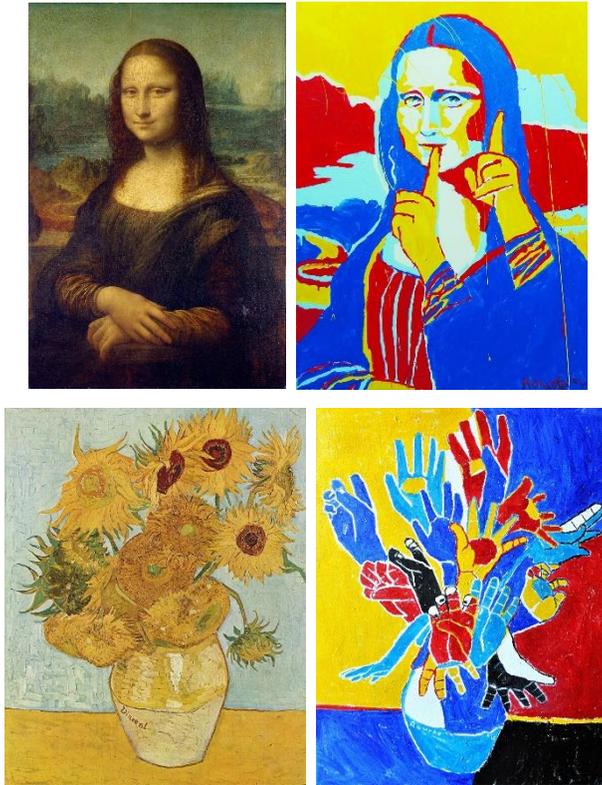
Fonte: acervo pessoal.

Essa abordagem tem como fundamentação teórica os estudos de Silva (2017) sobre a importância de o professor criar estratégias visuais que permitam ao aluno surdo estabelecer uma relação entre o que está escrito em português, no quadro e/ou papel, e o que está sendo explicado em Libras pelo professor. Afinal, não basta o aluno surdo entender perfeitamente a sinalização se ele não conseguir relacioná-la à parte respectiva do texto escrito em português. Isso significa que é necessário fazer a “ponte entre o que está escrito no quadro em Língua Portuguesa e os sinais articulados pelo professor durante a explicação de um texto na aula de leitura, ou mesmo de uma estrutura frasal numa aula de gramática” (Silva, 2017, p. 144).

Para levar os seus alunos surdos a uma melhor compreensão sobre o movimento artístico Impressionismo, a professora recorreu a um vídeo disponível no YouTube, *Arte – Impressionismo e Pós-Impressionismo (em Libras)*, que explicava o tema com riqueza de recursos multimodais (sinalização, imagens, cores, legendas).

Em outro momento, em uma aula bastante dinâmica, com o intuito de exemplificar aos alunos surdos o que seria uma releitura de obras de arte, a professora trouxe alguns modelos de releitura impressos, inclusive alguns que agregavam elementos da cultura surda. Após tempo disponibilizado para apreciação das obras, ela pediu que cada um dos alunos surdos escolhesse uma obra e apresentasse para a turma suas impressões, identificando, se houvesse, os elementos da cultura surda presentes.

Figura 2 – Releituras artísticas feitas pela artista surda americana
Nancy Rourke.



Fonte: originais disponíveis no Wikimedia;⁶ releituras disponíveis
no site de Nancy Rourke.⁷

⁶ *Mona Lisa*:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mona_Lisa_by_Leonardo_da_Vinci_from_C2RMF_retouched.jpg.

12 Girassóis numa Jarra:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg.

⁷ *Mona Lisa Deaf Revisited*:
<https://www.nancyrourke.com/monalisadeafrevisited.htm>.

Handflowers: <https://www.nancyrourke.com/handflowers.htm>.

Na oportunidade, a professora percebeu que alguns alunos ainda tinham dificuldade de compreender o conceito de cultura surda, portanto, propôs que assistissem, em casa, ao vídeo *Cultura Surda: Literatura, Identidades e Mídia*, disponível no YouTube. O vídeo explica essa temática em Libras de forma clara e conta com a participação de interlocutores surdos de referência para a comunidade surda, como o professor surdo Cacau Mourão.

Figura 3 – Aprofundando os conhecimentos sobre cultura surda com base na obra do poeta surdo Cacau Mourão.



Fonte: acervo pessoal.

Em outra oportunidade, a professora projetou a imagem da obra *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh, e pediu para que os alunos sugerissem a inserção de elementos da cultura surda. Todas as opiniões foram levadas em consideração e registradas. Esse momento proporcionou uma rica troca de saberes e despertar de ideias.

Munidos da bagagem necessária para enfrentarem os desafios propostos pelo Campeonato, a professora sugeriu a distribuição de tarefas entre os integrantes do grupo, incluindo a participação colaborativa dos professores intérpretes dos respectivos alunos. Cada integrante, de acordo com suas habilidades, ficou responsável por parte das atividades estabelecidas no edital do Campeonato. As tarefas, portanto, ficaram assim distribuídas:

- **aluna surda Sheron Hillary da Silva Antunes** – produção do desenho de releitura da obra *Campo de Girassóis*, inspirada em Van Gogh (considerando as sugestões de inclusão dos elementos da cultura surda feitas pelos demais colegas surdos);
- **professora da Sala de Recursos** – elaboração dos roteiros de gravação;
- **aluno surdo Whesley Felix Rodrigues** – ensaiar roteiro e gravar vídeo sobre vida e obra de Van Gogh;
- **aluna surda Marcela Raissa Gonçalves dos Santos** – ensaiar roteiro e gravar vídeo sobre vida e obra de Cacau Mourão;
- **professora intérprete 1** – ensaio com os alunos surdos;
- **professor intérprete 2** – gravação e edição dos vídeos.

Figura 4 – Alunos surdos fazendo a gravação dos vídeos propostos no edital do Campeonato.



Fonte: acervo pessoal.

Cumpridas todas as exigências do edital, o trabalho foi enviado, e restava-nos aguardar o resultado, o qual foi dado por meio de transmissão ao vivo, na qual, surpreendentemente, anunciaram a nossa conquista do 1º lugar na categoria EJA e outros. Extremamente feliz, a professora comunicou a todos os participantes em uma singela comemoração na Sala de Recursos, na qual houve a reprodução da live para os alunos vivenciarem o emocionante momento em que seus nomes são citados e seu trabalho elogiado em nível nacional.

Figura 5 – Releitura da obra *Campo de Girassóis* vencedora do 3º
Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras na categoria EJA
e outros.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 6 – Alunos surdos e professores assistindo à live e comemorando a vitória.



Fonte: acervo pessoal.

Resultados e impactos: reflexões e aprendizados

Todo o trabalho, desde o aceite do convite, planejamento, preparação, execução das atividades propostas, até o recebimento do prêmio, buscou protagonizar os alunos surdos, sua língua e cultura nas práticas educativas bilíngues.

O objetivo, que inicialmente era apenas produzir uma releitura da obra *Campo de Girassóis*, agregando elementos da cultura surda para concorrer a um Campeonato em nível nacional, gerou resultados bem mais abrangentes, satisfatórios e inesperados, pois aguçamos o desejo de aprender mais e a força para encarar novos desafios dessa natureza.

Em relação aos docentes, vale destacar o renovo da esperança de que boas práticas educativas, efetivamente bilíngues na educação de surdos, podem transformar o contexto inclusivo e desafiador em um ambiente rico de aprendizagem e trocas colaborativas.

Sobre os alunos surdos, além de se desenvolverem em sua língua natural, a Libras, puderam aprender um pouco mais da língua portuguesa, tão necessária para seu desenvolvimento acadêmico e social. Mas, mais do que isso, despertaram sua capacidade de se expressar nas artes e na literatura, por meio de uma cultura tão peculiar, com a qual se identificam e podem se expressar de forma confortável e dinâmica, a cultura surda.

Receber o prêmio em São Paulo, na renomada Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, foi emocionante e produtivo, pois

o evento, além de reconhecer as práticas exitosas na educação de surdos, uniu profissionais e saberes de diferentes partes do país, os quais construíram elos que garantem a perpetuação das trocas de experiências, que serão replicadas e usufruídas pelos alunos surdos brasileiros.

No entanto, sugerimos que nas próximas edições os alunos surdos, peças fundamentais desse trabalho, também tenham a oportunidade de receber o prêmio presencialmente, para que sejam honrados pela dedicação e inspirem outros surdos a também alçarem altos voos.

Figura 7 – Professora representante da equipe na UFSCar recebendo o prêmio.



Fonte: acervo pessoal.

Considerações finais

Esse trabalho contribuiu sobremaneira para o aprendizado dos envolvidos, tanto alunos surdos como professores, assim como colaborou para que modelos de práticas educativas bilíngues fossem compartilhados, aperfeiçoados e seguidos com o intuito de otimizar a educação bilíngue de surdos no Brasil.

Não aprendemos apenas sobre Van Gogh e releituras artísticas e literárias, mas também sobre compartilhar saberes, valorizar a diversidade linguística e cultural dos povos, especialmente do povo surdo, e a lutar, com as estratégias certas, para conquistar reconhecimento e valorização.

Referências

BERNARDINO, E. L. A.; PEREIRA, M. C. C. Desafios no Ensino-Aprendizagem da Segunda Língua Numa Proposta Bilíngue de Educação Para Surdos. *Línguas & Letras*, v. 20, n. 48, p. 174-193, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23943>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. *Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/Secadi, 2014. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acesso em: 15 fev. 2025.

CAMPELLO, A. R. S. *Pedagogia Visual na Educação dos Surdos-Mudos*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-60829/pedagogia-visual-na-educacao-dos-surdos-mudos>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, G. M. O português como segunda língua dos surdos brasileiros: uma apresentação panorâmica. *Revista X: Curitiba*, v. 12, n. 2, p. 130-150, 2017.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. A. (org.). *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*. Petrópolis: Arara Azul, 2021. v. 1.

A releitura artística como modo de sociabilidade entre alunos surdos e ouvintes na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

**Edinéia de Fatima da Silva
Nicolas Alves Henriques**

(Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Sérgio Rossini)

Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar o relato de experiência das práticas pedagógicas decorrentes da participação no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras na Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos (Emeja) Prof. Sérgio Rossini, situada na região central do município de Campinas, no interior do estado de São Paulo. Responsável por atender um público discente bastante heterogêneo, composto tanto de surdos quanto de ouvintes, tal instituição tem grande importância para aqueles alunos que foram obrigados a interromper em determinado momento seu percurso escolar. Por estar localizada na região central da cidade, a escola recebe regularmente, em um sistema de matrículas constantes, alunos oriundos dos diversos bairros da cidade, devido a seu acesso facilitado, tanto para alunos residentes da região quanto para aqueles que necessitam utilizar o transporte público. Ao ingressarem, os alunos têm a possibilidade de concluir os Anos Finais do Ensino Fundamental, que, em nossa

escola, são oferecidos exclusivamente no turno da noite, visando propiciar o acesso à educação aos estudantes que necessitem trabalhar nos outros períodos do dia.

A Emeja Prof. Sérgio Rossini atua desde 2009 como polo bilíngue, sendo de extrema importância para a inclusão dos alunos surdos no sistema municipal de educação. Se, em razão de problemáticas próprias de nossos meios sociais, muitos alunos ouvintes são recorrentemente obrigados a abandonar a escola, podemos considerar que com os alunos surdos a situação tende mesmo a se complexificar, pois até há pouco tempo eram raras as instituições de ensino que ofereciam uma estrutura mais robusta para seu acolhimento adequado. Tal aspecto, que em períodos recentes tem sido mais frequentemente comentado e refletido, acarretou historicamente em ainda mais dificuldades para essa parcela de alunos no que concerne à sua inclusão e à sua permanência no sistema escolar. A Emeja Prof. Sérgio Rossini, desde sua transformação em polo bilíngue, tem cumprido, portanto, um papel central para uma parcela considerável da comunidade surda do município, uma vez que assegura o direito de tais alunos à educação pública, com o suporte adequado às suas especificidades.

À época da atividade, a instituição contava com três intérpretes de Libras e uma professora bilíngue em sua equipe. Em nosso contexto escolar, as intérpretes, que acompanham as aulas dos diversos componentes curriculares, são responsáveis por

interpretar os elementos trabalhados em aula para os alunos surdos, com quem estabelecem contato direto e constante. A professora bilíngue, por sua vez, acompanha especificamente as aulas do componente curricular de língua portuguesa, sendo responsável pela interpretação dos conteúdos abordados em sala de aula e pela elaboração e adaptação dos conteúdos e das atividades para os alunos em questão.

Contamos com uma série de ações presentes em nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP) que visam à circulação da língua brasileira de sinais no ambiente escolar. Destacamos, por exemplo, as oficinas de Libras desenvolvidas pela professora bilíngue, que ocorrem tanto no contraturno, de maneira mais aprofundada, tendo como público-alvo alunos e funcionários interessados no estudo da língua, quanto no período de aulas, em que é ensinada de maneira vinculada aos componentes curriculares presentes na grade dos Anos Finais. São, além disso, realizados regularmente, no espaço escolar, eventos voltados para a comunidade surda, dos quais os alunos ouvintes são convidados a participar e nos quais a língua preferencial é a Libras, de modo que o português passa a ser utilizado, nesses contextos, como ferramenta de integração para os alunos e funcionários ouvintes que ainda não conheçam a Libras com tanta profundidade. Outrossim, todos os espaços da escola são acessibilizados, contando com pequenas placas equipadas com Códigos QR que conduzem a vídeos elaborados por nossa equipe bilíngue, os quais os estudantes surdos e ouvintes podem acessar

para conferir de que modo são efetuados os sinais dos objetos correspondentes em Libras.

Dessa forma, consideramos que, inserindo a Libras no cotidiano escolar e tratando-a como parte integrante da vida social de nossos estudantes, as oficinas e os eventos promovidos propiciam a possibilidade de estreitamento nas relações entre alunos surdos e ouvintes, os quais, muitas vezes, após aprender sinais novos, se sentem motivados a desenvolver uma conversa direta com os colegas usuários de Libras, sem necessidade da mediação das intérpretes ou da professora bilíngue. Com o aprendizado de uma nova língua e do contato com uma nova cultura por parte da parcela ouvinte dos estudantes, são criados na escola vínculos afetivos que dificilmente seriam viabilizados sem o trabalho adequado em relação à inclusão dos alunos surdos no cotidiano educacional. Além disso, asseguramos a resignificação e a transformação da visão de mundo de nossos estudantes, o que constitui um dos elementos centrais nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Educação de Jovens e Adultos de nossa rede municipal (Campinas, 2013).

Ressaltamos, igualmente, que nossa escola é responsável por receber alunos surdos e ouvintes oriundos de diferentes realidades socioculturais. Ao se matricularem, conforme previsto em nosso PPP, os estudantes realizam uma atividade diagnóstica cuja finalidade é auxiliar os docentes em seu processo de agrupamento em diferentes grupos. Tais grupos, no decorrer do

semestre letivo, passam a adotar o nome de árvores brasileiras, como “Jatobá”, “Ingá” ou “Grumixama”, usualmente escolhidos pelos próprios alunos após o processo de enturmação. Tal procedimento tem o intuito de acolhê-los de maneira mais eficiente de acordo com as idiosincrasias de cada um. Os estudantes surdos, que apresentam diferentes níveis de domínio tanto do português quanto da Libras, também são agrupados com estudantes ouvintes. No momento de participação no Campeonato, havia na escola três estudantes surdos, agrupados em duas turmas diferentes. Dois deles apresentavam excelente proficiência em Libras. Contudo, um dos estudantes surdos, que contava com implante coclear e demonstrava ótimo desempenho em português, não usava, até a chegada em nossa escola, a Libras de maneira corrente.

É nesse contexto socioeducacional que a proposta do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi desenvolvida em nossa escola, de modo que desempenhou uma representatividade inegável para nossa comunidade discente surda e oportunizou que a Libras circulasse, mais uma vez, de forma natural em nossos espaços físicos, promovendo a troca de experiência entre surdos e ouvintes. Além disso, ofereceu a oportunidade para nossos estudantes expressarem suas habilidades artísticas e literárias. Tal atividade permitiu que despertassem neles a autoconfiança e a convicção da capacidade que têm em cooperar uns com os outros e, com isso, criar uma obra de arte capaz de

comover e de receber reconhecimentos externos. Para os professores, a participação no Campeonato também foi muito enriquecedora, pois puderam trabalhar conjuntamente na organização das atividades propostas aos alunos, o que proporcionou aprendizado e troca de experiência dentro de suas áreas de atuação. Por isso, consideramos que tal projeto poderá repercutir positivamente nos trabalhos que serão desenvolvidos em sala de aula em momentos futuros.

Pretendemos que, ao final do capítulo, as ações aqui descritas possam inspirar novas práticas pedagógicas que promovam a inclusão e o acolhimento dos alunos surdos no ambiente escolar, bem como que possam suscitar novas discussões a respeito das metodologias adequadas para o trabalho com surdos e ouvintes. Dessa forma, poderemos cumprir nossos papéis como agentes responsáveis por uma educação globalizante e empática, inclusiva e livre de preconceitos, visando à emancipação dos estudantes. Desse modo, efetuiremos a seguir uma pequena contribuição para as reflexões, sempre necessárias, relativamente a uma educação pública gratuita de qualidade, capaz de acolher igualmente todos os alunos que necessitem dela.

Fundamentação teórica

Com relação às atividades desenvolvidas na educação bilíngue da EJA, no contexto do 3º Campeonato Artístico-Literário

do #CasaLibras, foram adotados alguns referenciais teóricos responsáveis por nortear nossa prática pedagógica. Salientamos, em um primeiro momento, a importância da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, Art. 1º, que reconhece a língua brasileira de sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão. A Libras atuou como mediadora na comunicação entre surdos e ouvintes durante todo o processo de trabalho, possibilitando a interação e aprendizado da Libras de forma natural entre os estudantes, o que foi de extrema importância para desenvolver suas habilidades linguísticas.

Nesse sentido, destacamos também a importância dos estímulos às competências linguísticas dos alunos, uma vez que eles são capazes de apresentar ao grupo discente novas formas de enxergar os meios sociais que os cercam, de estabelecer contato com o mundo e, ainda, de lhes proporcionar diferentes maneiras de expressar suas sensibilidades. Ecoamos, assim, o pensamento de Brito (1993), segundo o qual as línguas naturais desempenham também a função de auxiliar na estruturação do pensamento, o que impacta, no caso dos estudantes, seu processo de ensino e aprendizagem. Assim, pretendemos promover um ambiente interativo entre os diferentes integrantes do espaço escolar para que eles, de fato, fossem protagonistas das atividades desenvolvidas, seja a partir da demonstração de suas habilidades artísticas, seja a partir das discussões promovidas em sala de aula, em que se buscou integrar, com o auxílio da professora bilíngue, os alunos surdos e os alunos ouvintes.

Nossas atividades também foram embasadas em Kozlowski (2000), que salienta o fato de que o surdo, estabelecido em meios sociais dotados de outras manifestações linguísticas, não sinalizadas, se vê obrigado a conviver com duas línguas e duas culturas. Tal aspecto, julgamos, exige por parte da equipe docente o cuidado e a sensibilidade no momento de acolher tais estudantes, que, chegando à escola, se deparam com um ambiente sociolinguístico até há pouco tempo insuficientemente inclusivo – em um contexto no qual as dificuldades de tais estudantes ainda não eram amplamente abordadas, ou até mesmo reconhecidas –, e diferente daquele a que estão habituados.

Destacamos, ainda, a importância dos preceitos integrantes das Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de Campinas, datadas de 2013. Elas preveem que o componente curricular de língua portuguesa, dentre outras coisas, privilegie, no trabalho com os alunos, o estudo dos gêneros textuais, visando “ampliar sua visão de mundo e as possibilidades de sua transformação” (Campinas, 2013, p. 40). Nesse sentido, priorizamos o trabalho dos aparatos artísticos de Van Gogh e do poeta surdo Cacau Mourão a partir da exploração de diversos elementos que pudessem enriquecer nossa prática pedagógica: a apresentação e análise das telas produzidas pelo pintor holandês, a apresentação em vídeo de produções poéticas de Cacau Mourão, o estudo de um texto biográfico a respeito de Van Gogh e, ainda, de poemas que estabelecessem contato com as

temáticas consideradas, como se verá adiante. Assim, além de permitir que os alunos estabelecessem contato com as diferentes semioses, mantivemos, também, o protagonismo do estudo do gênero textual – no caso, os gêneros biografia e poema.

Consideramos que tais procedimentos deviam ser articulados com o grupo discente a partir do incentivo ao diálogo e às análises conjuntas, contra aquilo que se convencionou chamar “educação bancária”. Dessa forma, colocando o aluno no centro do debate e dando-lhe o protagonismo necessário no processo de ensino e aprendizagem, pretendemos propiciar-lhe a constituição de uma nova sensibilidade artística e linguística, apresentando-lhe novos modos de explorar o texto e a obra de arte, bem como de construir argumentos que embasassem suas observações a respeito dos objetos estudados. Para além do contato estabelecido com novos conteúdos, tivemos a intenção de que, como previsto em nossas diretrizes, os trabalhos pudessem auxiliá-los no desenvolvimento de uma nova visão de mundo, que ultrapassasse os limites do meio escolar. Portanto, partimos também de uma perspectiva que considera a educação como elemento libertador e problematizador, como previsto por Paulo Freire (1987). Visamos, com isso, a partir dos conteúdos trabalhados, possibilitar a emancipação do aluno.

Sobre as abordagens teóricas a respeito dos movimentos artísticos do final do século XIX e início do século XX – alguns aos quais Van Gogh foi vez ou outra associado por parte da crítica –,

utilizamos como base a obra de Gombrich (2022). Para a análise da fonte biográfica de Van Gogh, norteou nossa análise o aparato teórico de Pierre Bourdieu. Em nossa exposição a respeito da vida do pintor holandês para o grupo discente, utilizamos como referências os conceitos de capital (Bourdieu, 1996a) e de trajetória (Bourdieu, 1996b), propostos pelo sociólogo francês.

Para ele, as tomadas de posição dentro de um campo específico – no caso, o campo artístico – visam ao acúmulo dos quatro capitais: cultural, econômico, simbólico e social. As posições sucessivamente ocupadas por determinado agente no campo revelam, por sua vez, sua trajetória. Nesse sentido, o estudo de elementos biográficos “leva[m] à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (Bourdieu, 1996b, p. 81).

Portanto, na exposição da biografia de Van Gogh, consideramos, por exemplo, os elementos relacionais da vida daquele agente, como os contatos que estabeleceu com outros integrantes do campo artístico e os capitais, mais ou menos acumulados, decorrentes de tais relações. Tais aspectos não foram, contudo, abordados de maneira exaustiva junto ao grupo discente, tendo servido apenas como substrato teórico para nossa exposição, cujos termos e suas abordagens foram moldados de

acordo com a bagagem das experiências pessoais dos estudantes, bem como com as discussões por eles suscitadas.

Metodologia

Foram incumbidos do planejamento da atividade a professora bilíngue e o professor de língua portuguesa. No caso da professora bilíngue, trata-se de profissional responsável por acompanhar e auxiliar os estudantes surdos durante as aulas daquele componente curricular, como salientado anteriormente. Esse trabalho colaborativo, associado à atuação do professor bilíngue em nossa rede, está previsto na Portaria nº 13, de 2016, da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Campinas. Tal atuação, que consiste em um trabalho de docência compartilhada, é caracterizada a seguir:

Na docência compartilhada o professor bilíngue tem como função compartilhar conhecimentos específicos para planejar e realizar conjuntamente ao professor de ensino comum o processo educativo dos surdos em uma perspectiva visual e espacial, de forma a garantir o acesso a todos os conteúdos escolares utilizando a Libras como língua de instrução, principalmente no ensino de Língua Portuguesa escrita (Campinas, 2016, p. 5).

A respeito da organização das diferentes etapas relativas à participação dos estudantes no Campeonato, foram utilizados tempos pedagógicos integrantes das jornadas dos dois docentes. Tais tempos pedagógicos são sempre usados por parte do

professor bilíngue para planejamento junto ao professor do componente curricular que ele é responsável por acompanhar. No caso do professor de língua portuguesa, tais horas pedagógicas passam a ser utilizadas na companhia do professor bilíngue após sua atribuição em uma escola frequentada por alunos surdos.

A atividade desenvolvida adotou diferentes abordagens pedagógicas, no intuito de despertar o interesse dos discentes e de incentivar seu envolvimento direto nos trabalhos propostos. Com isso, privilegiamos momentos expositivos, de leitura conjunta e, ainda, de interação entre docentes e estudantes, em que estes puderam atuar de forma ativa no desenvolvimento do trabalho.

Utilizamos como metodologia, portanto, diferentes estratégias: em uma primeira etapa, privilegiamos a apresentação do Campeonato e a exposição de suas instruções, reiterando sua importância para a formação do grupo discente, além de termos proporcionado um contato inicial entre eles e as obras de Van Gogh e de Cacau Mourão; em um segundo momento, partimos para discussões junto ao grupo discente, no intuito de dar-lhes maior protagonismo e de incentivar o compartilhamento de suas opiniões; por fim, demos início à prática artística, em que os estudantes estiveram livres para planejar a releitura proposta e executar de forma conjunta suas ideias. Houve, ainda, um momento dedicado à elaboração de um vídeo em Libras, protagonizado por uma aluna surda, o que ocorreu com o auxílio da professora bilíngue. Tais etapas serão esmiuçadas no item a seguir.

Relato da experiência

A atividade dividiu-se em quatro dias, ocupando o período integral reservado ao componente curricular de língua portuguesa, isto é, cinco aulas por noite. Tais encontros ocorreram quinzenalmente, de modo que a atividade, até seu encerramento, se estendeu por cerca de dois meses no cotidiano escolar, o que permitiu maior envolvimento por parte dos alunos com o Campeonato. A turma eleita pelos docentes para participação no evento denominava-se “Jabuticabeira” e contava, à época, com dois de nossos três alunos surdos. A aluna Pamela Aparecida Angelo apresentava ótimo desempenho em Libras e foi escolhida para a elaboração do vídeo solicitado; o outro aluno, Antonio Carlos da Silva, contemplado com implante coclear e dotado de boa proficiência em língua portuguesa, participou da concepção e da criação da releitura da obra inspirada em Van Gogh.

No primeiro dia, pretendemos, a partir de momentos expositivos, apresentar-lhes o contexto do Campeonato, bem como suas regras. Assim, procuramos maneiras de sensibilizá-los a respeito de sua importância para a inclusão dos alunos surdos, bem como da relevância que desempenharia na formação educacional de todos. Pretendíamos, ao final da exposição, averiguar de modo democrático o interesse do grupo, composto exclusivamente de adultos, em participar do evento.

Sentimo-nos satisfeitos ao perceber que todos os estudantes ouvintes presentes, que em nossa escola estão sempre em contato com estudantes surdos, reconheceram a importância da atividade e desejaram espontaneamente iniciar os trabalhos que lhes haviam sido propostos. Por sua vez, os estudantes surdos consideraram que a participação no Campeonato constituiria uma maneira de acirrar ainda mais seus relacionamentos com o restante do grupo.

Com isso, cientes de que participaríamos da competição, bem como de quais alunos seriam responsáveis por representar nossa instituição, pudemos dar continuidade ao planejamento das próximas etapas, que deveriam culminar na elaboração de um vídeo em Libras por parte de um estudante surdo – apresentando a história do poeta surdo Cacau Mourão e a biografia de Van Gogh –, bem como na releitura da imagem por parte do restante do grupo discente, em que estavam também incluídos os ouvintes.

No encontro seguinte, foram esmiuçados elementos concernentes à obra de Van Gogh que nos auxiliariam posteriormente na elaboração da resenha proposta, assim como a obra do poeta surdo Cacau Mourão. Nesse contexto, foi apresentada pela primeira vez a obra disparadora do Campeonato, isto é, uma imagem produzida por Anderson Marques da Silva e Rodrigo Vecchio Fornari (integrantes do #CasaLibras) e que foi inspirada em Van Gogh. Também, nesse momento, trabalhamos com os alunos a descrição poética, com base na versão sinalizada

em Libras pelo poeta surdo Cacau Mourão sobre a produção de Van Gogh, enfatizando a riqueza e a importância das manifestações artísticas e literárias da cultura surda.

Preparamos uma aula a respeito dos principais movimentos artísticos, na intenção de evidenciar aos estudantes a importância que Van Gogh desempenhou para a arte do final do século XIX, bem como para as vanguardas que se seguiram a ele, no início do século XX. Iniciamos com a apresentação de algumas obras renascentistas, como *A última ceia*, de Leonardo da Vinci, e *A escola de Atenas*, de Rafael.

A finalidade era mostrar aos estudantes como, no decorrer da história da arte, a pintura foi pouco a pouco perdendo alguns de seus elementos mais tradicionais, como a busca pela simetria e pela precisão representativa de certos elementos, até se tornar pouco a pouco não figurativa, como se verifica em certas correntes artísticas da contemporaneidade. Pretendemos, com isso, situar Van Gogh, e os impressionistas e neoimpressionistas de modo mais amplo, no cerne de tal processo.

Além disso, trabalhamos paralelamente certas manifestações poéticas em língua portuguesa – barrocas, árcades, românticas e parnasianas –, na intenção de incentivar os estudantes a se questionarem de que modo tais rupturas artísticas, constatadas em certas tomadas de posição no campo (Bourdieu, 1996a) favoráveis a determinado movimento ou outro, são também verificadas e mesmo reproduzidas em produções literárias.

Incentivamos, com isso, a busca pela transdisciplinaridade e pela expansão nas concepções artísticas do grupo discente, a partir de sua exposição às diferentes linguagens, verbais ou não.

No caso dos alunos surdos, o acompanhamento das obras abordadas deu-se a partir da mediação por parte da professora bilíngue. Em seguida, como costumamos fazer após os períodos expositivos, possibilitamos a discussão entre os presentes a respeito dos temas abordados, visando incentivar as participações dos estudantes em sala de aula, bem como permitir-lhes construir seus argumentos e expor suas opiniões.

No terceiro encontro, partimos para a leitura do livro *Descobrimo o mundo mágico de Van Gogh*, desenvolvido por Maria Jordà e Carles Pagès, que apresenta a biografia e algumas produções do pintor holandês. Pretendemos, nesse momento, abordar sua trajetória (Bourdieu, 1996b) a partir de um ponto de vista sociológico, evidenciando seu processo formativo, as relações que havia estabelecido com seus pares e, ainda, seu reconhecimento como artista, representado pelo acúmulo ou não de capital simbólico (Bourdieu, 1996a), o que somente lhe foi legado tardiamente.

Nesse sentido, tendo, durante o processo de participação no Campeonato, podido trabalhar textos literários e não literários, representados respectivamente pelos poemas e pelo texto biográfico de Jordà e Pagès (2013), não desconsideramos o papel central que os gêneros textuais ocupam no processo de promoção

das competências linguísticas dos estudantes, os quais devem constituir elemento central nas práticas pedagógicas do componente curricular de língua portuguesa (Campinas, 2013).

O quarto dia foi reservado para auxiliar os estudantes em seu processo de produção artística, em que ficaram responsáveis por planejar e desenvolver a releitura da obra estipulada. Nessa etapa, os alunos reuniram-se em grupo para criar a releitura da obra inspirada em Van Gogh, que deveria conter elementos característicos da cultura surda.

Os alunos depararam-se com diversas possibilidades de abordagem artística, porém a sugestão que mais lhes agradou, compartilhada por um de nossos alunos surdos, propunha que no lugar dos girassóis fossem carimbadas e, posteriormente, pintadas suas próprias mãos, na finalidade de expressar a diversidade que reconheceram em seu grupo. Para substituir o sol, nosso aluno surdo implantado desenhou um implante coclear, como modo de deixar registrada sua identidade surda. Com as cores utilizadas na pintura, os estudantes também pretenderam destacar a riqueza de suas individualidades. Reproduzimos a seguir a versão final da obra por eles concebida e elaborada.

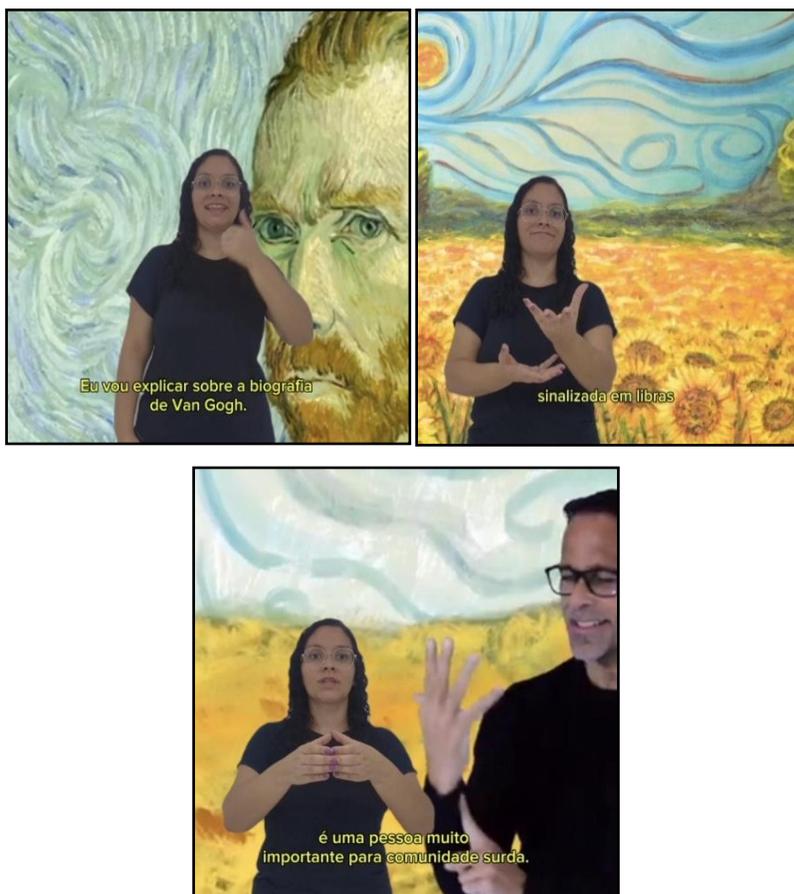
Figura I – Pintura vencedora do 1º lugar na categoria EJA, releitura da obra inspirada em Van Gogh.



Fonte: acervo pessoal.

Além disso, de acordo com as regras do Campeonato, além da pintura sobre a releitura da obra citada, um aluno surdo deveria fazer um vídeo de até cinco minutos sobre a biografia de Van Gogh e do poeta surdo Cacau Mourão. Decidimos, então, que uma de nossas alunas surdas estudaria com profundidade a vida dos autores e faria o vídeo em Libras. Realizamos a gravação na própria escola em três etapas: estudo da biografia dos dois agentes, Van Gogh e Cacau Mourão; estudo dos sinais em Libras para composição do vídeo; e, por fim, escolha das imagens e edição. Reproduzimos a seleção de trechos extraídos do vídeo.

Figura 2 – Trechos do vídeo sobre a biografia de Van Gogh e de Cacau Mourão, feito pela aluna Pamela Aparecida Angelo.



Fonte: acervo pessoal.

Como maior desafio enfrentado, destacamos a resistência por parte de alguns estudantes, não em relação à participação no Campeonato, mas em acatar seu caráter transdisciplinar. Nesse sentido, a abordagem de certos conteúdos artísticos durante as aulas de língua portuguesa, apesar de intimamente relacionados

com elementos típicos daquele componente curricular – como a necessidade de tratar de diferentes gêneros artístico-literários, bem como de manifestações linguísticas verbais e não verbais –, chamou a atenção de uma parcela de estudantes que previam um maior distanciamento entre as disciplinas presentes em sua grade curricular. Assim, foram necessários momentos, mesmo que breves, que visavam sensibilizar os estudantes em relação ao caráter transdisciplinar do Campeonato, assim como de nossas práticas pedagógicas.

Tal desafio justifica-se, possivelmente, devido ao fato de uma parcela de nossos alunos, apesar de seu interesse inegável em concluir seus estudos e em usufruir de todas as ferramentas pedagógicas proporcionadas pelo ambiente escolar, ter sua formação inicial em um período em que os meios educacionais brasileiros se imbuíam, ainda, de práticas bastante tradicionais, as quais usualmente não privilegiavam o contato entre as diferentes disciplinas ou sua desierarquização.

Colocando o estudante como mero receptor do conhecimento transmitido pelo professor, tais abordagens pedagógicas, associadas a práticas tecnicistas (Candau, 2012) da educação, ainda encontram eco em uma parcela significativa dos estudantes que retornam atualmente ao ambiente escolar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Salientamos, contudo, que tal resistência não impediu o bom andamento do trabalho, de modo que, ao final, todos reconheceram sua

importância e apresentaram uma nova visão a respeito dos temas propostos, como verificamos a seguir.

Resultados e impactos: reflexões e aprendizados

Os alunos apreciaram a experiência de participar do Campeonato e vencer em primeiro lugar na categoria EJA. Alguns afirmaram que nunca haviam tido contato com os agentes e as obras analisadas e que ficaram encantados com a história de vida de Van Gogh e de Cacau Mourão. Outros relataram a importância de participar de um Campeonato, em nível nacional, tão importante e que teve como intenção valorizar a comunidade surda, promovendo igualdade e oportunidades para todos. Além do reconhecimento de que os diferentes componentes curriculares devem circular pela escola, em práticas que privilegiam a transdisciplinaridade e a desierarquização entre as disciplinas, os estudantes julgaram que sua participação auxiliou ainda mais na integração e no acolhimento dos estudantes surdos.

A seguir, reproduzimos a imagem registrada do momento em que os professores apresentaram aos estudantes a divulgação dos resultados dos vencedores do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Figura 3 – Divulgação do resultado dos vencedores do 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.



Fonte: acervo pessoal.

Nós, professores, também consideramos enriquecedora a oportunidade de participar do campeonato, pois abriu nossa mente para novos saberes. Além disso, acreditamos que trabalhar com tais projetos na escola é importante para o desenvolvimento do aprendizado de nossos estudantes, bem como para a interação entre surdos e ouvintes, de modo que a cultura surda e a Libras possam fazer parte do ambiente escolar de uma maneira mais efetiva. Na foto a seguir, verificamos a entrega da premiação à professora bilíngue Edinéia, representando a Emeja Prof. Sérgio Rossini, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Figura 4 – Da esquerda para a direita: Regina, coordenadora de mídias do #CasaLibras; Prof. Guilherme Nichols, vice-coordenador do #CasaLibras; Edinéia, professora bilíngue da Emeja Prof. Sérgio Rossini; e Vanessa Martins, coordenadora geral do projeto #CasaLibras.



Fonte: acervo pessoal.

Em momento posterior ao recebimento das medalhas e dos certificados por parte da professora bilíngue, separamos um dia para fazer um evento na escola e entregar a premiação aos estudantes, o que foi maravilhoso para eles. Eles sentiram-se honrados e animados e afirmaram que gostariam de participar dos próximos campeonatos que surgirem.

Figura 5 – Cerimônia de entrega das medalhas aos estudantes.



Fonte: acervo pessoal.

Considerações finais

A participação no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras para surdos proporcionou impactos positivos para nossa comunidade escolar. Participar de um Campeonato com tamanha representatividade em nível nacional oportunizou aos docentes reflexões sobre suas práticas pedagógicas em sala de aula, auxiliando-os na busca de estratégias para um ensino mais eficiente relativamente ao público discente atendido pela Emeja Prof. Sérgio Rossini.

Outrossim, o Campeonato garantiu aos estudantes o senso de pertencimento necessário para o bom acolhimento escolar. Eles sentiram-se incluídos e valorizados, uma vez que puderam mostrar suas habilidades artísticas e realizar o compartilhamento de

experiências, o que culminou no fortalecimento da cultura surda em nosso espaço pedagógico. Também consideramos que o Campeonato tenha promovido igualdade de oportunidades entre os diversos estudantes, garantindo que surdos e ouvintes tivessem acesso às mesmas experiências e conteúdos, possibilitando a interação entre eles e garantindo um ambiente rico de aprendizado mútuo e de empatia. Por fim, foram muitas experiências positivas que ficarão marcadas na vida dos discentes e docentes participantes do Campeonato.

Referências

BOURDIEU, P. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

BOURDIEU, P. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1996b.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRITO, L. F. *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

CAMPINAS. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Educação de Jovens e Adultos*. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas/Secretaria Municipal de Educação/Departamento Pedagógico/Assessoria de Currículo e Pesquisa Educacional, 2013.

CAMPINAS. Portaria SME nº 13/2016. *Diário Oficial do Município de Campinas*, Campinas, p. 4-5, 27 jun. 2016.

CANDAU, V. M. A didática e a formação de educadores – Da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 13-24.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

JORDÀ, M; PAGÈS, C. *Descobrimo o mundo mágico de Van Gogh*. São Paulo: Océano S. L., 2013.

KOZLOWSKI, L. A educação bilíngue-bicultural do surdo. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M. C. (org.). *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue*. São Paulo: Plexus, 2000.



Sobre os Vencedores

CATEGORIA – EDUCAÇÃO INFANTIL
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Marcia Alves de Souza
ALUNOS: Hillary Helena Lima Marcela Querino Braz Miguel Henrique Silva de Oliveira Sofia Rodrigues Costa Arthur Henrique Sileo Grativol Daniel Valentim Otávio Joseph Silva Gonçalves Davi Lorenzo Cossas Silva
ESCOLA: EMEBS Charles Michel de L'Épée
CIDADE: Itaquaquecetuba/SP

CATEGORIA – EDUCAÇÃO INFANTIL
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Silvia Ventura Ortiz Larissa de Oliveira Santos
ALUNOS: Carlos Lorenzo Silva Amorim Dharen Sebastian Soliano Santana Heitor Muniz Duarte Pedro Henrique Rodrigues de Lima

Sophia Rodrigues da Silva Joaquim Della Rovere Nicolly Gabriele Araújo de França Sophia Emanuely Mazzucato Fanti
ESCOLA: E.P.G Crispiniano Soares
CIDADE: Guarulhos/SP

CATEGORIA – EDUCAÇÃO INFANTIL
CLASSIFICAÇÃO: 2º colado
PROFESSORES: Danise Machado Sczapanovski Beatriz Aparecida Protcz
ALUNOS: Ana Clara Martins Cuchar Gustavo Kruger Martins João Gabriel Oliveira Okuda Lara Beatriz Porto
ESCOLA: Escola Municipal Bilíngue de Instrução em Libras Professora Jaqueline Fontoura Santos
CIDADE: Guarapuava/PR

CATEGORIA – EDUCAÇÃO INFANTIL
CLASSIFICAÇÃO: 3º colado
PROFESSORES: Ennária Maria Dantas Leite Ivone Maria Neves Santana Roberta Rolim Tamasia Figueiredo
ALUNOS: Alice Ramos De Brito Alicia Almeida Da Silva Emilly Nicacio Madruga Henrique Gabriel Dias da Silva Laura do Nascimento Maria Heloísa Pacheco Costa
ESCOLA: Escola Municipal Bilíngue de Instrução em Libras Professora Jaqueline Fontoura Santos
CIDADE: Guarapuava/PR

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL I
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Maria Euzimar Nunes Rodrigues Tania Vilero da Silva Marfisa Bernardino Nascimento Silvana Silva Rodrigues
ALUNOS: EQUIPE 1: Ana Cecília Valdevino da Silva Ana Gabriele de Freitas Batista Caio Erick Pontes Vieira João Bernardo Macieira Cavalcante Sabrina Alves Cavalcante EQUIPE 2: Ana Beatriz Gomes Rosário Hannah Bell Lima Almeida Jonatas Silva Lima Filho Maria Isabella Rodrigues Bento Monique Lauhane Bezerra Costa EQUIPE 3: Ana Cecília Freitas Bandeira Arthur Gomes Sampaio Francisco Davi Viana Crisostomo João Pedro Bandeira da Silva Nicole Araújo Lemos
ESCOLA: EMTI Educação Bilingue Francisco Suderland Bastos Mota
CIDADE: Fortaleza/CE

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL I
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Rafael de Arruda Bueno José Miguel
ALUNOS: Guilherme Silva dos Santos Pyetro Kaue Rodrigues Coimbra Silva Emanuelly Fernanda Franco de Santana Davi Lopes Calor
ESCOLA: CEMEAR - Centro Municipal de Educação e Artes
CIDADE: Guarulhos/SP

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL I
CLASSIFICAÇÃO: 2º colado
PROFESSORES: Letícia Muniz Magalhães da Cunha
ALUNOS: Mariliz Mamani Quispe Jadson Pereira de Alencar Isis Valentina Soares Ribeiro Maria Clara Bresolino Lourenço Lorenzo Miguel Dias da Silva
ESCOLA: E.P.G Crispiniano Soares
CIDADE: Guarulhos/SP

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL I
CLASSIFICAÇÃO: 3º colado
PROFESSORES: Viviane Anselmo Romano Bidu
ALUNOS: Adriel Sousa da Silva Porto Melissa Souza Honorato Renan Fernandes Casimiro Willian Matheus Rodrigues Martins
ESCOLA: EMEBS Charles Michel de L'Épée
CIDADE: Itaquaquecetuba/SP

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL I
CLASSIFICAÇÃO: 3º colado
PROFESSORES: Claudia Tavares de Ramos Mendes
ALUNOS: Mirella Silva dos Anjos Leticia Freitas Figueira Ruan Paulo dos Santos Ashley Irlanda Javier
ESCOLA: Escola Bilíngue para Surdos Nydia Moreira Garcêz
CIDADE: Paranaguá/PR

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL II
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Joilma Lopes de Carvalho Roberta Aparecida de Jesus Souza Alicyary Moreira; Lourdes Fátima Basílio
ALUNOS: <u>Grupo A:</u> Alice Vitoria Batista da Rosa Ana Vitoria Goncalves dos Santos Eduardo Silva do Val Giovanna Santos da Silva Amaral Joao Vitor da Silva <u>Grupo B:</u> Alexander Ribeiro de Oliveira dos Santos Maria Eduarda Domingues Gabriela Francisca do Nascimento <u>Grupo C:</u> Lyvia Eduarda Oliveira Pacifico Mayra Alves Santana de Souza Luis Eduardo Bezerra Gomes
ESCOLA: Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan
CIDADE: São Paulo/SP

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL II
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Sabrina Maria de Amorim Cavequia
ALUNOS: João Pedro de Oliveira Nascimento Érick Kawan Fernandes dos Santos Maria Vitória Campos Luiza Maggi Banhato Nicole de Oliveira Richard Otavio Mello Gomes
ESCOLA: EMEB Profª Dalila Galli
CIDADE: São Carlos/SP

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL II
CLASSIFICAÇÃO: 2º colado
PROFESSORES: Samara Ellen Conrado
ALUNOS: Beatriz Vizzoto Fernanda Marques de Araujo Silva Victor Gabriel Oliveira Nascimento Rafael Henrique Senra Souza
ESCOLA: Emef Sebastiao de Aguiar Azevedo
CIDADE: Ribeirão Preto/SP

CATEGORIA – ENSINO FUNDAMENTAL II
CLASSIFICAÇÃO: 3º colado
PROFESSORES: Elizamar Lima Feitosa Tatiane de Souza Maduro
ALUNOS: Alana Sâmara Silva Do Nascimento Ariane Gomes Marinho Gean Alefe Teixeira Freitas Debora Ester dos Santos Alice Lendengues Dias
ESCOLA: Escola Estadual Dr Ulysses Guimarães
CIDADE: Boa Vista/RR

CATEGORIA – ENSINO MÉDIO
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Pedro Henrique Lopes Ribeiro
ALUNOS: Juan Victor Corrêa Lopes Ruan Victor Duarte de Sá Vitória Braga dos Santos Natanael de Sena Sampaio Leandro Joelson Bente Duarte
ESCOLA: Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi
CIDADE: Manaus/AM

CATEGORIA – ENSINO MÉDIO
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Tatiana Plovato Jailza dos Santos Martins
ALUNOS: Angela Flores Anthony Flores Fortunatti Cauã da Silva Amaral Hellen Longhi da Silva Kathrein Medeiros Abel Igor Samuel Carvalho Moreira
ESCOLA: Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller
CIDADE: Caxias do Sul/RS

CATEGORIA – ENSINO MÉDIO
CLASSIFICAÇÃO: 2º colado
PROFESSORES: Mirelli Montes Dias Gyslane Damares Beatriz Rabêlo Josevânia Santos
ALUNOS: Edinaldo Santos Novais Marcos Wendell Da Silva Cardoso

Roberta Beatriz Machado Santos Vitor Ednaldo Santos Ferreira
ESCOLA: Instituto Pedagógico de Apoio a Educação do Surdo de Sergipe
CIDADE: Aracaju/SE

CATEGORIA – ENSINO MÉDIO
CLASSIFICAÇÃO: 3º colado
PROFESSORES: Virgínia Maria Zilio
ALUNOS: Cleberson Andre da Cruz Machado Daniel Camargo Pereira Gabriel de Miranda Viegas Ana Gabriela de Oliveira Correa, Luan Heim da Cunha, Vitor Kauê Portal da Rosa Kauan Raphael de Souza Vaz Zaquel Samuel Barreto da Rosa Denise Scheeffter Marques
ESCOLA: Escola Estadual Especial Padre Reus
CIDADE: Esteio/RS

CATEGORIA – EJA/OUTROS
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Edineia de Fatima da Silva Nicolas Alves Henriques
ALUNOS: Antônio Carlos Silva Pamela Aparecida Ângelo Luzia Tereza da Conceição Silva Vandelena Frezatti Maria Joelma Sousa
ESCOLA: EMEJA Prof. Sérgio Rossini
CIDADE: Campinas/SP

CATEGORIA – EJA/OUTROS
CLASSIFICAÇÃO: 1º colado
PROFESSORES: Gabriella Coelho Motta Pizzani Leandro Bruno da Silva Danusa Cristina Duarte Ferreira e Freitas
ALUNOS: Sheron Hillary da Silva Antunes Whesley Felix Rodrigues Marcela Raissa Gonçalves dos Santos
ESCOLA: Escola Estadual Engenheiro Caldas
CIDADE: Caratinga/MG

CATEGORIA – EJA/OUTROS
CLASSIFICAÇÃO: 2º colado
PROFESSORES: Germana Maria de Araujo Lima Rodrigues Bibiana Silva Barbosa
ALUNOS: Alessandro Cordeiro Dantas Celene Maria Ferreira De Freitas Debora Nogueira Da Silva Emanuela Crisanta Portela Francisco Gilberto Dantas Jose Rudson Nunes Carneiro
ESCOLA: Instituto Cearense de Educação de Surdos - ICES
CIDADE: Fortaleza/CE

CATEGORIA – EJA/OUTROS
CLASSIFICAÇÃO: 3º colado
PROFESSORES: Jeocasta Ataídes de Almeida Daiane Abadia de Souza David Rodrigues Marques Patricia Matos Leme Patricia de Queiróz Costa Amorim
João Paulo Aparecido Teixeira Nicolle dos Santos Mota Davi Felipe Santos Soares Emanuely Fernanda Moretti Da Silva Kamilli Bianca Da Silva Valério Vitória Beatriz da Silva Valério Luanne Vitória Gonçalves Caldeira Pietro Gabriel De Moraes Ana Beatriz Ferrero Matheus Teles Carneiro Ana Carolina Bento Bondance Fabiana Natalia Rosa Michael Douglas De Souza
ESCOLA: Associação de Surdos - Libras Piracicaba (Assupira)
CIDADE: Piracicaba/SP

Reconhecimento de boas práticas de ensino para surdos e premiação do 3º campeonato artístico-literário

Data: 06/12/2024

Local: Anfiteatro Bento Prado Júnior - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - São Carlos/SP



Equipe #CasaLibras, juntamente com Marisa Lima, Coordenadora Geral Dipebs/Secadi/MEC



Da esquerda para a direita: César, Anne, Priscila, Regina, Guilherme, Marisa, Vanessa, Rodrigo, Fernanda, Yasmin e Luiza

Professores vencedores do 3º campeonato artístico-literário,
juntamente com Marisa Lima, Coordenadora Geral Dipebs/Secadi/MEC



Da esquerda para a direita: Lourdes, Gabriella, Márcia, Jailza, Marisa, Edinéia, Pedro, Rafael, Vanessa, Silvia, Maria Euzimar e Larissa



Da esquerda para a direita: Edinéia, Jailza, Pedro, Lourdes, Gabriella, Maria Euzimar, Rafael, Márcia e Silvia



Da esquerda para a direita: Cláudio, Rafael, Edinéia, Jailza, Lourdes, Aline, Gabriela, Vanessa, Silvia, Sabrina, Pedro, Maria Euzimar e Márcia



Últimas Palavras

Considerações finais

Encerramos esta obra, *Retratos de uma Educação com Surdos: Boas Práticas no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras*, com um sentimento profundo de gratidão. Gratidão a todas as muitas mãos parceiras, línguas, ideias e afetos que deram forma a este percurso, promovido pela força do coletivo. A cada pessoa, instituição e gesto de parceria e afeto que possibilitou a realização desta edição: à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), especialmente à Pró-Reitoria de Extensão (ProEx), por acolher e impulsionar ações que transcendem os muros da universidade; ao Ministério da Educação (MEC), em especial à Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (Dipebs), cujo apoio foi decisivo para tornar este sonho possível; e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que permitiu o entrelaçamento entre pesquisa, prática e extensão.

Nosso agradecimento estende-se também à equipe do *#CasaLibras*, aos colaboradores externos que contribuíram de forma decisiva para esta edição do Campeonato, aos professores e professoras de estudantes surdos espalhados por todo o Brasil, aos alunos – especialmente os surdos – que deram vida às produções, às avaliadoras que enfrentaram o desafio de selecionar as obras vencedoras, entre tantas criações potentes, e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, tornaram possível que este Campeonato acontecesse com tanta beleza e sentido.

Este livro é mais do que um registro: é a celebração de uma conquista coletiva pela valorização das práticas culturais surdas no espaço escolar. Nele, entrelaçam-se as memórias das *lives* formativas dirigidas aos docentes, os materiais pedagógicos em Libras produzidos pela equipe e os encontros promovidos entre professores e estudantes em escolas bilíngues, inclusivas e associações de surdos de diversas regiões do país. Trata-se, também, do reflexo de uma educação que se constrói na diversidade das práticas escolares com surdos, dos territórios, das línguas e das infâncias surdas, marcada pela materialidade educativa em Libras e pela afirmação de uma cultura escolar sensível às singularidades desses estudantes.

A terceira edição do *Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras*, realizada no segundo semestre de 2024, reafirmou seu caráter nacional ao contar com a participação de, aproximadamente, 50 escolas e 550 pessoas envolvidas, entre docentes e discentes, fortalecendo redes de ensino comprometidas com a educação bilíngue de surdos. Houve um crescimento expressivo na participação, com representação de quase todas as regiões do país – excetuando-se a região Centro-Oeste, que buscaremos alcançar em futuras edições. Muitas das instituições participantes eram escolas de surdos ou programas bilíngues já consolidados – cuja adesão nos trouxe tamanha alegria.

As produções sinalizadas foram inspiradas na poesia em Libras inédita *O Campo de Girassóis de Van Gogh em poesia: releitura*

sinalizada, de autoria do poeta surdo Cláudio Mourão, e na obra *Quem sou eu? Van Gogh*, de Aline Pinto, cuja versão em Libras foi realizada por Ityara Girke e produzida pelo #CasaLibras. O Campeonato foi estruturado em cinco categorias – Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA/Outros –, com editais específicos para cada uma delas, prevendo ações pedagógicas e critérios avaliativos em Libras adequados às particularidades de cada nível de ensino.

A edição e produção dos vídeos contou com o olhar sensível de Rodrigo Vecchio Fornari e com as imagens criadas por Anderson Marques da Silva, ambos integrantes da equipe do #CasaLibras, evidenciando a potência estética e linguística da Libras como língua de criação e expressão e o ineditismo de nosso Campeonato.

A cerimônia de premiação, realizada no dia 6 de dezembro de 2024, na UFSCar, com transmissão ao vivo pelo MEC, reuniu representantes do MEC, professores, técnicos da universidade e membros da comunidade surda, num momento de reconhecimento institucional e celebração do protagonismo docente e discente, especialmente dos estudantes surdos. Foram reconhecidas, nesse espaço, as *boas práticas educativas com surdos*, promovidas a partir do Campeonato. Medalhas, troféus, camisetas e certificados foram entregues como gestos simbólicos de valorização de práticas pedagógicas que promovem a Libras e os marcadores culturais surdos nas escolas brasileiras.

Mais do que um evento, o Campeonato consolidou-se como um movimento político, pedagógico e estético voltado às comunidades surdas e à sua inserção legítima nas práticas educativas. Os resultados expressam o compromisso com uma escola plural e atenta às diferenças, reafirmando a educação bilíngue de surdos como uma modalidade de ensino e um campo legítimo de criação, resistência e transformação. A diversidade regional dos vencedores – com escolas premiadas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Amazonas e Rio Grande do Sul – atesta a capilaridade e a força do #CasaLibras como programa de alcance nacional.

Entre os impactos e desdobramentos mais significativos desta edição, destacam-se:

- a consolidação do #CasaLibras como política pública de formação continuada, difusão de práticas pedagógicas e valorização da arte e da cultura surda;
- a valorização das pessoas e das infâncias surdas, bem como de suas formas de expressão, por meio de uma articulação potente entre arte, literatura, direitos linguísticos e identidade surda;
- a participação de escolas de localidades variadas, com destaque para o aumento significativo da representatividade das regiões Norte e Nordeste do país, em comparação com as edições anteriores, nas quais predominava a adesão de instituições das regiões Sudeste e Sul;

- o fortalecimento da pesquisa aplicada no campo da educação bilíngue, em diálogo com o projeto financiado pela Fapesp (Processo n° 2023/12886-5), cujos dados contribuem para a retroalimentação das práticas pedagógicas com consistência empírica e rigor ético.

Os frutos do Campeonato são muitos: esta publicação, que reúne as experiências premiadas; a disponibilização dos vídeos no site e no canal do YouTube do *#CasaLibras*; a ampliação da rede de escolas bilíngues de surdos e inclusivas em articulação com universidades; e o reconhecimento da Libras como língua de instrução e de criação literária e artística, em consonância com o direito linguístico da população surda.

Digno de destaque foi o envolvimento posterior das redes de ensino nas ações de valorização dos vencedores: estudantes e educadores. Ao todo, dez escolas foram premiadas, duas em cada categoria. Assim, para a cerimônia de premiação realizada na UFSCar, compareceram dez educadores, representando as instituições vencedoras. Para além da celebração organizada pela equipe do *#CasaLibras* na universidade, diversas redes municipais promoveram eventos locais em homenagem aos estudantes e professores premiados, com ampla divulgação em redes sociais, veículos de comunicação e, em alguns casos, até em programas de televisão. Essas ações capilares, realizadas em distintos territórios do país, estão registradas nas matérias publicadas em nosso site, reafirmando o alcance e a relevância nacional do projeto.

As práticas pedagógicas apresentadas demonstraram elevado grau de sofisticação, sensibilidade estética e atenção à visualidade e à multimodalidade que compõem o universo da educação de surdos. A crescente cooperação entre docentes surdos, ouvintes bilíngues e intérpretes de Libras e as ações educativas a partir da Libras revelam um amadurecimento na compreensão do modelo bilíngue e de suas exigências, conforme previsto na legislação vigente.

Que esta obra, agora encerrada em palavras, vídeos, sinais, imagens, arte e literatura surda, siga como fonte de inspiração para novas formações, pesquisas e ações educativas que reconheçam a diferença como princípio e a escuta das línguas e vidas surdas como prática de justiça.

Porque uma escola que valoriza a Libras é também aquela que aprende a ver com outros olhos, a ouvir com outros signos, a ensinar com outras mãos e a valorizar a vida na diferença.

Vanessa Regina de Oliveira Martins

Regina Célia Torres

Clarissa Bengtson

Posfácio

Prof. Dr. Leonardo Peluso

Universidad de la República (Udelar), Uruguay

O livro *Retratos de uma Educação com Surdos: Boas Práticas no 3º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras*, organizado por Vanessa Martins, Regina Torres e Clarissa Bengtson, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Brasil, insere-se no campo interdisciplinar dos Estudos Surdos, articulando ciências da educação, filosofia, arte, literatura, linguística, antropologia, ciência política e arte.

A partir da realização do 3º Campeonato para estudantes surdos, organizado pelo #CasaLibras (UFSCar), que teve como foco a literatura e a arte em língua brasileira de sinais (Libras), com produções gravadas nessa língua, o livro convocou à reflexão diversos grupos de pesquisa na área dos Estudos Surdos, de diferentes centros universitários, bem como instituições de Educação Básica para surdos que participaram do Campeonato. Essa diversidade dos grupos convidados a participar do livro permitiu refletir sobre o Campeonato tanto no plano teórico – especialmente em torno da *textualidade diferida* em Libras e da literatura surda nessa língua – quanto no plano metodológico e prático, uma vez que, para as escolas de surdos, participar do Campeonato significou assumir o desafio teórico e técnico que ele

implicava, articulando sua proposta pedagógica com a busca pela consolidação de espaços pluriletrados.

O marco geral do livro é o *pensamento rizomático* e a *ontologia da diferença*, e a partir dele se assumem dois pressupostos centrais, ao mesmo tempo científicos e políticos:

- a comunidade surda no Brasil é uma comunidade que se constitui em torno da Libras e de outras línguas de sinais emergentes;
- as gravações em Libras constroem textualidade diferida que, assim como os textos escritos, compõem a cultura letrada.

O livro divide-se em duas partes distintas, mas profundamente articuladas entre si. Na primeira parte, estabelecem-se as bases teóricas, artísticas e políticas da proposta. Realiza-se uma profunda reflexão sobre a poesia em Libras produzida por Cláudio Mourão, a partir de uma *perspectiva rizomática* e do conceito de *sinalização menor*, evidenciando as particularidades políticas e diferenciais de uma fala e de uma literatura dissidentes. Além da análise, compreendo que esse trabalho contribui para o movimento científico-político de instituir a noção de literatura surda, fundamental para compreender os processos atuais pelos quais transita a cultura surda.

Na segunda parte, são apresentadas experiências em sala de aula desenvolvidas a partir do referencial teórico proposto e da vivência com o Campeonato. Tais experiências evidenciam a importância metodológica e política da introdução das gravações

em Libras no trabalho escolar e a necessidade de avançar rumo a modelos plurilíngues e pluriletrados que respondam ao desenvolvimento atual da cultura letrada surda e às sensibilidades da comunidade que a sustenta.

A diversidade buscada pelas organizadoras ao propor este espaço de reflexão, análise e escrita faz do livro um lugar plural, no qual dialogam diferentes vozes, diferentes instituições e tipos de instituições, diferentes formatos, estilos e trajetórias acadêmicas.

Ao ler o livro, celebrei particularmente esse aspecto de pluralidade e dissidência. Enfrentamos um mundo acadêmico que tem perdido sua dimensão artística e amorosa, transformando-se em um sistema industrializado, medido pela eficiência e pela produtividade, que promove a homogeneização de estruturas, estilos e formatos, em que vale mais o nível acadêmico de quem escreve do que o conteúdo efetivo de sua produção. Frente a esse mundo acadêmico desumanizante, esta proposta marca uma posição política clara de dissidência, de resistência, de reconhecimento e propõe um espaço de encontro solidário, de partilha em equidade, de construção coletiva.

Como já indicado, este livro ancora-se no *pensamento rizomático* e na *ontologia da diferença*, como evidenciam os autores nos diferentes capítulos, mas também se inscreve, por sua postura dissonante, no conjunto da epistemologia decolonial, tão relevante no pensamento latino-americano contemporâneo, e na pedagogia do esperar.



Sobre as Organizadoras



Vanessa Regina de Oliveira Martins

Realizou Pós-doutorado Sênior com financiamento pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2023-2024). Doutora (2013) e, Mestra (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) (2004). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica - Atualize/Unibem (2007). Cursando Especialização em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) (iniciado em 2023). Professora Adjunta IV no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (DPsi/UFSCar). Atualmente, coordena o Curso de Especialização em Educação de Surdos em Abordagem Bilingue (Libras/Língua Portuguesa) EducaSurdos, oferecido na modalidade a distância pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) da UFSCar, conforme o Edital de Abertura n. 146/2024/SEaD/R. Coordenou o Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP/UFSCar) (2019-2023). Docente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs/UFSCar). Coordena o Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi/UFSCar/CNPq). Membro da Comissão Editorial da Revista de Educação Especial (UFSP) - Editora de Seção. Coordenadora e criadora do programa de pesquisa e extensão #CasaLibras (UFSCar/FAPESP/PROEX). Membro do Grupo de Trabalho "Política Nacional de Educação Bilingue de Surdos" - Grupo Consultivo MEC/SECADi/DIPEBS. Coordenou um Grupo de Estudos em Educação e Filosofias da Diferença (GEEFiDi/UFSCar). Membro e pesquisadora da Rede de Investigação em Inclusão,

Aprendizagem e Tecnologias em Educação (RIIATE/UNISINOS). Membro avaliadora Ad hoc de projetos de pesquisas submetidos à FAPESP e de Iniciação Científica, submetidos à Editais CAPES pela UFSCar. Possui experiência docente na área da educação bilíngue de surdos (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental); na formação na área social da surdez; na formação de tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais; na formação para educadores bilíngues de surdos e professores de Libras. Possui experiências como tradutora e intérprete de língua brasileira de sinais em diferentes áreas, com maior ênfase na interpretação em contextos de ensino. Áreas de interesse de estudos e pesquisas: Filosofias da diferença; Educação de surdos e educação inclusiva; Intérprete de língua de sinais em contexto de ensino; Educação bilíngue de surdos; Relações de saber e poder no contexto educacional; Educação e diferenças; Práticas pedagógicas; Letramento multimodal e Pedagogia surda.



Regina Célia Torres

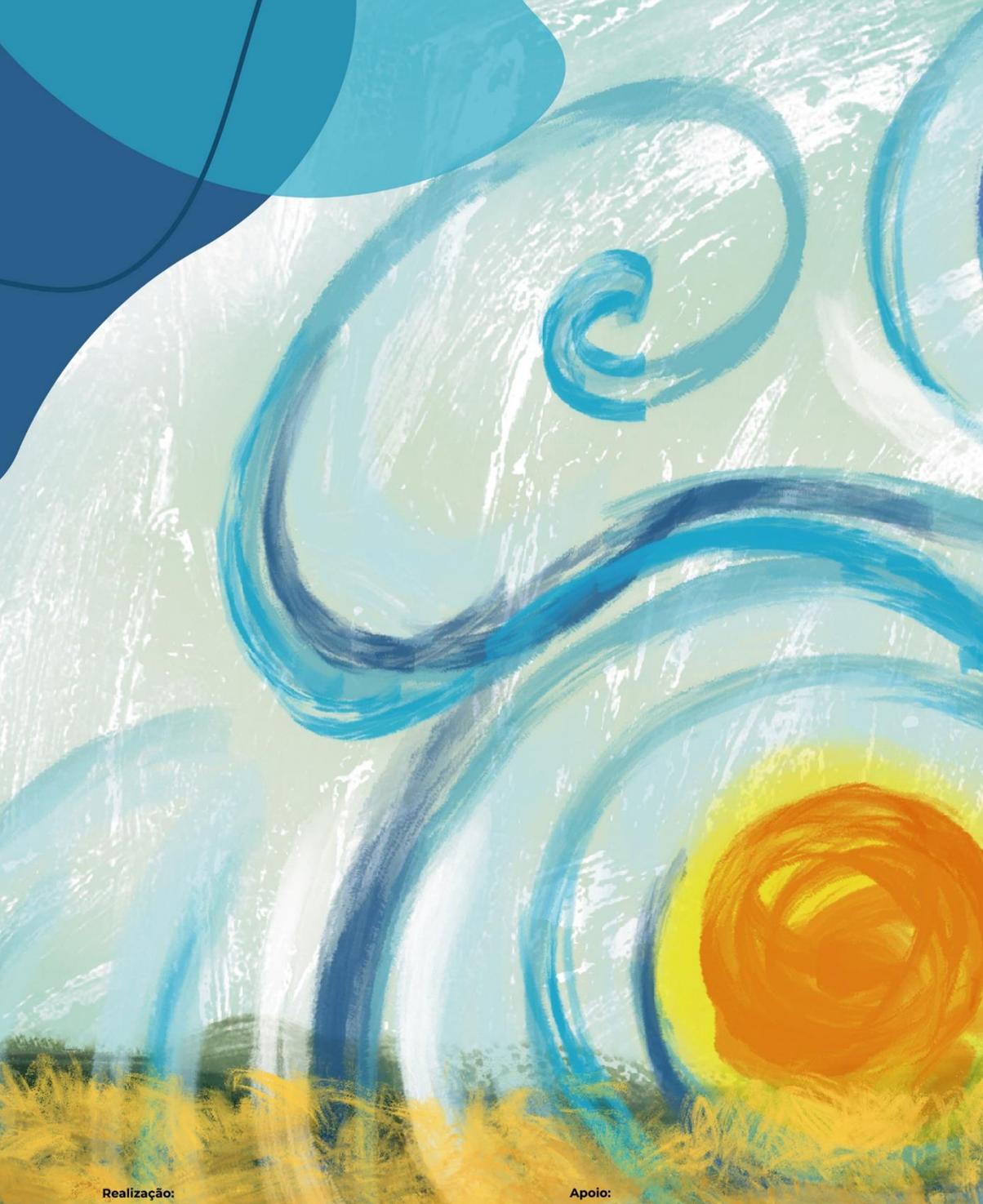
Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs / UFSCar), na linha de pesquisa Produção científica e formação de recursos humanos em Educação Especial. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica (EESC/USP), Especialista em Design Instrucional pelo Centro Universitário Senac e Graduada em Desenho Industrial, com habilitação em Programação Visual, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente ocupa o cargo de Programadora Visual na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atuando junto ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa (TILSP/UFSCar), onde é responsável pela área técnica audiovisual e pela

produção de novos recursos midiáticos. Membro do Grupo de Pesquisa Surdez e Abordagem Bilingue (GPSAB) e do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi), ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui experiência de 20 anos no desenvolvimento de projetos integrados na área de Design, através da criação de Identidade Visual completa, de material gráfico de divulgação, de site institucional, de sinalização, de e-commerce e interfaces gráficas para softwares e aplicativos mobile, com maior ênfase no contexto do ensino superior. Áreas específicas de estudos e pesquisas: design no contexto educacional; educação de surdos e educação inclusiva; intérprete de língua de sinais em contexto de ensino; educação bilíngue; letramento visual e surdez.

Clarissa Bengton



Graduada em Letras com Habilitação em Português/Espanhol e em Pedagogia. Mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFSCar) e pós-doutora pelo Departamento de Psicologia (DPsi-UFSCar). Professora no curso de segunda licenciatura em Educação Especial (CSEEsp/D-UFSCar) e no curso de especialização em Educação e Tecnologias (EduTec-UFSCar). Gestora EaD nos cursos de segunda licenciatura em Educação Especial (CSEEsp/D-UFSCar) e de aperfeiçoamento em Alfabetização para Estudantes com Deficiência (AlfaDef-UFSCar/Semesp-MEC). Pesquisadora no Projeto de Desenvolvimento Institucional (ProDin-UFSCar), intitulado "Acessibilidade na UFSCar: construção de Recursos Educacionais Abertos" e membro do GTI-Acessibilidade-UFSCar. Faz parte do Conselho Editorial da EDESP-UFSCar.



Realização:

Apoio:

